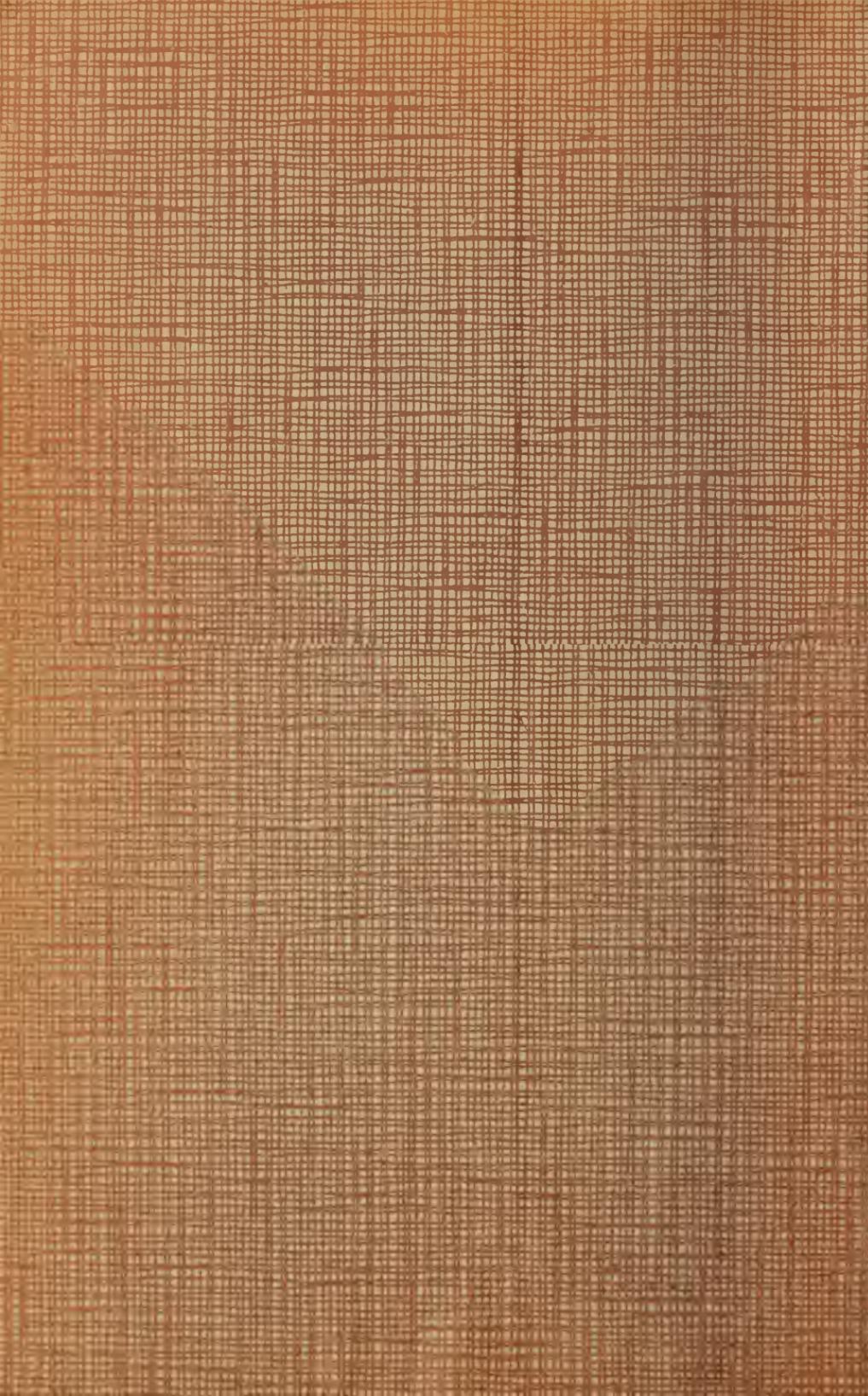


3 1761 07046975 4



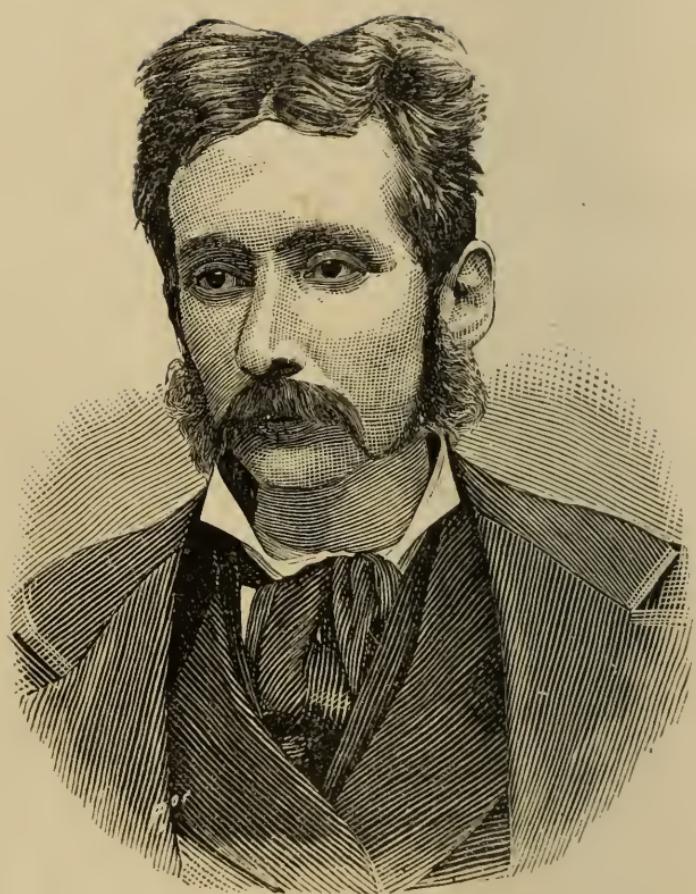




O QUE ANDA NO AR







ALBERTO PIMENTEL

---

---

# O QUE ANDA NO AR

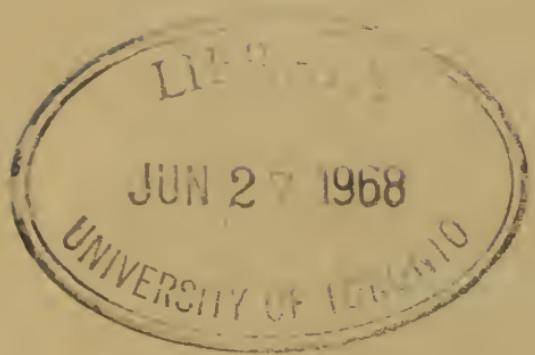
**Anda uma coisa no ar.**

**BISPO DE VIZEU.**



OFFICINA TYPOGRAPHICA  
DA  
**Empreza Litteraria de Lisboa**  
1 a 5, Calçada de S. Francisco, 1 a 5

PQ  
9261  
P46  
02



*Ao Illmo<sup>o</sup> e Ex. <sup>ma</sup> Sr.*

ANTONIO MARIA DE FONTES PEREIRA DE MELLO

**Off.**

O author.



# PREFACIO

---

Na sessão da camara dos dignos pares, de 12 de fevereiro d'este anno, o sr. bispo de Vizeu proferiu, com a sem-cerimonia bernarda que todos lhe reconhecem, uma phrase que adquiriu desde logo fóros de grande popularidade: *Anda uma coisa no ar.*

Como acontece com todos os oradores parlamentares da sua força, o sr. bispo fez dois discursos n'um só dia: um para a camara, outro para o *Diario das sessões*. De modo que aquella celebre phrase, na sua transplantação para o *Diario*, perdeu muito do seu rude sabor nativo. O que é certo, porém, é que ficou, não como appareceu escripta, mas como fôra pronunciada.

Durante muitos dias, nos botiquins, nos theatros, nos clubs, nos serões de familia, finalmente, em todos os circulos de conversação, a phrase episcopal foi discutida, desmiolada, estudada profundamente. E um grave problema de sociologia se impoz á perspicacia de Lisboa inteira: «Qual era a coisa que andava no ar?»

As respostas variavam segundo os pontos de vista de cada um. Quanto a mim, agora como então, o que anda no ar, em todos os tempos, são principalmente as idéas e, accidentalmente, as moscas.

Quer-me parecer que as idéas fluctuam no ar ambiente, como pequenos seres alados, microscopicos. Esta é tambem a opinião de Emilio Deschanel. Uma vez absorvidas, encarnam-se, para assim dizer, na individualidade de quem as absorveu; tomam o seu feitio, o seu *cachet*, isto é, o seu *estylo*. Sterne gabou-se de ter assimilado mais de uma idéa que fluctuava no ar, e que era talvez destinada a outra pessoa.

Ha, porem, individuos refractarios á assimilação das idéas, por predisposição do seu organismo. Esses taes contentam-se de caçar moscas. Ao passo que o imperador Domiciano se entretinha a apanhal-as e a atravessal-as com um ponteiro, um jornalista gasta a sua vida a

dar caça ás idéas que passam fluctuando, para atravessal-as depois com o bicco da sua penna.

Cada dia que chega traz uma idéa nova. O jornalista deve estar preparado, com o seu arco e a sua frecha, para fazer-lhe pontaria, como Guilherme Tell ao chapeu de Gessler. Se realmente tem vocaçao para o seu modo de vida, elle deve acertar essa idéa que passa, atravessal-a com a sua penna ou com o seu lapis, fixal-a sobre o papel como uma borboleta morta sobre o cartão. Feito isto, a idéa fica, a historia fugitiva da humanidade, fixa-se.

O jornal é um verdadeiro e grandioso livro, —a chronica da evoluçao das idéas nas sociedades modernas.

John Lemoine, entrando na Academia Fran-  
ceza em 1876, recommendedo unicamente pelo seu simples titulo de jornalista, dizia: «*Plus d'une fois, quand on me suggérait l'ambition de siéger parmi vous, on m'a dit: «Faites donc un livre!» Mon livre, messieurs, je l'ai fait tous les jours pendant trente ans, et je vous remercie de l'avoir découvert.*»

Antigamente, só ficavam assinaladas na historia da humanidade as idéas que produziam os grandes abalos sociaes. Por isso acontece que entre dois factos capitaes da historia antiga se sente hoje um enorme vacuo. Saber

justamente o que se passou n'esses periodos obscuros, n'esses intervallos fugitivos, é na actualidade uma das maiores preoccupações da sciencia. Por meio da excavacão archeologica, estamos reconstruindo as sociedades extintas, averiguando o que ellas faziam, o que pensavam, o que produziam na sua vida usual.

No momento em que vivemos, as mais simples, as mais insignificantes idéas que passam, ficam photographadas no jornal. N'essa folha de papel cheio de caracteres typographicos, que todos os dias nos é distribuida, entramos pelo futuro dentro na mais minuciosa realidade da nossa existencia. Os vindouros ver-nos-hão taes quaes fomos, viverão no seio da nossa sociedade retrospectiva, e d'este modo, graças ao jornal, não haverá solução de continuidade na historia da humanidade, das suas idéas e dos seus factos.

Lemoine observa:

«O jornal, isto é, a palavra quotidiana, instantanea, veio corresponder ás exigencias d'uma civilisação nova cuja velocidade foi decuplada, centuplicada pelos milagres da sciencia. A imprensa seguiu uma linha parallela á do vapor e da electricidade.»

Os processos de trabalho jornalistico obrigam portanto a uma rapidez que difficilmente

se pode alliar com a correccão. Amanhã, os astronomas annunciam um eclypse do sol, por exemplo, e o jornalista tem que realizar em vinte e quatro horas uma viagem de trinta e sete milhões de leguas, que levaria tres seculos e meio a fazer em caminho de ferro, para que, partindo da terra em direcção ao sol, possa informar-se devidamente sobre esse acontecimento solar.

Mas se por um lado o jornal perde por haver sido escripto sobre o joelho, sem retoques primorosos d'estylo, sem o *acabado* paciente da fórmula, ganha por outro lado pela comprehensão prompta da idéa assimilada, pela influencia que necessariamente deve exercer nos espiritos que primeiro impressiona, e sobretudo como base ethologica para o estudo completo da sociedade que photographa.

Sendo aliás simples na sua elaboração, o jornal é um producto complexo do espirito humano. É uma caracteristica da raça, um indicador do *meio* climatologico em que foi produzido, confirma plenamente a verdade contida n'este verso de Boileau:

*Les climats font souvent les diverses humeurs.*

Os jornaes do norte da Europa estabelecem

perfeitamente, comparados com os do meio-dia, as diferenças physicas e moraes que caracterisam entre si os áryas do occidente.

A imprensa periodica circumscripta á zona geographica comprehendida entre a Mancha, o Rheno, o Tyrol, os Apenninos, o Mediterraneo e o Atlantico destaca-se essencialmente pela sua alegre vivacidade, pelo tom ligeiro da phrase, pela impressionabilidade do seu temperamento.

Foi baseado n'esta observação que eu me lembrei de ferir mais accentuadamente na imprensa diaria a nota alegre que caracterisa a nossa raça. Para os povos neo-latinos torna-se preciso um derivativo aos estudos graves e serios da administração publica. É indispensavel atacal-os pela corda sensivel dos seus entusiasmos, fallar-lhes á imaginação, predispol-os para que entrem desenfadados no campo árido dos negocios publicos. E, sob este ponto de vista, pareceu-me que fazia um tal ou qual serviço politico ao meu partido. Para conseguir esse *desideratum* servi-me de todos os meios a elle conducentes, menos da calunnia. Não quiz offendre ninguem; a minha intenção não foi aggressiva. Appellei muitas vezes para a ironia, cujas virtudes eu tinha lido em Proudhon, para o paradoxo, que tem ás vezes uma

acção efficaz, para o epigramma que, longe de ser uma injuria, é frequentemente um correctivo. O *castigat ridendo mores* ha de ser uma verdade eterna.

Partindo d'esta serie de idéas, criei no *Jornal da noite* a *Gazetilha do dia*, que tive de abandonar mais tarde, e no *Diario Illustrado* o *Kalendario alegre* e o *Atravez da imprensa*, que sustento ainda. Todas estas secções ficaram, foram bem recebidas, encontraram apoio na nossa característica vivacidade peninsular. Os jornaes que vieram depois, ou que posteriormente se reorganisáram, reconheceram a necessidade de afinar por este diapasão, e estabeleceram secções identicas.

Pareceu-me tambem que, debaixo d'este ponto de vista, o jornal ficava mais completo. Todas as coisas, por mais graves que sejam, tem um reverso comico. Sendo o jornal a photographia dos acontecimentos, devia, para ser exacto, copiar ambas as faces de Jano. Assim, enquanto no artigo de fundo são postas e tratadas as mais importantes questões da administração e da politica, os assumptos de ordem e de moralidade publica, outra secção do mesmo jornal apanha o traço ridiculo dos homens e das coisas, e assignala-o á irrisão dos leitores marcando-o com a sarja de uma

gargalhada franca e sonora, que pode vir a ser um cauterio.

N'este livro ficam, pois, agrupadas muitas das idéas que durante dois annos da minha vida jornalistica passáram por deante de mim. Abstive-me do exclusivismo politico, não só para tornar mais variada a leitura, como tambem para reproduzir a verdade das minhas impressões, porque, algumas vezes, entre os factos politicos que me sahiam ao encontro, um assumpto essencialmente litterario apparecia. No campo da observação, tanto se offerece ao nosso estudo a comedia como o romance.

Uma ou outra vez, uma ligeira sombra de tristeza vem poisar sobre o livro. É a verdade da photographia;—e o jornalista deve ser um photographo. Assim como seria falso ficar eternamente a chorar sobre um assumpto, igualmente o seria passar por todos os assumptos sem encontrar uma lagrima.

Na parte politica d'este livro, as minhas ligações de partido accentuam-se. Não comprehendo um homem novo inteiramente indiferente ao meio politico em que vive. Tambem o não comprehendo fluctuando na indecisão da escolha entre os partidos militantes. Se eu sei distinguir o melhor do peior, affirmaria a minha imbecilidade trocando o melhor pelo

peior, ou indo mesmo lançar-me nos braços do pessimo para me collocar n'uma evidencia idiota.

Poderá comtudo ser notado que um rapaz fosse alistar-se nas fileiras de um partido a que chamam conservador. O facto é justificavel; a denominação dada ao partido é que o não é. Nós vimos de 1851, da radicação efficaz do constitucionalismo portuguez, da origem historica de todos os grandes progressos do paiz. Os progressistas somos nós. Dedico este livro a Fontes Pereira de Mello porque elle, sendo um dos factores politicos do movimento regenerador, tem sido o mais poderoso elemento da sua acção benéfica no decurso de trinta annos; é a sua encarnação. Depois de Passos Manuel eu não conheço, na moderna historia politica de Portugal, homem que tenha mais larga comprehensão da complexidade dos negocios publicos. É um homem de acção, de talento, de probidade. Offerecendo-lhe este livro, que é o producto do meu trabalho, eu reconheço o seu, que é o titulo da sua gloria.

Lisboa, maio de 1884.

Alberto Pinewell.



# I

## Concerto matutino

(Pagina arrancada ao memorial d'um solteirão)

Só duas vezes na minha vida tenho visto amanhecer, e confesso francamente que não gosto.

Uma foi na rua dos *Condes*, n'uma antiga *magica* em que a Soller entrava.

A outra foi em S. Carlos, no *Propheta*.

Tambem me recordo de ter encontrado uma descripção d'esse phemoneno natural n'um romance, cujo nome me não lembra, e que principiava assim: «Amanhece. O sol ascende no ceu como uma alampada de ouro, etc».

Em verdade, se o que eu vi no theatro corresponde de algum modo ao que se passa na natureza, o sol nascente deve parecer uma alampada de latão içada por um sachristão invisivel.

Não gosto.

Acho um espectaculo de cosmorama mecanico, muito bom para saloios e para a feira de Belem, a pataco por cabeça; uma especie de batota astronomico, de enigma figurado, em que é preciso saber responder a esta pergunta: «Como é que uma cousa pode subir sem andar?»

A ser exacta a descripção do romance, Deus quiz tornar este espectaculo extraordinariamente espaventoso, e agrupou n'elle todos os elementos que podiam fazer effeito e embasbacar a humanidade. Deus carregou a mão no maravilhoso: O globo do sol subindo. Côres de um tom brilhante alternando-se no ceu. As aves gorgeiando. Os objectos discriminando-se pela accentuação dos contornos. As flôres lançando no ar uma respiração perfumada. Finalmente, um idyllio massador pela opulencia da rhetorica: o *Palémon* de Gessner em acção. Puff!

\*

\* \* \*

Mas, pela theoria das compensações, se não vejo amanhecer, sinto amanhecer quasi todos os dias.

O diabo do cognac excita-me, e o sonno precisa da molleza da manhã para se apossar de mim. Estendido na cama, deixando-me afofar regaladamente no meu bello colchão de sumauma, ouço por

algum tempo o concerto matinal, e ás vezes, se estou de pachorra para isso, philosópho o meu bocado. Quer dizer: se tenho idéas; porque ha certos dias em que me deito sem ellas. O cognac afoga-as. Espero ainda que algum grande bebedor invente um salva-idéas para os naufragios de botiquim.

A primeira nota do concerto pertence ao gallo! Ah! eu adoro o gallo! É um sultão, de turbante encarnado, um verdadeiro padichah, mais feliz do que o monarca ottomano, porque está isento das impertinencias do divan. Tem um grande sentimento da natureza, e goza-a n'uma plenitude poderosa. Parece ter tambem a consciencia da sua força e da sua elegancia: lança os pés cadenciadamente, com a solemnidade com que os antigos capitães-móres lançavam as suas pesadas botas de cano alto. Os esporões completam a illusão.

Em virtude do seu grande sentimento da natureza, fareja a manhã e canta saudando-a. Aproveita a luz. Como a sua vida é gosar, não quer perder tempo. A sua voz desperta as gallinhas, convida o harem a entrar no exercicio das suas funcções. E sente-se orgulhoso quando as odaliscas, sacudindo o pó da capoeira, correm para elle, como para um beija-mão matutino. Magnifico! Eu preferia ter nascido gallo, porque ao menos a minha lista civil seria bem menos dispendiosa!

\*

\* \*

Correspondendo ao grito do seu monarca, as gallinhas cacarejam.

Começo por declarar que só gosto das gallinhas em cabedella. Acho-as insignificantemente passivas e faceis. Com a sua vozinha de falsete, fazem-me lembrar as mulheres dos bairros infamados quando, não tendo bebido aguardente, cantam as operetas da *Trindade*.

Teem um andar de tolas, de *grisette* devassa. Andam a offerecer-se a qualquer coisa: ao gallo ou ao espeto. A unica coisa boa que ellas fazem são os ovos.

\*

\* \*

O meu visinho visconde tem uma grande quantidade de patos. Grasnam diabolicamente como outras tantas matracas. Mas na sua voz desagradavel ha uma certa nota de energia, como na voz de um allemão. Sente-se um animal valente, um nadador vigoroso, feio mas forte, e saboreia a gente, mentalmente, um succolento arroz... com elle dentro. Confessando mais uma vez que acho o pato muito feio, não posso tambem deixar de confessar que o estimo tanto como ao bull-dog.

\*

\* \*

Depois chega o compasso dos perús, que contribuem para o concerto matutino com os seus *gró-gró* gutturaes, como o ruido d'um gargarejo. São uns tolos e uns bebedos estes perús. Enfatuados como um diplomata, ou antes, como todos os diplomatas. Fallam de papo e, como se sabe, não dizem nada que preste. Morrem ordinariamente como qualquer borrachão das duzias, isto é, cheios de vinho. E tão pedaços d'asno que nem ao menos percebem que a gente os embebeda para em seguida os matar!

Porque, se percebessem, não bebiam. Parece-me que isto é logico.

\*

\* \*

Os pavões lançam tambem n'esta grande orquestra matinal os seus agudos gritos. A natureza deu-lhes em cauda o que lhes tirou em harmonia, como acontece com os bispos que não teem boa voz. Na especie humana tambem ha pavões; ha mesmo muitos, e por isso parece-me injustiça continuar a dar este nome a um só homem da nossa politica, como até agora se tem feito. De mais a mais, o individuo a quem me refiro serve para al-

guma coisa, ao passo que os pavões não servem para nada. Mas hão de concordar que ha n'este mundo uma boa porção de homens que servem para tanto como os pavões. Por exemplo, eu e os meus amigos. Que diabo tenho eu feito? Gastar a herança de meu pae? Não mereço elogios por isso. Os meus amigos, se não gastam tambem a herança de meu pae, é porque não são meus irmãos. Mas gastam outras heranças, e o tempo. De vez em quando emplumo-me para fazer alguma conquista, para paracer mais rico... do que sou. Depois recolho a cauda. Quanto a voz, orça pela do pavão, com a diferença de que a minha está um pouco-chinho mais estragada, sobretudo em dias de nevoeiro.

\*

\*   \*

Algumas manhãs, o meu cavallo, as egoas do visconde relincham. Bravo! Que possante voz a d'estes animaes! Não ha barytono que me satisfaça tanto. A sua voz é a voz dos fortes. Sentem-se os seus bellos pulmões, a sua musculatura de aço, a sua força e a sua elegancia. *Relampago*, o meu cavallo, parece dizer-me relinchando a essa hora: «Patrão, cá estou prompto!» Algumas vezes tenho-me lembrado de aproveitar o convite, e de dar um passeio matutino pela primeira vez na minha

vida. Mas depois lembro-me de que não gosto da aurora, e não vou. Outras vezes chega a parecer-me que o *Relampago* relincha para me dar a seguinte noticia: «Patrão, os crédores ainda me não levaram!»

\*

\* \* \*

Porque, n'este concerto matinal, ainda faltam os crédores.

Os scelerados vem pela manhã, muito cedo, para me atormentarem, para me não deixarem dormir, como se um homem cheio de sonno tivesse vontade de pagar!.

Umas vezes é o alfaiate, outras vezes é o sapateiro, que naturalmente se recolhem da noitada ou já vão para as hortas. Bebedos! A engommadeira do 3.<sup>º</sup> andar não deixa de bater-me á porta, quando vem das compras, e de gritar com o seu tiple desesperador: «Sr. Arnaldo, veja se me paga as camizas!» Depois, durante o dia, voltam ao seu modo de vida, e deixam-me em paz. E, todavia, o que é mais original é que eu continuo a ter alfaiate e sapateiro e engommadeira: porque, se não continuassem a fiar-me, perdiam a esperança de receber um real. O mais que lhes pode acontecer é não receberem nenhum.

Agora tambem eu resolvi accrescentar por mi-

nha vez uma nota ao grande concerto matutino. Quando a engommadeira bate á porta, responde-lhe cá de dentro, com voz de stentor: «Vá para o diabo! não me acorde, que estou a dormir!»

Ás vezes o *Relampago* acompanha-me, relinchando. Que bella ironia para um créдор!

Decididamente, o *Relampago* é um cavallo digno da minha estima, e por isso mesmo nunca lhe faltarei com a ração, para o não obrigar a ser meu créдор.

É a maior prova de amizade que posso dar-lhe!

## II

### O Jacaré do Sr. Marianno de Carvalho

(Outubro de 1879)

Lisboa está sendo o *rendez-vous* de todas as feras africanas. O vapor *Bengo* acaba de trazer de Loanda mais uma: é um jacaré sobrescriptado para o sr. Marianno de Carvalho.

Não ha no que afirmamos a menor insidia. O *Diario de Noticias* dizia hontem em duas simples linhas:

«No vapor *Bengo* veio de Loanda um jacaré para o sr. Marianno de Carvalho.»

Este laconismo do nosso collega é proprio da sua ingenuidade caracteristica. Nós, porém, menos puro talvez, desconfiamos da marosca.

Uma pergunta nos ocorreu logo: para que veio o jacaré?

Para o sr. Marianno de Carvalho o domesticar e trabalhar com elle em publico?

Não. Porque seria esse um mau negocio, attenta a concorrencia do capitão Boone e de miss Milli Carlota.

Para o levar para o *Diario Popular*, educando-o a seu modo, e fazendo d'elle um jornalista de truz, que o possa ajudar nas lides jornalisticas futuras?

Não. Porque d'esse modo, alem de offendere a susceptibilidade dos collegas, poria em risco a vida de suas ex.<sup>as</sup>, logo que o jacaré acabasse de devorar o nariz do sr. Minhava.

Para o levar comsigo ao ministerio do reino, a fim de fazer conter em respeitosa submissão o sr. José Luciano de Castro?

Não. Porque n'esse caso o sr. José Luciano de Castro pediria logo o auxilio da guarda municipal a fim de não ser comido mais uma vez.

Para que o substitua na regencia da cadeira da Escóla Polytechnica enquanto o partido progressista estiver no poder?

Não. Porque n'esse caso os alumnos da Escóla Polytechnica achariam uma certa diferença para peior, e protestariam energicamente contra a substituição.

Então para que ?

Ah ! uma idéa ! Nós tivemos uma idéa, graças ao jacaré do sr. Marianno de Carvalho !

A casa de sua ex.<sup>a</sup> está sendo invadida pela turba multa dos galopins eleitoraes, que desejam ser embolsados da importancia dos seus serviços, prestados ao governo por occasião das ultimas eleições geraes.

Ia uma inferneira, uma balburdia de todos os diabos !

O sr. Marianno de Carvalho não podia comer, não podia dormir, não podia estudar.

Afflicto, desesperado, senta-se á banca e manda dizer para um amigo de Loanda:

«Amigo e sr.

Mande pelo primeiro paquete uma fera, um leão, um tigre, um jacaré, um diabo qualquer, que metta medo a muita gente. Fins occultos. Avise da chegada.

Fulano.»

Em Loanda mecheu-se tudo para arranjar uma fera até á partida do *Bengo*. Appareceu um jacaré; foi logo filado, e mettido a bordo.

Resposta do amigo de Loanda:

«Ahi vae jacaré; ferocissimo. Come muito. Dê-

lhe artigos de fundo e calculos. Se lhe puder dar orçamentos, melhor; mas desconfio que não possa, por haver ahi muito quem queira. Está a partir o paquete.

Fulano.»

Chegado a Lisboa, o jacaré foi recatadamente conduzido para a rua dos Cardaes. Ainda assim, o sr. Eduardo Coelho estava á janella, e lobrigou-o.

No dia seguinte, o sr. Marianno de Carvalho mette o jacaré a traz da porta. Vem os primeiros eleitores, puxam a campainha, a porta abre-se mansamente, o jacaré mette a cabeça, escancára as guellas, e faz:

—Haam.

Os galopins fogem precipitadamente, e o jacaré, sorrindo para o sr. Marianno de Carvalho, fecha a porta.

D'ahi a momentos: tlim, tlim. Outra vez a campainha. O jacaré vai-se amestrando. Abre a porta sem se mostrar. O galopim bate com a bengala n'um degrau da escada, petulantemente. Deseja saber, precisa saber, diz elle, quando s. ex.<sup>a</sup> o despacha guarda da alfandega a cavallo. De repente, o jacaré empina-se, abre as goellas, e o galopim vê ao pé de si, á distancia de dois palmos, a terrivel fera, que o ameaça com um retumbante:

—Haam!

O galopim, deitando a fugir, mostra que será um excellente guarda da alfandega... mesmo a pé.

Se não é para isto, então não sei para que seja o bicho.

\*

\* \* \*

Desde os mais tenros annos revelou este jacaré a mais extraordinaria sagacidade. Se entre os jacarés houvesse politica, dir-se-hia que tinha nascido para politico. Quanto pode a predestinação! Na impossibilidade de ser elle proprio politico, veiu reunir-se a uma das mais distintas individualidades politicas de Portugal. Veio completal-a. Socrates, o grande philosopho, tinha o *seu diabo*; o sr. Marianno de Carvalho, o grande politico, tem, desde a chegada do vapor *Bengo*, o seu jacaré.

Predestinado para as subtilezas da alta politica, o jacaré de que estamos tratando identificou-se facilmente com o seu destino. Já hontem leu, saboreando, o artigo de fundo do *Diario Popular*. Não mostra a menor saudade da sua terra natal; não dá, por emquanto, o menor signal de nostalgia. Dir-se-hia que tinha achado o seu meio. Pediu penna e papel, e esteve esboçando um artigo sobre a dissolução da camara municipal. Coisa feroz.

Agradou muito ao sr. Mariano de Carvalho. O sr. Ressano Garcia tambem gostou muito do bicho e da prosa. O jacaré apertou a mão do sr. Ressano e disse-lhe, com grande convicção: «*Tu Marcellus eris*». O sr. Ressano saiu muito lisonjeado.

Á tarde, o sr. Marianno de Carvalho levou o seu hospede a casa do sr. Barros Gomes. O jacaré, logo que viu o orçamento sobre uma meza, abriu as fauces para elle. Foi muito applaudido.

O sr. Marianno disse então para o sr. Barros Gomes: «Deixe estar; tem *homem* para o *deficit*». Referia-se ao bicho. Depois sahiram todos tres, e foram a casa do sr. ministro da guerra. S. ex.<sup>a</sup> estava a atirar ao alvo. O jacaré explicou, a propósito das eleições, que entre os da sua especie é costume rugirem tres vezes antes de se devorarem uns aos outros. O sr. ministro da guerra, lembrando-se da portaria dos tres rufos, ficou muito lisonjeado. Depois sahiram todos quatro, e foram a casa do sr. ministro da marinha. S. ex.<sup>a</sup> escutou com muito agrado o jacaré que largamente discursou sobre a navegabilidade dos rios de Africa. O sr. ministro aprendeu muito. Depois sahiram todos cinco, e foram a casa do sr. ministro das obras publicas. S. ex.<sup>a</sup> estava fazendo uma conta de juros. O jacaré apresentou-se muito bem. Fallou brilhantemente sobre o necessario desenvolvimento das obras publicas em Loanda. Chegou mesmo a

mosfrar conhecimentos especiaes. Vendo um theodolitho, que pertence ao sr. Elvino de Brito, e que estava a um canto da sala, chamou-lhe um *theodorico*. E provou que nós é que pronunciamos mal. O sr. Saraiva de Carvalho ficou espantado. Depois sahiram todos seis, e foram a casa do sr. presidente do conselho. S. ex.<sup>a</sup> estava redigindo uma nota sobre os negocios da Bulgaria. O jacaré explicou a verdadeira causa da guerra do Oriente. O assombro foi geral. Os srs. ministros abraçaram o sr. Marianno de Carvalho pelo achado que fizera. Depois sahiram todos sete, e foram a casa do sr. ministro da justiça, que estava jogando a *bisca de nove* com o sr. prior da Lapa. O jacaré quiz falar sobre a divisão comarcã, mas o sr. ministro tirou-lhe a vez, e principiou a discursar largamente. O jacaré adormeceu. O sr. Marianno de Carvalho explicou que era cansaço da viagem.

Às onze horas da noite, o sr. Marianno e o seu hospede despediram-se. O jacaré prometeu aos srs. ministros a sua coadjuvação franca e desinteressada. Hontem pela manhã, o sr. Marianno de Carvalho e o seu hospede deram entrada na redacção do *Diario Popular*, para onde o jacaré transfere a sua residencia, a fim de poder viver n'um meio mais litterario e politico. O seu mentor ficou sendo o sr. Minhava, que da melhor vontade mostra o jacaré a todas as pessoas que desejarem

vel-o. Entrada das 9 ás 3; meninos e soldados, meio preço.

O sr. Minhava, munido de uma carassa de arame, expõe, em poucas palavras, a historia do jacaré, e se o bicho dá signal de impaciencia ou de constrangimento, o sr. Minhava faz contel-o em respeito, açoutando-lhe o dorso com uma enorme peça de arame, que se alonga a meio comprimento da carassa, e que serve de bainha ao nariz do mesmo senhor.

Hontem foram talvez cerca de mil pessoas á redaçāo do *Diario Popular* para ver o bicho. Sahiram muito satisfeitas e espantadas. O producto das entradas vae ser remettido á direcção do theatro de S. João do Porto, para se proceder, n'aquelle theatro, aos concertos que os estragos causados pelo ultimo *meeting* tornaram urgentes.

Para que a fonte de receita seja maior, a redaçāo do *Diario Popular* dispensou o realejo.

Nós, pela nossa parte, julgar-nos-hemos felizes se, por este meio, podermos contribuir para atrair o publico ao largo de S. Roque.

### III

## A lenda de D. Mario Annes

(Novembro de 1879)

A noite estava escura, não precisamente como aquella casa do sr. Saraiva de Carvalho, mas o bastante para permittir que as janellas do palacio real palpitassem, vivamente illuminadas, sobre o fundo pardacento do horisonte, projectando sobre as aguas do canal mil reflexos iriados e ondulantes como pelliculas de ouro. As harmonias do saraui vinham espreguiçar-se na praia com o tenue som mavioso das ondas que soluçam morrendo, e atravez das janellas perpassavam rapidos, no turbilhão das danças, os gentis-homens de vinte annos levando nos braços as formosas açafatas toucadas de perolas.

Fóra, em baixo, as casas solitarias da povoação

agglomeravam-se no silencio do abandono. As ruas estavam desertas, os lampeões baloiçavam a sua chamma pallida, estirando sobre o lagedo sombras movediças e monotonas. Dir-se-hia que o vendaval da festa regia passára sobre a povoação arremessando para as nobres salas a fina flôr dos habitantes. Só nos tugurios dos pescadores bruxoleava a candeia do serão, e n'uma ou n'outra casa, como aquella em que vamos entrar, arquejava uma tremula luz envergonhada.

Entremos.

Sentada no seu *divan* escarlate, com a fronte apoiada nos braços, e os braços apoiados nos coxins, Hermengarda, prostrada por este aborrecimento que facilmente se converte em solomnencia, escutava o longinquo rumor do sarau bafejando uma respiração ás vezes suspirosa, como a de quem dorme um sonno a miudo interrompido por uma preocupação dolorosa.

De repente, batem á porta de uma maneira discreta, cautelosa. Então Hermengarda desperta sobresaltada, sacode dos olhos e dos braços o torpor que até ahi a prostrára, e caminha para a escada.

—Quem é? pergunta baixinho.

—Sou eu, respondem no mesmo tom discreto.

—Ah! és tu, D. Mario!

E um sorriso, d'estes que só mulheres sabem sorrir, mixto de alegria e colera, de amor e de

vingança, descerra os labios carminados de Hermengarda.

A porta rangeu docemente nos quicios.

D. Mario entrou, soltas as pregas do manto, descahido sobre a fronte o largo sombreiro negro.

—Ah! disse Hermengarda,—vendo-o, e reprimindo um turbilhão de pensamentos e de palavras —pareces um mascarado!

—E mascarado venho, quasi, para que algum raro pescador, encontrando-me nas ruas solitarias, não podesse dizer: «Ali vae D. Mario, o renegado, que nem em noite de festa pode entrar no palacio real!»

A estas palavras, o coração de Hermengarda deu um salto no peito. Foi como se lhe desatassem de improviso os laços que o comprimiam. Ah! indiscreto D. Mario, que foste provocar a tempestade latente! Agora, aguenta-lhe a bravura.

—Renegado, sim, disse Hermengarda. Eu comprehendo a necessidade do teu disfarce, Mario. Comprehendo-a tão bem como á profundesa do meu destino. Longa que farte tem sido a noite para que eu podesse estudar-me na tristeza, no desespero da minha situação... Não ouves? são as charamellas do paço. Não vês? É o resplendor das salas, o tumultuar dos convivas. Lá dentro a festa, os criados de libré scintillante, os nobres senhores de vistosos uniformes, de largas gran-cruzes

traçadas, as damas de frontes constelladas de perolas, de seios esculpturados a cinzel e emmoldurados em finas rendas de Alençon; pyramides de flores e de luzes encostadas ás colgaduras doiradas, painéis da Renascença desdobrando-se bellamente expressivos sobre as paredes vestidas de custosas tapeçarias. Á porta, as carroagens bazonadas, os cavallos das ordenanças, o borborinho do povo que contempla admirado as bellas mulheres que saltam do estribo dos trens ao tapete do átrio, acompanhadas por seus maridos, por seus paes, por seus irmãos, ministros, diplomatas, pares, deputados, titulares, burocratas de elevada cathegoria... E tu, D. Mario, tu cujo nome corre de bocca em bocca, tu que tens na mão o leme de tantos negócios de estado, tu cujo nome, se fosse repetido n'aquellas salas, poria n'ellas um receio, um terror como o nome de Marat nas de Luiz XVI; tu aqui, depois de haveres atravessado as ruas embuçado no teu manto negro, só para que te não chegue aos ouvidos, como uma recriminação da historia, esta phrase popular: «Só este não entra lá!» E eu, D. Mario, e eu, aqui, sosinha, ouvindo a musica das salas, vendo, atravez das vidraças, a turba-multa dos convivas, eu aqui, pensativa, desesperada, cheia de cólera, cheia de cólera, entedes, eu aqui, solitaria, privada de entrar os umbraes d'aquella casa, porque o teu procedimento me fechou as portas, que

outr'ora se me franquearam como áquellas que, mais ditosas que eu, e não mais dignas de certo, vejo perpassar ao longe...

D. Mario, calado, pensativo, escutava vivamente maguado.

—Sim, D. Mario, continuara Hermengarda, porque não se ama uma mulher para a arremessar á solidão, para a fazer cumplice, injustamente, dos desatinos de seu marido, para que o mundo lance sobre ella uma culpa que não tem, para que os convivas do saraú real digam ás bellas damas que passeiam atravez das salas: «Hermengarda não veio» deixando cair sobre o meu nome um sorriso de ironia que envolve a condenação dos teus im- petos raivosos e dos teus desacertos politicos.

E Hermengarda chorava.

D. Mario contemplava-a absorto na formosura das lagrimas. Ao passo que o seu coração era cruelmente atravessado, retalhado por esse punhal invisivel que se chama o *remorso*, o seu espirito, finamente argucioso, lucidamente perspicaz pro- curava um meio de se arrancar a tão violenta si- tuação.

De repente, D. Mario ergueu-se, deixando ficar pendente o manto apenas do hombro direito. Tinha alguma coisa de estatua antiga. Hermengarda olhou-o espavorida.

—Santo Deus! exclamou ella tremendo.

—Não tenhas medo, disse elle caricioso, tomando as mãos d'ella entre as suas. Ha uma solução possível para esta deploravel situação...

Hermengarda cravava nas faces pallidas de D. Mario um olhar ancioso, absorvente...

—Qual? interrogou ella suspensa.

—Uma...

Ella sorriu aquelle frio sorriso de duvida, que deixa os labios gelados.

—Tu sabes, continuou D. Mario cada vez mais caricioso, que eu já principiei a apontar ás iras do publico o conselho municipal? Sabes? Principiei a atiral-o ás feras, porque a opinião é como o oceano. Um sopro a encapella. Pouco importa que o vendaval venha da consciencia ou da ambição. O que se quer é enfurecer a vaga, é que a voragem se abra para tragar innocentes ou culpados. Ah! pobre conselho municipal! tu estás na minha mão, esmago-te—e cerrava os punhos—esmago-te, e arremesso-te ao abysmo. A historia é uma palavra vã, e a tua derrota ha de ser uma realidade...

—Mas o que tem o conselho municipal, perguntou angelicamente Hermengarda, o que tem o conselho municipal comigo, com a minha horrivel solidão?

—O que tem! repetiu D. Mario sorrindo. O que tem! Ora ouve-me, escuta-me; sentemo-nos, Hermengarda.

E sentaram-se ambos no *divan* escarlate. Elle cingiu-a com os braços ternamente, e disse:

—Sabes que o palacio municipal está quasi reedificado?

—Sei.

—Pois bem. Logo que esteja completo, o conselho municipal solemnisará a inauguração do seu edificio com um baile de uma grandesa extraordinaria...

Hermengarda levantou-se de golpe, como se houvera sido mordida por um vibora:

—Mais um baile! exclamou ella, mais um grande baile que continuará a ser para mim o suppicio de Tantalo!...

—Louquinha!—suspirou D. Mario obrigando-a a sentar-se no *divan*. Pois bem. Eu continuarei a lançar ás feras o conselho municipal. Justa ou injustamente, elle será dissolvido. Depois...

—Depois?

—Far-se-ha nova eleição, eu serei escolhido para a presidencia, o baile dar-se-ha, será uma festa verdadeiramente olympica, um baile do *hotel de ville* de Paris dado a Napoleão III, ou mais esplendido ainda.

—E eu...?

—E tu serás a mulher do presidente do conselho municipal. Tu dançarás com o rei, que nem pode faltar, nem deixar de dançar contigo. En-

tendes, Hermengarda? A reconciliação ficará feita, sem quebra para nós, sem desdouro para o rei, e então, Hermengarda, não seremos nós que vamos a casa do rei, será o rei que ha de vir a nossa casa.

E D. Mario, ao exclamar emphaticamente estas ultimas palavras, tinha inteira e completa, a bri-lhar, como um carvão ardente, na pupilla negra, a Companhia de Jesus.

Hermengarda, correndo para a janella, n'um impeto de alegria, relanceou os olhos pela bri-lhante fachada do paço regio, e pareceu-lhe que elle já não estava tão longe!...

## IV

### Contrastes

(Novembro de 1879)

O ultimo numero do *Gaulois* publicava duas noticias que offereciam, pelo assumpto, um notavel contraste.

Tratava-se n'uma da ex-imperatriz Eugenia, que atravessava a França para ir visitar sua mãe, a velha condessa de Montijo, então moribunda, e já hoje morta.

Tratava-se n'outra da archiduqueza Maria Christina, que atravessava a França em direcção a Hespanha, a cujo throno vae subir pelo seu proximo casamento com o rei D. Affonso XII.

Entre essas duas mulheres, ambas nobres, ambas chamadas a ocupar uma alta posição social, que diferença, que enorme diferença todavia!

Uma, Eugenia de Montijo, conquistou um throno

pela lenda da sua formosura. Casou, como as princesas dos contos de fadas, pelos encantos da sua belleza. Namorou-se d'ella um rei, o chefe da mais poderosa nação d'esse tempo, o imperador Napoleão III. Subiu a um throno que outras *bellas damas e princezas* invejavam. Foi verdadeiramente um romance, um idyllio. Um pobre dissera uma vez a essa formosa senhora, á porta de uma egreja, quando ella era simplesmente Eugenia de Montijo, como hoje:

—É tão formosa, que merecia ser rainha!

E, pouco tempo depois, Eugenia de Montijo era imperatriz dos francezes.

Parecia que esse pobre era um propheta, um vidente, como quasi sempre acontece nas balladas...

Na côrte das Tulherias, Eugenia de Montijo governava o mundo mais com o seu leque do que com o seu sceptro. A sua ventarola, de um fino gosto parisiense, agitada com *salero*, era a moda, a diplomacia, a paz ou a guerra, o barometro dos destinos da Europa. Os reis do mundo iam ali, curvar-se diante d'ella, como os da antiguidade diante da rainha de Sabá, porque ella representava a França, e a França representava a Europa, quer se tratasse de politica, de litteratura, de bellas-arts, de tudo.

Hoje, a França, sentindo a falta da imperatriz

Eugenia, achou que só pelo vulto de outra mulher se podia representar, e mandou fazer a estatua colossal da Republica. Mas, ainda assim, essa monumental estatua não deslumbra tanto como aquella bella figura de hespanhola que atravessava outr'ora os salões das Tulherias.

Um dia, todo esse mundo de encantos, desabou. A ventarola fatidica partiu-se. Eugenia de Montijo principiou a perder tudo quanto os genios invisiveis da felicidade tinham ido depôr sobre o seu leito imperial, emquanto dormia. A primeira coisa que perdeu foi a França. Mas perder a França importava perder o sceptro da dominação universal. Depois, perdeu o marido, o homem que a tinha levantado a todo esse paraizo, arrebatando-a nos braços, como n'um sonho. Ficava-lhe ainda um filho, uma esperança, quasi uma certeza... Pois bem. Até esse filho perdeu, do modo mais desastroso que se pode perder um filho. Com elle ia toda a esperança. Fez-se á volta do seu espirito uma solidão enorme. Mas, se pensava ás vezes que estava só no mundo, uma doce recordaçao lhe dava ainda conforto. Áquem dos Pyreneos, no seu nobre castello, amando-a de longe, vivia ainda sua mãe, a velha condessa de Montijo.

Mas a obra da destruição ainda não estava completa. Precisava de mais um cadaver. D'esta vez a victima era a velha condessa de Montijo, que

provavelmente sentira fugirem-lhe as escassas forças da sua velhice ao encarar a profundezas do abysmo em que o destino despenhára de tão alto sua filha.

Mal que soube da grave enfermidade de sua mãe, Eugenia de Montijo solicitara do governo da Republica licença para atravessar a França, em direcção a Hespanha. Licença para atravessar a França, ella! que a possuira, que tantas vezes a atravessara out'ora, seguida por uma côrte olympica, no meio de acclamações e de festas!

Unicamente acompanhada pelo duque de Bassano, Eugenia de Montijo atravessou a França calcando recordações que feriam como espinhos... Da portinhola da sua carruagem avistou as ruinas enegrecidas das Tulherias, onde ella fôra n'outro tempo, não só a primeira da França, mas a primeira do mundo. Tudo em ruinas,—o seu coração e o seu palacio! E o destino a impellil-a sempre para deante, para a solidão e para o lucto. Hoje, Niobe da realeza, chora, á beira de tres tumulos, para dentro do seu, porque já não tem quem lhe receba as lagrimas no mundo, e porque só lhe resta a consolação de se chorar a si mesma...

O duque de Bassano foi pernoitar ao *hotel d'Alte*; a imperatriz foi hospedar-se, com a mais completa reserva, n'uma casa amiga, certamente, mas ninguém sabe aonde. O *Gaulois* não o diz por moti-

vos de alta conveniencia, segundo a sua propria expressão.

Ah! que noite seria essa, velada sobre o sólo da França, ás occultas de toda a gente, como uma pobre operaria, que viu morrer toda a sua familia, e que se acha sósinha e esquecida no seio de Paris!

Ao mesmo tempo, á mesma hora, a archi-duqueza Maria Christina sahia do palacio de Isabel de Bourbon, e voltava aos luxuosos aposentos do *hotel Meurice*. Os largos espelhos doirados reflectiam a sua gentil figura, radiosa como a das noivas. Nos seus cabellos uma flôr de liz de diamantes tinha, á luz dos candelabros, scintillações phantasticas.

A archi-duqueza vinha d'um jantar e de uma *soirée* de intimos em casa da mãe do seu noivo. Era o dia anniversario da morte do archi-duque Carlos, seu pae, por isso essa festa ante-nupcial tivera todo o caracter de intimidade. Mas ainda assim, que esplendor! Tudo dizia ali á bella archiduqueza austriaca que só distava do throno alguns dias. Á roda da meza, a fina flôr da colonia hespanhola, dando-lhe as primeiras saudações, acclamando a eleita do seu rei. No topo da sala, uma enorme corôa real, engrinaldada de flôres de larangeira, as flôres das noivas, destacando sobre um fundo de setim encarnado.

A poucas horas de viagem, o nobre throno de Hespanha, um povo inteiro a festejal-a; a corôa de

oiro e o veu branco; a purpura da realeza e a grinalda do noivado; um noivo e um throno, por igual invejaveis.

A Europa toda a fallar das suas bodas realengas, a contar as maravilhas feéricas do seu enxoval, dos seus deslumbrantes vestidos tecidos de oiro e de prata, como os das princezas dos contos de fadas.

Expirando nos seus ouvidos, os eccos da admiração da França por essas encantadoras *toilettes* que fariam o desespero de um Cresus... á mesma hora, na mesma noite, em que a viuva de Napoleão III, no seu mysterioso escondrijo, ouvia respirar Paris á volta de si, sentindo-a passar por debaixo da sua janella, e dizia provavelmente chorando e olhando para o ceu,—que é para onde os olhos fogem quando precisam evitar a terra: «De todos aquelles que vão passando, quem se lembrará agora de mim?!»

A leitura das duas noticias do *Gaulois* impressionou-nos o bastante para nos suscitar estas considerações.

# V

## Ensaio geral parlamentar

(Dezembro de 1879)

Dizia hontem o *Diario Illustrado* que se fallava n'uma proxima reunião de deputados progressistas, e accrescentava que talvez fosse para ss. ex.<sup>as</sup> os novos paes da patria aprenderem a lição.

Trata-se, pois, de um ensaio geral, em que ss. ex.<sup>as</sup> cantarão de certo a meia voz, mas pelo qual se poderão desde logo reconhecer as aptidões parlamentares de cada um,—e de todos.

Assim, o sr. Izidro Barquinhense, como o denominou o *Diario da Manhã*, pedirá a palavra ao presidente da reunião para ensaiar o seu discurso de abertura. S. ex.<sup>a</sup>, que tem restricta obrigação de ser um pouco arcade pelo nome e pelo circulo, sel-o-ha tambem, de certo, pela linguagem e pelo estylo.

—Sr. presidente, dirá Izidro desabrochando os labios n'um sorriso doce como um favo de mel— eu não venho a esta camara com intenções bellicas, porque eu nunca fui, sr. presidente, nem sou, nem serei nunca,—um homem de guerra. Ao contrario, sr. presidente, muito ao contrario, eu quero a paz, a doce, a suavissima paz! (*Suspirando*). Como um bom deputado por Thomar, eu sentei-me, sr. presidente, eu sentei-me á beira do rio Nabão a ouvil-o murmurar, e n'essa doce paz meditativa, com os olhos pregados na onda que deslisava, pensei longamente na patria, porque tudo ali convidava á meditação, profunda como a corrente (foi ha poucos dias; o Nabão trasbordava para as ruas), tudo ali convidava á meditação e ao rheumatismo. Ah! mas que me importava o rheumatismo, se eu estava pensando na patria, cumprindo o meu dever?! (O orador geme n'este momento com uma dôr rheumatica no artelho do pé esquerdo). Outro dia, sr. presidente, fui sentar-me nas ruinas do castello de Almourol, que tambem pertence ao meu circulo. O aspecto das ruinas dava-me uma perfeita idéa da devastaçao exercida pelos srs. regeneradores nos negocios da publica administraçao. O que fizeram elles, sr. presidente? Ruinas, só ruinas. O scenario de Almourol convidava, pois, á meditação. Mas perdoemos-lhes, sr. presidente, perdoemos aos iconoclastas que

lançaram por terra o templo tres vezes augusto do nosso credito, e cavaram o profundo abysmo do *deficit*. Tenhamos esperança, oh! tenhamos esperança (*sorrindo para o tecto*) de que o actual governo conseguirá reerguer as columnas de porfido, reedificar o templo sagrado, e de que especialmente s. ex.<sup>a</sup> o sr. ministro dos negocios da fazenda, de quem tenho a honra de ser official ás ordens, conseguirá entulhar com varias propostas de lei a voragem do *deficit* maiormente por meio d'aquellea que tem por fim lançar uma justa contribuição sobre os juros das inscripções... (*Applausos prolongados, ruidosos*).

O sr. presidente e todos os ouvintes entendem que s. ex.<sup>a</sup> é já, em tão verdes annos, um orador consumado, um perfeito orador parlamentar.

Portanto, é concedida a palavra ao sr. Guerra Junqueiro. Um murmurio de admiração percorre toda a sala.

O sr. Guerra Junqueiro, em cima de uma cadeira:

— Sr. presidente. Completamente ao contrario do orador que me precedeu, eu nasci para a guerra, para a cruel lucta titanica, agradam-me as espadas rubras como facadas, e a voz marcial dos clarins aguda como o silvo das serpentes. A musica vermelha das batalhas é grata aos meus ouvidos. (*Muitos applausos*). O pardo rufar dos tambores, e o alvo sorriso dos moribundos não me

apavoram. Ou eu não tivesse nascido em Freixo d'Espada á Cinta! Este nome era uma predestinação, sr. presidente. (*A assembléa acha muita graça, e ri*). Sim, sr. presidente, eu quero a guerra —esse monstro,— quero a batalha—esse choque —adoro o combate, esse tufão.—Apraz-me ver sentados n'aquellas cadeiras (*apontando para as do ministerio*) robustos athletas válidos, apraz-me vêr que nas florestas do poder abundam os altos euca-lyptos esguios, como o sr. Braamcamp, e os fortes cipós asiaticos como o sr. Barros Gomes, porque estas arvores, comquanto representem dois extremos, o *eucalypto*, a Oceania, o mundo novo, e o cipó, o mundo velho, a India, promettem larga duração, porque uma tem aspirações elevadas (*apontando para o sr. Braamcamp, que é o eucalypto*) e a outra tem a dura fortaleza que é maleável mas que não parte, parece-se com o junco das chibatas, que é eterno (*Aponta para o sr. Barros Gomes, que é o cipó*).

Largos aplausos em toda a sala, comquanto alguns ouvintes achassem mais rasoavel que o sr. Barros Gomes fosse o *eucalypto*, por ser mais novo entre nós, e o sr. Braamcamp o cipó, por ser mais antigo e contemporaneo das edades pre-historicas.

O presidente:

—Basta, sr. Junqueiro, basta; e muito bem. Não é preciso maior prova. A camara já tinha o

seu juizo formado a respeito de v. ex.<sup>a</sup>, a quem desde muito tempo considerava como o primeiro poeta das Hespanhas.

O sr. Alfredo Ribeiro, deputado eleito pelos indigenas da costa d'Africa, (não se sabe se occidental se oriental) tem a palavra. Um longo, um profundo murmurio se faz ouvir; parece que um enxame de moscas varejeiras atravessa a sala.

—Isto ha de ser bom! exclama um dos circumstantes.

—Isto ha de ser apimentadinho! apostropha outro.

—É o do *Pimpão*!

—Ah! é o do *Pimpão*!

—Sciu! Sciu!

O orador bastante perturbado:

—Sr. presidente. (*Tossindo*). Sr. Presidente (*Fallando para a direita*) Sr. presidente... (*Fallando para a esquerda*) Sr. Presidente, eu acho-me bastante commovido, porque, sr. presidente, eu... não tenho a vaidade, sr. presidente... eu não tenho a vaidade de ser um José Estevão... (*Fallando para o sr. Marianno de Carvalho*: Ora que entalação esta! E eu que tanta troça fazia dos outros!...) Sim, sr. presidente, eu felicito-me por me ver no seio da representação nacional (*Perturbando-se cada vez mais*), eu felicito-me e felicito-vos...

A assembléa:

—Oh!

—Oh!

O orador perturbadíssimo:

—Quero dizer que felicito a assembléa por ver sentados n'aquellas cadeiras os salvadores da patria. Eu tinha muito que dizer, sr. presidente, mas sinto-me um pouco agoniado com este intenso frio barbeiráceo, e, sobre o mais que eu tinha a dizer, peço a v. ex.<sup>a</sup>, sr. presidente, peço á camara toda que compre e leia o *Pimpão* do proximo domingo, ou então que o compre—embora o não leia.

O orador sentou-se. Grande numero de deputados, receiosos do que poderá dizer o *Pimpão* do domingo seguinte, vão cumprimentar o orador.

\*

\* \* \*

O sr. dr. Alves da Fonseca, deputado eleito por Agueda, offerece-se para fazer exame de eloquencia parlamentar. O auditorio quer dispensal-o, declarando-se convencido da sua competencia, mas o sr. deputado eleito insiste e principia:

—Sr. presidente. Não duvido tomar sobre os meus hombros a responsabilidade de me constituir advogado de accusação do partido regenerador. Sobram-me provas da sua criminalidade, sr. presidente, e não terei decerto grande trabalho para extrahil-as do ventre dos autos. Folheei o summario com a attenção que o caso requeria, e

estou certo de que o venerando tribunal, a que v. ex.<sup>a</sup> tão dignamente preside, não deixará de fazer justiça em conformidade com o *Código Penal* (*Enthusiasmado-se.*) O crime foi grave, srs. jurados, ainda ouço os gemidos das creancinhas que ficaram sem pae, os lamentos da esposa que ficou sem marido, vejo a casa luctuosa, a arca sem pão, o lar sem lume, desola-me este espectaculo, porque eu, srs. jurados, tambem tenho coraçao para comprehendender as agonias alheias, venho aqui sem a menor idéa de interesse, venho aqui unicamente render homenagem á justiça e á moralidade, porque este crime é d'aquelle que não podem ficar impunes para exemplo e lição da sociedade. Quando eu folheei os autos, srs. jurados, chorei, chorei involuntariamente, como tambem estou chorando agora. (*O orador leva o lenço aos olhos, por tres vezes. Lembra-se de repente de que está fazendo um discurso forense, e procura emendar a mão, isto é a lingua.*) Chorei pela ruina da patria, chorei pela ruina do nosso credito . . .

—E tambem chorou por causa da eleição de Agueda. (*Á parte de qualquer deputado que esteja já a ensaiar-se para passar o pé ao partido progressista.*)

O orador, proseguindo com vehemencia:

—Chorei, sim, e que tem isso? Chorei porque um simples incidente eleitoral esteve para quebrar

n'um momento os doces flacos de uma velha amizade. Chorei como Veturia...

—Aos pés de Coriolano de Castro. (*Á parte do deputado que está com o pé no ar... politicamente fallando.*)

O sr. conego Alfredo:

—*Beati qui lugent!*

O orador, com toda a força:

—É verdade! felizes os que choram porque esses...

—Teem cebola no coração. (*Á parte do mesmo deputado impertinente.*)

O orador, com indignação:

—Eu não tolero zombarias...

O deputado dos *ápartes*:

—Nem eu choradeiras...

O sr. presidente agitando a campainha:

—Ordem, ordem.

O orador:

—Sr. juiz, eu peço a v. ex.<sup>a</sup> que mantenha a dignidade do tribunal. É preciso que todos se capacitem de que estamos no templo da justiça. Tudo aqui é sagrado, sr. juiz, até os proprios criminosos que estão aqui protegidos pela lei, pela lei que deve ser tão sagrada como o proprio Deus, sr. juiz...

(N'este momento, o sr. doutor encolhe-se e faz, por excepção, uma cara muito feia: começa a es-

pirrar. É que sente, no cachaço, uma corrente de ar, que vem de uma janella proxima.)

O presidente aproveitando a aberta (referimo-nos á janella):

—Bem! muito bem! V. ex.<sup>a</sup> está visivelmente incommodado, e a camara plenamente satisfeita com a brilhante confirmação dos talentos oratorios de v. ex.<sup>a</sup> Portanto, convido o sr. deputado Garcia Diniz a subir á tribuna.

O sr. Garcia Diniz, sem capello, cruzando as mãos sobre o peito e voltando-se para o presidente:

—*Dominus vobiscum.*

—*Et cum spiritu tuo,* responde o sr. dr. Laranjo lembrando-se dos bellos tempos em que estudava para padre.

O orador continuando:

—A paz do Senhor seja comvosco, ó gentes que tão estremosamente amaes a patria, e que por ella aqui estaes reunidos no augusto tabernaculo das leis. A missão do estadista é nobre, senhores; porque ella tende a encaminhar os negocios do Estado para o bem publico.

—O *Bem Publico...* papel? pergunta o deputado dos ápartes.

O presidente:

—Eu não posso tolerar que os senhores deputados estejam interrompendo os oradores, de quem demais a mais são confrades politicos...

O sr. Mazziotti, deputado eleito por Cintra, faz um *calembour* (*Assombro de toda a camara*):

—Com frades politicos... nem para o céu!

(Grande hilaridade.)

O orador tornando-se imponente,—pondo o capello:

—Deixe, sr. presidente. Perdoae-lhes, Senhor, que elles não sabem o que fazem...

A parte do sr. Guerra Junqueiro:

—Fazem *calembours*.

Vozes:

—Silencio!

—Bico!

—Leva de rumor!...

O orador:

—Não me atemorisaes, senhores. Eu tenho uma dupla missão a desempenhar n'esta casa: como pae da patria e como filho da Egreja. Cabe-me, portanto, o dever de dirigir-me simultaneamente ao vosso espirito e á vossa alma. Eu sou o sal da terra, como diz a Escriptura...

—*Sal e pimenta*... á parte de um deputado reinadio.

O orador agarrando a *deixa*.

—*Sal e pimenta*, sim, porque os banquetes do espirito tambem teem as suas especiarias. Eu estou aqui, com os meus collegas ecclesiasticos, para temperar os vossos cosinhados administrativos. Eu

e elles representamos a ordem tão agradavel á Egreja, e sem a qual é impossivel dar um unico passo proveitoso fóra e dentro d'esta casa; eu e elles representamos a moderação christã, *est modus in rebus*; 'eu e elles...

—*Ego et tu valemus* (*Á parte reinadio de outro deputado da mesma côr.*)

N'isto dá a hora.

Vozes:

—Deu a hora.

—Deu a hora.

O orador:

—N'esse caso, eu não quero fatigar por mais tempo a attenção da camara. Ide-vos, pois, senhores. *Ite, missa est.*

O orador põe o capello, e os outros senhores deputados o chapeu.

O presidente:

—A ordem do dia para ámanhã é a mesma que foi estafada hoje.

\*

\* \* \*

(A proposito, lembaremos aos srs. deputados eleitos que o nosso amigo D. Thomaz de Mello se associou com tres distintos escriptores publicos para estabelecerem desde já uma agencia de discursos parlamentares.

Informam-nos de que ha grande variedade no sortimento,—por preços commodos. Serviço a toda a hora.)

\*

\* \* \*

O presidente:

—Dou a palavra ao sr. deputado Laranjo, cujos creditos estão estabelecidos n'esta casa desde o seu celebre discurso sobre a Zambezia. Peço ao sr. Laranjo o favor de não ser azedo, para não offendere os adversarios.

O sr. Laranjo, que, a exemplo do sr. Garcia Diniz, appareceu de capello,—aquele mesmo com que figurou na romaria de Marvão:

—Sr. presidente. Em 1869 prégava eu, na egreja do seminario de Coimbra, um sermão sobre a *Virtude*, e começava por estas palavras: (*Grande surpresa e attenção de toda a camara*) «Seculo das luzes se denomina orgulhosamente o seculo em que vivemos: sel-o-ha?» Hoje, sr. presidente, depois de uma agitada carreira politica de alguns annos, posso asseverar a v. ex.<sup>a</sup> e á camara que o seculo em que vivemos (*Um á parte, que se não percebeu, desnorteia-o*) é effectivamente o seculo XIX. (*Hilaridade da camara*) Quero dizer, o verdadeiro seculo das luzes. E quando fallo de luzes, sr. presidente, não me refiro á *Luz da*

razão, do poeta Rosalino, nem a outras quaequer luzes de natureza ephemera, como as de cebo e stearina. Refiro-me á grande luz genial que, como diz Malthus, e outros economistas, ha de durar uma eternidade. Essa sim, que illumina e aquece, que consola e vivifica! Esse é o candieiro das gerações, em torno d'esse providencial candelabro é que os homens, reunidos em sociedade, como diz Bastiat, devem discutir tranquillamente os negócios de cada um d'elles em particular, e de todos em geral. V. ex.<sup>a</sup>, sr. presidente, é n'este caso o pavio do parlamento; aproveitando o seu luminoso conselho, devemos ocupar-nos serenamente dos negócios publicos. (O sr. Barros Gomes sorrindo-se, por acaso).

O orador, formalisando-se:

—Em quanto v. ex.<sup>a</sup> se rir, não continuo. Eu sou bom correligionario, mas quero que se tratem os negócios publicos com a maxima seriedade. Lá que se riam, não tolero a ninguem. Não foi para vir para aqui ver rir os outros, que eu mandei imprimir o relatorio dos meus trabalhos parlamentares na sessão passada para o fazer distribuir pelos eleitores de Portalegre; não é para vir para aqui vêr rir os outros que eu tenho andado n'um correio de Coimbra para Portalegre, de Portalegre para Castello de Vide e de Castello de Vide para Marvão; não é para vêr aqui rir os outros

que eu tenho fallado tanta vez aos povos do meu circulo, que eu tenho vindo á imprensa escrever epistolares fulminantes, que eu tenho incomodado o corpo e o espirito. Não, meus senhores, eu entro n'isto com seriedade, eu acredito que tudo isto é a valer, eu cá não gosto de chalaças. Podem dizer que isto é pello, digam o que quizer. Estou costumado á lucta. Toda a minha vida tenho luctado. Ainda agora, na ultima eleição, tive que vencer o Carrilho Videira. Não me atemorisava a concorrença, quanto ao resultado final da eleição; mas visto que se tratava de dois indigenas do circulo de Portalegre, eu queria mostrar que tinha o circulo na barriga. Ora ahi está. (*O orador, desenrolando alguns papeis.*) Antes que me esqueça, sr. presidente, eu quero mandar para a meza os seguintes requerimentos:

1.º—Que pelo ministerio da justiça me seja fornecida nota dos delegados e juizes de direito que teem servido na comarca de Portalegre desde junho de 1877 até aos nossos dias.

2.º—Que pelo ministerio das obras publicas me seja remettida nota, com urgencia, da quantidade de carne de porco exportada pelo concelho de Castello de Vide desde a primeira invasão dos franceses até ao fim do ultimo anno bissexto.

3.º—Que pelo ministerio do reino me seja remettida uma nota de todos os regedores de paro-

chia que, no concelho de Marvão, sabem ler e escrever.

4.º—Que pelo ministerio da marinha me seja enviada nota de todas as embarcações que, durante o anno de 1878, naufragaram na Ribeira de Niza.

5.º—Que pelo ministerio dos estrangeiros me seja enviada nota de todos os idiomas e dialectos em que foi traduzido o meu discurso sobre a Zambezia.

6.º—Que pelo ministerio da guerra me seja enviada nota da despeza feita com as munições do castello de Marvão desde 1830 até 1860 inclusivè.

Peço, sr. presidente, a maior urgencia. Eu ainda tenho que requerer outros documentos, mas, desejando ser methodico, esperarei que estes requerimentos sejam satisfeitos, como é de justiça.

Por hoje, sr. presidente, ficarei por aqui, mas peço a v. ex.<sup>a</sup> que me reserve a palavra para ámanhã e para depois d'ámanhã.

O presidente:

—Está levantada a sessão.

Os continuos da camara, andando de cadeira em cadeira a acordar os srs. deputados:

—Está levantada a sessão. Já acabou.

N'um dos corredores, o sr. Laranjo, encontrando um eleitor de Portalegre:

—Ah! você chegou tarde! Pois vou recitar-lhe o discurso...

O eleitor desmaia.

# VI

## Carta ao ex.<sup>mo</sup> sr. Barros Gomes

No genero de s. ex.<sup>a</sup>

(Março de 1880)

Eu sou um homem que, como v. ex.<sup>a</sup>, sahi ha pouco da menoridade; dou, como v. ex.<sup>a</sup>, de vez em quando, a minha *raia* menos má em latim; já fui, como v. ex.<sup>a</sup>, a Constantinopla, graças a um scintillante livro de Theophilo Gauthier; e a respeito de nariz, regúlo pelas dimensões de v. ex.<sup>a</sup>

Esta identidade de circumstancias faz com que eu ouse dirigir esta epistola a v. ex.<sup>a</sup>, que é, de mais a mais, um ministro que se humanisa até ao ponto de escrever cartas aos jornaes, de andar a pé de vez em quando, e de dar palmas em S. Carlos como qualquer mortal, simples e lyrico.

Portanto, ex.<sup>mo</sup> sr., permitta-me v. ex.<sup>a</sup> que eu derrame dentro da sua pasta a sincera expressão do meu sentir a seu respeito; e se v. ex.<sup>a</sup> me der

cinco minutos de attenção, os nogocios da fazenda hão de ganhar com isso.

Não ignora de certo v. ex.<sup>a</sup>, apesar da sua juvenil ingenuidade, que ha dois dias todos nós temos estado sob a pressão de boatos de crise ministerial.

Na Casa Havaneza, ex.<sup>mo</sup> sr., dizia-se com um cynismo revoltante, que o governo queria alijar v. ex.<sup>a</sup> por indicação da commissão de fazenda, e porque v. ex.<sup>a</sup> se mostrava maguado pelo facto da referida commissão mutilar o parto laborioso do intellecto de v. ex.<sup>a</sup> vendendo ao paiz por lebre aquillo que v. ex.<sup>a</sup> confessára francamente que não passava de gato, esfolado á italiana e temperado á turca.

V. ex.<sup>a</sup> tem carradas de razão se se indignar, porque isto é em verdade um paiz idiota, incapaz de apreciar os solidos conhecimentos adquiridos por qualquer viajante illustre em longos erros por esse mundo fóra. Mas, ex.<sup>mo</sup> sr., o que eu quero pedir instantemente a v. ex.<sup>a</sup> é que não ceda um palmo de terreno á perfidia dos seus collegas, e que se mantenha no poder com unhas e dentes para castigar pela sua pertinacia a ruim intenção dos outros srs. ministros.

V. ex.<sup>a</sup> é um espirito culto, litterariamente envernizado, e decerto encontrou na feira da Ladra de Constantinopla um exemplar de um antigo livro

portuguez muito conhecido em toda a Europa lett-  
trada, a *Historia tragico-maritima*. As mulheres do  
harem pellam-se por lel-o, porque n'elle estão des-  
criptas as proezas de marinheiros portuguezes, ho-  
mens solidamente construidos, extraordinariamente  
fortes, e as odaliscas gostam d'esses retratos como  
desenjoativo aos eunuchos. Mas um bello dia man-  
dam vender o livro para comprar um *bijou* qual-  
quer, de ouro ou porcelana. Aqui está explicada  
a razão por que a *Historia tragico-maritima* é vul-  
gar na feira da Ladra de Constantinopla.

Pois, ex.<sup>mo</sup> sr., no segundo volume do referido  
livro, vem publicada a *Relação do naufragio da  
nau S. Thiago*, e n'essa pittoresca relação ha um  
caso pelo qual v. ex.<sup>a</sup> deve talvez modelar o seu  
procedimento nas actuaes circumstancias.

Os naufragos da nau S. Thiago poderam saltar  
a um batel, no empenho de chegarem a qualquer  
praia hospitaleira. Mas a gente era muita, e o  
batel pequeno. Tornou-se portanto preciso quin-  
tar a tripulação, para lançar ao mar algumas pes-  
soas, no interesse da maior parte. Estavam a bordo  
dois rapazes de Lisboa, Gaspar Ximenes e Fernam  
Ximenes. O primeiro, que era o mais velho, foi  
sorteado, mas o irmão, inspirado por uma dedica-  
ção sublime, preferiu resignar-se ao sacrificio, para  
salvar a vida do primogenito, que reverenciava  
como pae.

Não obstante as instancias, as lagrimas, as supplicas de Gaspar Ximenes, Fernam lançou-se á agua.

N'este momento, permitta-me v. ex.<sup>a</sup> que eu transcreva as palavras textuaes do auctor da relação, porque d'este modo escusa v. ex.<sup>a</sup> de ir procurar o livro no fundo das malas que trouxe de Constantinopla.

«...e se lançou atraç do batel, o qual seguiu nadando por espaço mais que de tres horas, rompendo grandissimas correntes das aguas, dando muitos e lamentaveis brados por Jesu Christo Nosso Senhor, e pela Virgem Sacratissima sua Mãe, que quizessem valer-lhe n'aquelle tão grande conflicto. E seu irmão Gaspar Ximenes estava tal no batel, e tantas lastimas dizia, vendo o trabalhoso transe de seu irmão, de quem pouco antes tal beneficio de amor tinha recebido, não lh'o podendo pagar mais que a troco de lagrimas e gemidos, de modo que um amigo seu se chegou a elle, e lhe disse manso, que se calasse, que estavam todos tão molestados de o ouvirem, que diziam que o deitassem tambem ao mar pelo não ouvirem mais. Pelo que conveio a Gaspar Ximenes calar-se, chorando sómente no coração, e pedindo misericordia a Deus, encommendando-se com devoçao á Virgem Nossa Senhora dos Prazeres da freguezia de S. Christovam de Lisboa, onde ambos se

haviam creado. Permittiu Nosso Senhor chegar a hora, em que queria pagar a este mancebo tão grande obra de caridade como fizera: andando já, que se não podia bulir do trabalho de nadar, os mesmos que o condemnaram que fosse botado fóra do batel, requereram da parte de Deus que o recolhessem...»

Ora aqui tem v. ex.<sup>a</sup> uma excellente occasião de se fazer Ximenes. Os seus collegas alijam-n'o da nau do Estado; v. ex.<sup>a</sup> vae de cabeça á agua. No primeiro momento barafusta, desmancia o alinho correcto do penteado, mas depois socega, e começa a nadar serenamente, cheio de coragem e de folego. Não se cale, porém. V. ex.<sup>a</sup> tem uns orgãos vocaes fortemente sonoros. Portanto ponha-os em accão. Faça berrata, cite Catullo e Ovidio á vontade, que lá não ha ninguem que lhe possa ir á mão nem á latinidade. Reproduza todos os seus discursos recitados na camara municipal, na camara electiva, na camara hereditaria e na camara do paquete que o levou a Constantinopla. Vá augmentando de intensidade na chiadeira, de modo que o sr. José Luciano seja o primeiro a perder a paciencia, e, molestado de o ouvir, diga ao sr. Saraiva de Carvalho, que é o Alcides do gabinete, que o guinde para o convez.

Com a immersão v. ex.<sup>a</sup> nada perderá; e com a berrata ganhará tudo.

Olhe, ex.<sup>mo</sup> sr., que as lições da historia são bitola por onde muitas vezes devemos aferir as nossas acções. Meça-se v. ex.<sup>a</sup> pela craveira do Ximenes, e d'este modo pregará nos seus collegas um codilho como elles nunca apanharam ao voltarete em casa do sr. José Ribeiro da Cunha.

Pela minha parte, ex.<sup>mo</sup> sr., não exijo retribuição pela lembrança. Mas se v. ex.<sup>a</sup> se quizer lembrar de mim, fazendo-me guarda da alfandega a cavallo, não direi que não, sobretudo se v. ex.<sup>a</sup> me dér o cavallo e um pára-quedas.

Tenho dito.

## VII

### Durante a noite

**A Guilherme da Costa Leite**

Não sei, não posso dizer ao certo se este caso aconteceu ou se não passa de uma phantasia minha. Sonho ou realidade, habituei-me a consideral-o verdadeiro desde que passou no meu espirito como a vaga lembrança d'uma noite de febre ou de um acontecimento remoto, perdido entre os nevoeiros da memoria...

Será inteiramente novo? Aconteceria ha um anno ou aconteceria ainda hontem? Já atravessaria outro espirito alem do meu, já seria vasado nos largos moldes do drama ou passaria rapidamente na onda da imprensa sob a forma ligeira das narrativas que vivem apenas o tempo de um folhetim ou d'uma rosa?... Não sei. Mas seja como fôr. Reconheço em mim a necessidade de re-

produzir pela palavra esta idéa que ha tanto tempo vive no meu espirito, na ondulação agitada de tantos outros pensamentos que se emmaranham dentro do cerebro humano como as hervagens que nascem pelos campos, n'uma grande espontaneidade da naturesa, sem que ninguem as semeie e ninguem as cultive...

Estão agora a acudir-me de tropel todos os por-menos d'esse terrivel drama, phantastico ou verdadeiro. Relevam no meu espirito com uma nitidez convincente. Uma noite profundamente tenebrosa põe sombras espessas, montanhosas na superficie da terra, encastellando-as até ao céu. O mundo é uma vasta mole de negrura. Sentem-se abysmos incommensuraveis por debaixo da treva. O oceano refolega sob o joelho d'esse terrivel gigante negro que se chama a Tempestade, revoltando-se contra elle em vagalhões enormes, que se despedaçam inutilmente, renovando-se n'um desespero insaciaavel. A vida animal respira, concentrada e timida, sob a pressão d'essa medonha atmosphera grossamente enublada. Sente-se pequena e fraca, como a formiga sob o sapato ferrado de um forte caminheiro. De vez em quando, uma pequena luz, pallida e tremula, microscopica como um pyrilampo, denuncia uma povoaçao. A irradiação nocturna das grandes cidades converteu-se na chamma desbotada da alampada de uma ermida solitaria.

É que a faixa espessa da tempestade esconde dentro do seu circulo sombrio as scintillações multicolores dos bellos palacios, e as phosphorecencias do gaz nas vastas ruas desertas, deixando apenas coar um reflexo amarellado e fumoso, como a luz de um candelabro vista através de um véo de seda preta.

Sobre o mar, as pequenas embarcações costeiras e os grandes paquetes de helice procuram aguentar-se contra o embate das ondas e as fortes correntes atmosphericas, reconhecendo umas a impotencia dos seus remos ou das suas velas e as outras a pequenez d'esse assombroso invento que se chama a *Machina a vapor*. É que o gigante que se alimenta de carvão e agua, e que abre nas ondas o sulco profundo dos seus dentes de ferro, sente-se dominado sobre o dorso pela corporatura de um outro gigante incomparavelmente mais forte, cujo halito é o tufão, cuja garganta é o abysmo, cujos movimentos produzem os grandes abalos terraqueos: a Tempestade.

Sobre a terra, a *Machina a vapor* abalança-se a uma temeridade forçada e vae espreitando por entre as trevas com a sua grande pupilla injectada de sangue, na qual chammeja, palpitando, a vermelhidão de uma fornalha. Arriscando-se a mil contrariedades perigosas, vae arrastando consigo cidades ambulantes, como longa cauda negra pin-

talgada de luzes amortecidas e ondulantes. São os pharoes unicos d'essas povoações em movimento, d'essas colonias que se deslocam por diferentes motivos de conveniencia pessoal, e que mais que nunca reconhecem agora a humildade da condição humana, por isso que os horrores da tempestade augmentam o vago receio do perigo. Quantas existencias, quantos interesses e destinos não vão ali deslisando rapidamente por sobre duas linhas de ferro, impellidos pela força bruta do vapor de agua, que o braço de um só homem consegue enfrear sem vergar ao peso da responsabilidade immensa que lhe cabe perante Deus e os homens ! O tronco de uma arvore desarreigada pelo tufão, uma pedra rolada do alto da serra por impulso das torrentes, bastariam a fazer saltar dos seus alicerces de ferro essa cidade ambulante, como na explosão horrivel d'uma mina. Causas de uma urgencia imperiosa deveriam fazer com que centenas de pessoas entregassem a sua existencia, por noite de tão violenta tempestade, aos azares de uma longa viagem. É preciso que nos acenem de longe, chamando-nos, os braços do amor, para arrastarem através de tão revolta cerração o fraco coração humano, tão timorato apesar do seu orgulho, tão cobarde apesar da sua vaidade ! O vil interesse do ouro deslumbra por vezes a consciencia, mas fraqueja diante da idéa da morte. Esse seria, pois,

impotente em face da tempestade, que é como um corcel de bastas clinas negras galopando para os abysmos. Ninguem, a não ser pela força affectuosa das grandes dedicações, deixaria portanto prender o seu destino á cauda fluctuante d'esse terrivel corcel vertiginoso, que faz resaltar nas trevas as phosphorecencias do relampago como chispas avermelhadas das suas ferraduras enormes.

Nas estações da via ferrea, raros viajantes esperam a passagem do comboyo, por isso mesmo que cada dia vão sendo menos vulgares as dedicações heroicas, e os affectos persistentes e profundos. Os chefes das estações, com os seus grandes casacos de oleado, abotoados até aos pés, esperam, firmes no seu posto, a chegada do trem, empunhando uma pequena lanterna de furtafogo, que de vez em quando lança rapidos reflexos através das trevas, deixando vêr a scintillação da agua que tremeluz por toda a parte em grossas bagas crystalinas e fluentes. Da porta do armazem das estações avançam para a platafórma grupos de carregadores, de cabeça encolhida, que se retraiem ao açoite do vento e da chuva, e procuram emparedar-se uns com os outros, como ovelhas que se juntam encostando-se para resistir a um inimigo commun. Depois esses pobres carregadores passam curvados sob o peso de grandes fardos, n'um passinho curto e miudo, fugindo depressa para dentro

da estação. Então o toque da sineta põe uma fugitiva nota de vida na solidão tempestuosa da noite e, quasi logo, um silvo agudo e aspero faz nos ouvidos dos viajantes um prurido irritante. Um ligeiro rumor surdo, abafado annuncia o primeiro movimento do trem, cuja arfagem vae redobrando de intensidade e frequencia como a respiração do homem quando corre.

Na estação de X., um pequeno edificio alvejante perdido no meio da charneca, e apenas ligado ao mundo pelos dois fios telegraphicos que bracejam de sobre o telhado correndo parallelos á via ferrea, quem espreitasse atravez das vidraças encharcadas das carruagens, apenas veria esperando pela chegada do trem um unico viajante, de grandes botas de agua, jaqueta de pelles e largo chapeu de oleado, derreado sobre as costas.

Elle e o chefe da estação esperavam ao limiar da porta. Nos seus movimentos havia uma certa vivacidade, que contrastava singularmente com a attitude immovel do chefe. Logo que o trem parou, o chefe, seguido rapidamente pelo viajante, avançou para uma carruagem de primeira classe, cuja portinhola abriu com um movimento prompto e seguro. O viajante saltou ao estribo, e inclinou-se estendendo a mão ao chefe, que lh'a apertou com familiaridade, dizendo ao mesmo tempo: Boa viagem, sr. morgado; estimo boas noticias. O viajante

respondeu: Obrigado, obrigado. E o chefe da estação atirou a portinhola com estrondo, fazendo cahir a tranqueta de reforço.

Depois que o trem abalou, o morgado conservou-se de pé por algum tempo, quatro ou cinco minutos, olhando vagamente para fóra através da vidraça. Em seguida, por um movimento inconsciente, sentou-se, e, encostando a mão direita ao rosto, ficou pensativo, alheiado, mordendo a unha do dedo pollegar.

Devia de ser uma dolorosa preocupação a sua, pois que tão profundamente o enlejava em pensamentos secretos... Nem siquer relanceára um olhar á roda de si; não curara de saber se dentro d'aquella carruagem iria mais alguém que o podesse observar.

Com efeito era enorme a attribulação do seu espirito; melhor diríamos, enormíssima.

O morgado casára havia dezesete annos, fazendo um d'esses casamentos tão vulgares na província entre pessoas da sua qualidade: um *casamento faltado*. Não era amado nem amava; mas havia dupla conveniencia n'esse casamento para consolidar n'uma só casa dois vínculos seculares.

A sua noiva desposando um morgado, que lhe era completamente indiferente, obedecera a uma antiga tradição de familia. Elle fizera outro tanto: submetera-se ao exemplo de seus avós. Mas o

sacrificio fôra muito menor para elle, pois que a *morgadinha* amava outro homem. O morgado borboleteava em faceis conquistas; por uma especie de antigo feudo devido á sua familia, as raparigas d'aldeia nem siquer procuravam resistir-lhe. Mas nunca sentira o amor; era um D. João de provin-  
cia: nada mais. A *morgadinha* estava verdadeira-  
mente apaixonada, como então se dizia; apaixonada por um pobre rapaz do lugar, um pobre  
diabo que não tinha onde cahir morto, e que fôra  
durante a infancia o Paulo d'aquella *Virginia*.

Mas, n'aquelle tempo, um amor d'esta ordem era um labeo, quando a *Virginia* tinha um vinculo e uma genealogia, e o Paulo não tinha um vintem de seu. De mais a mais as genealogias não se inventavam no Ministerio do Reino como hoje, de sorte que só havia a nobreza que estava archivada na Torre do Tombo. Quem nascia plebeu, morria plebeu. N'estas circumstancias, as morgadas não tomavam por esposos senão morgados, mas vingavam-se do sacrificio enxertando na arvore genealogica algumas vergonteas adulterinas.

Ainda n'este ponto, a *morgadinha* obedeceu á tradição das suas respeitabilissimas avós, com a diferença de que, por excepção, teve o pudor preciso para dar ao morgado um filho legitimo: fôra o primeiro, uma menina, que tem, ao tempo d'esta historia, dezeseis annos, e vive na companhia da

mãe do morgado desde que elle teve a certeza de que o segundo filho não era seu.

Homem robusto mas reservado, o morgado procedeu friamente logo que o escandalo do adulterio estrondeou: despediu a esposa com o filho recem-nascido, e jurou matar o seductor logo que o encontrasse, dizendo que não valia a pena procurar um biltre para o matar.

Em vista d'esta declaração cathegorica, o seductor pensou atiladamente que o que lhe restava fazer era evitair o morgado. Com effeito dezeseis annos haviam passado sem que esses dois homens se encontrassem cara a cara. D'uma vez, n'uma hospedaria, por occasião de uma feira, o seductor sahira por uma janella logo que soube que o morgado havia entrado pela porta. Todos lhe louvaram a prudencia, porque o morgado trazia sempre comsigo uma bala disponivel para o amante de sua esposa. De mais a mais era tão destro caçador, que não havia probabilidade nenhuma de que elle perdesse a bala.

Sentindo-se envelhecer, porque n'aquelle tempo, antes da invenção da agua circassiana, os morgados gastavam-se o bastante para envelhecer aos quarenta annos,—sentindo-se envelhecer, dizia eu, o morgado experimentára o tedio da solidão moral em que vivia, e quizera estreitar os laços de familia para se defender contra a velhice. Ora toda

a sua familia eram apenas duas pessoas: a mãe e a filha. Mas a mãe era um élo prestes a estalar, ao passo que a filha era uma creança: uma algema nova e forte. Por meio d'esse gentil coração de dezeseis annos é que o morgado entendeu dever reatar as suas ligações com o mundo. Na primavera, quando as amendoeiras florecem, quem vae sentar-se á sombra d'ellas fica litteralmente coberto de flores. Outro tanto acontece á velhice quando procura a companhia da gente moça. Enflora-se de esperanças, vivendo da seiva alheia.

A mãe do morgado residia longe, n'uma grande quinta murada, que tinha um largo portão brazenado, abrindo sobre uma encrusilhada onde havia um cruzeiro e uma capella. Lembrava um pouco o scenario do terceiro acto da *Morgadinha de Val-flor*. Toda a alegria d'esta casa, vasta como um convento, estava nos dezeseis annos da menina, cujos caprichos eram ordens para a avó e para os criados. Se ella desejasse um dia beber um copo d'agua do Nilo, a avó era capaz de mandar um criado com uma bilhasinha ao Egypto, se se lhe não mettesse na cabeça canalizar o Nilo para os tanques da quinta. O morgado não vivia ahi, porque não podia abandonar de todo o seu solar, as suas enormes propriedades, mas ia e vinha, apparecia e desapparecia todas as semanas, principalmente depois que por sua influencia se fizera uma

estação do caminho de ferro a quatro kilometros da quinta. Era a estação de B.

N'aquella noite de tempestade, uma noticia inquietaadora obrigára o morgado a partir a toda a pressa. Fôra avisado por um telegramma de que sua filha estava doente,—doente com uma grande febre.

Meia hora depois, o morgado chegava á estação de X. prompto para partir. A tempestade d'essa noite horrivel parecia apenas um echo da tribulação do seu espirito...

Finalmente, ao cabo de algum tempo, o morgado, depois de haver entrado no wagon, accordou do seu doloroso alheiamento. Relanceou pelo compartimento um olhar. Um vulto de homem estirava-se sobre o banco fronteiro, n'uma posição incommoda, violenta. Esse passageiro, qualquer que fosse, recostava-se sobre uma almofada, e pozera o chapeu sobre a cara para dormir. Estava assim quando o morgado o viu. E de si para com-sigo disse o morgado:

—Naturalmente é um desgraçado como eu, para viajar com uma noite d'estas! Mas é um desgraçado, mais... feliz do que eu, porque pode dormir. E—quem sabe?—talvez procurasse adormecer para lhe parecer menos longa a viagem, tal será a sua pressa, a sua anciedade de chegar! Ah! malditos caminhos de ferro, que ainda andam me-nos do que os meus cavallos!

E, levando por deante estas considerações, ficará a olhar para o seu companheiro de viagem, a quem um movimento brusco fizera saltar o chapéu de sobre a cara.

O morgado erguera-se de um salto, com os olhos esbugalhados, o nariz dilatado, as orelhas afiladas... Inclinando-se sobre o vulto do passageiro, olhou ávidamente para reconhecer-o, e immediata e instinctivamente levára a mão á cintura e tirára d'entre uma faixa preta, um punhal. Nos seus olhos, uma alegria selvagem faiscava. Erguendo simultaneamente ambos os braços, pareceu dizer com este movimento: *Emfim!* Depois, poisando o joelho esquerdo sobre a almofada do mesmo banco em que o passageiro dormia, deixando estendida, hirta a perna direita, fizera com o punhal menção de o cravar no peito do passageiro. Dir-se-hia que um braço invisivel suspendera esse movimento ou que o morgado queria procurar precisamente o coração do passageiro, para que o golpe fosse mortal.

N'esta posição violenta, cobrindo com um olhar absorvente, ávido de colera, esse homem adormecido, pensamentos tumultuosos perpassavam no seu espirito, n'uma grande tempestade mental.

—Foi Deus, pensava elle, foi Deus que reparou esta hora de punição. Não vou ser um assassino vulgar, mas um simples instrumento da vontade

e da justiça divina. A tempestade d'esta noite tinha alguma coisa de fatídica: o coração m'o dizia. Havia no trovão uma voz terrivelmente eloquente: era a voz da vingança. À luz do relampago assignairei a quitação d'esta longa divida de dezeseis annos. Deus assim o quiz: Deus ou o diabo. Houve uma predestinação extraordinaria em tudo isto: o coração d'este homem procurou o meu punhal. Mão-oculta veio offerecer-me o sangue d'elle: aqui o tenho, é meu, posso saciar a minha vingança... E dorme, dorme tranquillo! elle que é o criminoso, ao passo que eu, a sua victima, vou aqui desperto n'uma lucta horrivel que ainda esta noite me colocará talvez entre dois cadaveres!... Ah! minha filha! minha pobre filha!... Serás tu talvez que de longe estás intercedendo por a vida d'este homem, porque os anjos não comprehendem decreto que as pessoas a quem amam precisem enodoar-se de sangue... Não é isso... não... é que elle vae a dormir, e um homem como eu não sabe matar outro que dorme, ainda que seja tão vil como este... Pois bem!... Accordal-o-hei... que se defenda... que se prepare para morrer... que peça a Deus perdão das infamias que commetteu... Infame e vil que era!... Se era! tambem elle me feriu pelas costas, tambem elle de emboscada assaltou o meu lar, tambem elle se converteu em cobarde assassino da honra alheia... Bem!...

Vais morrer, miserável, como merecias... Concedo-te apenas um instante de vida para que, já debaixo do meu joelhão o teu peito, possas reconhecer que sou eu que te mato, eu que venho finalmente pagar a minha dívida de honra...

Entretanto a locomotiva havia juntado um silvo agudo e penetrante ás notas terrivelmente grandiosas da tempestade. O comboyo caminhava menos velozmente. Tudo denunciava a vizinhança d'uma estação. Mas o morgado, combatido de tão dolorosos e estranhos pensamentos, não dera tino do que se passava, e ia finalmente a descarregar o punhal sobre o peito do amante de sua mulher, quando o comboyo parou e uma voz forte e sonora gritou a pequena distancia:

—Estação de B! Estação de B!

De repente, galvanizado por esta voz inesperada, o morgado pareceu acordar de um pesadelo horrível, e deixando cair o punhal, exclamou:

—Minha filha! Minha querida filha! Que Deus ao menos permita que te torne a vêr!...

E saiu precipitadamente, n'uma allucinação indescriptivel.

O outro continuava a dormir tranquillamente.

## VIII

### Um processo celebre

(Abril de 1880)

Julgamento da andorinha que enxovalhou o sr. Pereira de Miranda

Vê-se do ventre dos autos que o Ministerio Publico, a requerimento do presidente da camara dos srs. deputados, e do queixoso Antonio Augusto Pereira de Miranda, promovera querella contra a andorinha que no dia 30 do proximo mez passado enxovalhou a mão e a carteira do queixoso enquanto elle estava fallando sobre assumpto de publico interesse no venerando seio da representação nacional.

Outrosim se vê que mais tarde se apresentou como advogado por parte de Pereira de Miranda o dr. Oliveira Valle, morador na rua da Prata, d'esta cidade.

Eis a questão.

Assistamos agora ao julgamento, realizado hon-

tem com exacta observancia das formalidades do estylo.

*Juiz.*—O passarinheiro da rua do Arsenal.

*Advogado da accusação.*—Dr. Oliveira Valle.

*Advogado da defeza.*—O Pariato.

Ao lado do advogado da accusação vêem-se sentados o queixoso e o presidente da camara dos srs. deputados.

Na gaiola dos réos,—a andorinha accusada.

Veste modestamente d'escuro, mostra-se pesarosa, e conserva-se comedidamente sem abrir bico.

O seu porte digno é muito elogiado pelos passarinheiros presentes.

Aberta a audiencia, o sr. juiz mandou ler o processo, começando em seguida o depoimento das testimunhas.

*Primeira testimunha da accusação.*—Marianno Cyrillo de Carvalho: idade, quarenta e tantos annos; modo de vida, contra-regra da situação.

Falla com indignação contra o attentado de que o queixoso foi victima, attentado que na sua opinião não só offendeu o queixoso como tambem a dignidade de toda a camara electiva. Que está persuadido de que a ré fôra instigada pela oposição a desfeitar por aquelle modo o sr. Pereira de Miranda (*Sussurro no auditorio.*) Pede a rigorosa applicação das leis para inteira manutenção da dignidade e do aceio da camara electiva.

*Segunda testimunha da accusação.*—Antonio Alves da Fonseca: idade, cincoenta annos: modo de vida, advogado choramigas.

Que por muitas vezes tem pedido n'aquelle casa a applicação das leis para os criminosos, e a justa absolvição dos innocentes, mas que tudo isso é questão de modo de vida, na razão de tanto por lagrima. Porém, n'aquelle momento, vae ali espontaneamente, unicamente impellido pela verdade. Que não tinha conhecimento anterior da ré, mas que lhe repugnou profundamente a natureza do delicto, e conhecia perfeitamente as consequencias d'elle, por isso que já uma vez fôra insultado do mesmo modo, estando no campo, por um pardal petulante. Que se já tivesse chegado o Alviella, o mal poderia ter facil remedio, mas que não sendo a camara atravessada por qualquer regato, o queixoso se vira n'uma posição realmente difficult. Pede a applicação do artigo tantos do Código Penal.

Seguiram-se mais algumas testimunhas da accusação, que corroboraram os depoimentos anteriores.

*Primeira testimunha de defeza.*—O simeiro da Estrella, cujo nome e idade não podemos ouvir.

Que aquella andorinha está hospedada na torre da egreja da Estrella ha cerca de vinte dias, que lhe parece ser muito bem comportada, e de bons sentimentos; que justamente no dia 30 a vira co-

mer grande porção de bichinhos, e que suppõe que ella estivesse incommodada dos intestinos.

*Segunda testimunha de defeza.*—Eduardo Augusto Vidal: idade trinta e tantos annos; modo de vida, empregado superior da alfandega de Lisboa.

Que é o protector nato de todas as andorinhas que vem a Lisboa; que as tem na conta das mais innocentes e sympathicas das avesinhas; que está inteiramente capacitado de que a ré obedeceu apenas a um caso de força maior e que não teve a menor intenção criminosa.

Seguiram-se outras testimunhas de defeza.

O Ministerio Publico historiou os pormenores do crime, e, findo o seu discurso, o sr. juiz deu a palavra ao advogado da accusação.

O dr. Oliveira Valle.—Que o palacio de S. Bento deve ser considerado como o templo da representação nacional. Que os deputados são inenxovalháveis no exercicio das suas funcções e do seu aceio. Que a ré pretendeu e conseguiu interromper o queixoso, indo de propósito offendere um deputado que estava fallando em defeza do governo. Que o que caiu de cima foi mais do que materia immunda, foi um epigramma, uma affronta. Que se a lei não vier em auxilio do offendido, os srs. deputados precisarão de ir para a camara de toalha e sabonete debaixo do braço. (Como houvesse hilaridade no auditorio, o sr. advogado explicou que o sabo-

nete não era o do sr. dr. Moutinho). Finalmente, que dado mesmo o caso da ré estar atacada de molestia intestinal, não devia ter saído do seu ninho.

Seguiu-se o advogado da defeza, o sr. Pariato.— Que o sr. Pereira de Miranda foi justamente enxovalhado n'um logar onde não devia permanecer. Que elle, Pariato, estava indignado com o procedimento do auctor, o qual para obedecer a uma combinação politica teimava em ser um *par nunes*, não se percebendo bem o que elle era no parlamento, porque estava preso á camara alta por uma carta regia e á camara electiva por um diploma popular. Que a ré interpretára perfeitamente os sentimentos da camara hereditaria, vingando a affronta que a esta camara estava fazendo o sr. Pereira de Miranda com a sua pertinaz ausencia.

Depois o sr. juiz deu a palavra á ré, que não abriu bico.

Então o digno magistrado fez um resumo dos factos, e propoz os quesitos.

O jury retirou-se á sala das deliberações e, passados tres minutos, voltou com as respostas aos quesitos. O sr. juiz mandou lavrar a sentença, que foi d'este theor:

Considerando que a ré não podia ter conhecimento do local em que praticou o acto;

Considerando que talvez não podesse deixar de o praticar;

Considerando que a natureza obedece a leis fataes em todos os seres existentes;

Considerando, finalmente, que a andorinha não pertence ao numero dos passaros bisnaus, nem ao d'aquelles que são de bico amarello, e que portanto a intenção criminosa não ficou provada:

Condemno o auctor nas custas do processo e do sabão com que se desenxovalhou.

Tal é, com a possivel exactidão, e segundo as nossas informações, a historia d'esse notavel processo.

N. B.—Dizia-se á ultima hora que o sr. Pereira de Miranda estava disposto a levar a questão até ao Supremo.

## IX

### A ovelha moribunda

**Ao dr. Casimiro Ribeiro**

Em Setubal, no vasto campo do Bomfim, passam ás vezes na lucida serenidade da manhã ou na placidez luminosa do sol-pôr, tosando a forte relva viçosa, rebanhos de ovelhas que lançam no silencio alastrado da paizagem o som somnolento do seu chocalho vagaroso.

O vulto do pastor, diminuido pela distancia, parece mover-se arrastadamente como as pequenas figuras dos theatros mecanicos. A sua vara, encostada ao hombro, põe um traço escuro no azul do ar, perdendo-se n'um fundo immovel de stereoscopo.

Sente-se o vago ideal de um idyllio árcade, exageradamente romantico. Chega a gente a imaginar que as ovelhas são de algodão em rama e

que o pastor fôra modelado em barro n'uma fabrica do Porto. Um mecanismo occulto poria em vibração o chocalho. Grandes porções de musgo solto, atiradas para a terra ao acaso, fariam verdejar abundantemente o sólo, n'uma vegetação postiça de montanha de Presepio. Bastidores de papel, recortando alcantis e ruinas de um castello antigo, lembrariam o pedestal montanhoso do convento ameiado de S. Thiago de Palmella. Por de traz de um fundo de papellão, uma creança de dez annos poderia recitar uma ecloga opiada, apostrophando o pastor e encarecendo-lhe a felicidade da mansa vida campesina. Tudo isto poderia ser uma suave phantasia em pleno romantismo, como nos idyllios de Gessner, nas bucolicas de Virgilio e nos serões do *hotel Rambouillet*, se não fosse uma bella realidade suprehendida pelo observador n'uma cidadesinha pittoresca que fica, alem do Tejo, a pequena distancia de Lisboa,— d'esta Lisboa cujos arrabaldes são rebeldes á paisagem e ao idyllio, se exceptuarmos Cintra, o idyllio chronicó.

Geographicamente, Setubal pertence ao Alem-tejo; administrativamente está encorporada na Extremadura. Pertença a quem pertencer, os seus arrabaldes teem a basta vegetação emmoitada da provincia do Minho, o tom de um verde luminoso, metallico, que caracterisa os campos do Ave e do

Lima. A cidade é um pouco monótona e um pouco fétida. Pela vizinhança de Lisboa, importou o chapéu alto e o *Diario Popular*. Nas conversações diz-se sempre: *Ali em Lisboa*. Com efeito, Lisboa está apenas a duas horas de vapor e caminho de ferro. Mas n'isto consiste talvez o grande defeito de Setubal. Perdeu o que podia ter de cidade de província sem haver ganho uma só das vantagens da capital. Copia Lisboa, reduzindo o formato. Lisboa precisa d'esgotos; Setubal deixou-se precisar d'elles. Em Lisboa ha febres endémicas no verão; Setubal tratou logo de se dar esse *chic* lisbonense. A cidade é isto. Mas a cidade é uma tela vulgar posta n'uma encantadora moldura. A cinco minutos da cidade está o campo do Bomfim, uma delicia; a hora e meia, por excellente estrada, Azeitão, um encanto. Subindo a montanha de Palmella, um grandioso espectáculo. Sahindo pelo mar, a Arrabida, a austera, a formidavel Arrabida. Rio, mar e campo. Tudo isto faz moldura a Setubal, que, sem o mar, sem o rio e sem o campo, não prestaria para nada.

Mas em Lisboa, grande numero de pessoas ignora que tem ali o Minho tão perto, e tão completo. Com uma só diferença: o vinho verde é substituido pelo doce moscatel. Fructa não a ha melhor nos vergeis do Minho. Principalmente a laranja de Setubal é deliciosa. Um inglez seria

capaz de dar um schelling por um gomo, se lhe não déssem uma duzia de laranjas por menos d'isso.

Antigamente, a nobreza lisbonense fazia de Azeitão a sua Cintra, e ainda hoje ha lá vestigios d'essas *villegiatures* fidalgas, mórmente no paço da Bacalhôa, que está muito menos bem conservado que o seu dono, o sr. conde de Mesquitella. Mas a nobreza mudou de rumo no verão, não sei por que, e hoje quer-me parecer que ha apenas tres admiradores entusiastas de Azeitão: o sr. João de Andrade Corvo, o sr. Henrique da Gama Barros, e eu.... Duas pessoas distintas, elles, e tres *regeneradores* verdadeiros.... nós.

Depois que eu tive a felicidade de descobrir Setubal, sem que os compendios de *chorographia* rezem d'isso, tenho lá voltado muitas mais vezes do que Christovam Colombo á America e Vasco da Gama á India,—depois de descobertas por elles. Pois olhem que me deu trabalho o descobrimento. Naveguei o Tejo para suéste, atravessei os sertões d'Alhos Vedros e da Moita, no Pinhal Novo encontrei um *leão*... um caixeiro de Lisboa que regressava carregado de pastas de amostras, e só depois é que pude descobrir Setubal. Para que me não fugisse, escrevi-lhe os *Annaes*. Ainda não tive tempo de descobrir as origens do Sado, mas talvez venha a fazel-o. Agora o que eu faço é ir

lá muita vez, por passeiar, quando me sinto bem disposto, e o Tejo não anda de mau humor.

De uma d'essas vezes, era em abril, lembro-me bem, uma bella manhã de primavera, alegre e clara como um coração de dezoito annos.

O sol apparecia, n'uma abundancia triumphal de luz, por sobre o pequeno jardim da Alfandega de Lisboa. No Terreiro do Paço, a sentinella da estatua embasbacava para o Tejo, onde velas latinas passavam como no panno de fundo d'um theatro. Alguns carrejões encostavam-se á muralha, fumando, á espera dos passageiros. O botequim da Arcada abria as suas portas, e um caixeiro espanava as vidraças. Os edificios dos ministerios tinham um aspecto somnolento, rebelde ao ar fresco da manhã. O vapor do Barreiro accendia as caldeiras, atracado á ponte. Á porta da estação uma mulher vendia bolos e um garoto offerecia o *Diario de Noticias*. Dentro, gente do Alemtejo agglomerava-se, atirando-se sobre o balcão, para despachar as bagagens. Um empregado de bonnet de galões amarellos, sentado a uma banca, enchia as guias. Dois carregadores de blusa de chita, e de bonnet numerado, pesavam os fardos na balança. Ao fundo do corredor, atravez da vidraça, o Tejo apparecia povoado de navios, n'uma imponencia manuelina. Ao fundo do balcão, pelas janellas da sala, via-se o dique do arsenal, onde um navio desmastreado

recebia golpes de ferro com uma indifferença bruta, como um monstro anesthesiado.

Finalmente, a porta de vidros abriu-se, os passageiros lançaram-se impetuosamente pelo corredor dentro, e momentos depois o vapor assobiava largando.

O Tejo parecia feito de lona azul, sentia-se um vago desejo de tomar banho e de partir para longes terras... A casaria branca do Barreiro punha uma nota vulgar e humana n'aquelle paisagem tão nova e tão formosa. No Alfeite, manchas côr de vinho destacavam em grandes massas de areia, que de relance nos faziam lembrar da loteria de Hespanha e do *feliz* cambista Fonseca. O pontal de Cacilhas alongava-se dentro d'agua, tendo a cavalleiro a casaria de Almada, com um aspecto pacifico, tranquillo, menos petulante, apesar de mais proximo, que o do Barreiro.

Á medida que o vapor avançava, a gente, olhando contra a corrente do Tejo, desorientava-se, parecendo-lhe que a barra lhe ficava á esquerda, tamanha era a amplidão das aguas para aquelle lado. A meio do rio, um homem de meia idade, sentando-se n'um banco de tapete, principiou a tocar viola francesa. Ouvindo-o, a gente sentia-se melhor, cheia de desejos vagos, de saudades indefinidas. Um cheiro a *bifes*, que sahia da cosinha do vapor, abria um apetite saudavel. Um prurido de saude picava,

mordia a pelle. De pé sob o toldo do convez, sentia-se uma rijesa de aço nas pernas, uma seiva nova nos braços. Uma creança comia bolos com soffreguidão. Um alemtejano de oculos verdes lia o *Diario de Noticias*, sobre o qual uma ligeira ondulação do toldo fazia ás vezes cahir um torvelinho de luz. O vapor avançava arfando como um peito de ferro, e a prôa rasgava flocos d'espuma, que refervia como a do champagne.

.....

Em Setubal, o Campo do Bomfim despertava a pouco e pouco, parecendo erguer-se n'um grande extasi de luz d'entre a evaporação azul da manhã, como uma ondina que sahisse do banho. As arvores immobilisavam-se sobre a transparencia do ar, como n'uma paisagem pintada. O chocalho d'um rebanho telintava ao longe. Arcos d'um aqueducto appareciam. No meio do campo, uma agglomeração escura de arvoredo fazia lembrar um pequeno cemiterio de provincia: era o Passeio. Palmella erguia-se n'um tom duro e antigo sobre um pedestal ericado de fraguedos. As torres da cidade e as casas surgiam com recortes irregulares: as torres da egreja de Santa Maria, negras e grandes, tinham um aspecto pesado e lugubre. Ao longo da avenida que conduz á cidade, a superficie areienta espelhava o sol. Ouvia-se a distancia o chilido alegre dos passaros, como n'um viveiro longinquo.

Ao primeiro lance d'olhos, faltaram-me n'esta paisagem as ovelhas tão minhas conhecidas. Atravessei o campo parecendo-me avançar dentro de um banho de aromas campesinos, de luz e de alegria. Olhava para um e outro lado, procurando um rebanho. Chego á orla do campo pelo lado do convento de Jesus, e finalmente avisto um grupo de ovelhas para alem d'uma pequena ponte. Algumas mulheres, de capote e lenço, um lenço fortemente engommado, caminham para a igreja, vão para a missa. Distraio-me a olhar para ellas, e encontro-me a dois passos do rebanho reunido. O pastor está sentado sobre a relva, e tem encostada ao peito uma ovelha. As outras, n'uma attitude respeitosa, compungida, agrupam-se em arco de circulo. Reconheço que a ovelha que o pastor abraça, tem de momento a momento convulsões violentas, e que revolve os olhos, com uma doce melancolia dolorosa. Interrogo o pastor, e diz-me que a ovelha está moribunda. Havia dois dias que não queria comer; o pastor desconfiava que tivesse comido alguma herva venenosa.

A pobre ovelha parece entendel-o e entender-me, olha para mim com uma grande expressão de reconhecimento, e nos seus olhos tristemente vidrados os vegetaes circumpostos espelham-se. Todas as outras mostram ter uma profunda comprehensão d'este momento solemne. O pastor, com voz tre-

mula, o olhar enublado, diz-me que *aquella era a mais sua amiga, que tem muita pena d'ella*. Sobre o dorso da ovelha, o suor da agonia empasta-lhe o pello. As convulsões amiudam-se. O olhar immobilisa-se, apaga-se. De repente, as pernas da pobre ovelha fraquejam, e ella cai ficando com a cabeça escondida entre a relva. No céo o sol parece disparar pequenos flocos de luz que estalam sem ruido, como a pulverisação luminosa d'um bello fogo de artificio. E atravez d'esta grande força creadora da natureza, d'esta recrudescencia de vida, eu passo agora cabisbaixo e silencioso a pensar na pobre ovelha que morreu.

Que tolice!

# X

## Villegiatures

(Maio de 1880)

### COIMBRA

Que me importa a mim que me chamem *romântico* e piegas? As bellas coisas antigas impressionam-me, e digo francamente o que sinto, mais para me entreter a mim proprio do que para entreter os outros...

A medicina, uma sciencia antiquissima, tem decisões soberanas quando se constitue em tribunal, muito mais respeitavel do que o da Boa-Hora. Ora a medicina resolveu que eu passeiassse, o dr. Farol pronunciou o seu *veredictum*, e eu submetto-me com a mansidão d'um borrego da Arcadia.

A natureza parece ainda mais formosa quando se doira de uns antigos toques lendarios, e não ha terra mais rica da poesia da tradição do que Coimbra, a bella cidade que ri, como disse não sei quem, nem isso vem para o caso.

Mas, santo Deus! os mais deliciosos logares de Coimbra emperlaram-se de lagrimas, e parece chorarem n'uma doce tristeza deleitosa. Em cinco annos ninguem poderia entristecer-se mais, a morte foi accumulando recordações saudosas por aquellas ribeiras do Mondego ainda tão povoadas de rouxinões.

Sim, eu bem sei que o rouxinol é *rococó*, que anda estafado desde Bernardim Ribeiro até ao sr. Eduardo Vidal, que o rouxinol é um velho rhetorico dos salgueiraes, um *phraseur* dos arvoredos e da beira agua, mas, que diabo! se o rouxinol ainda canta, e se eu ouvi cantar o rouxinol, que medo posso ter de o dizer em voz alta de modo que *Bento Moreno* o oiça, e o sr. Guerra Junqueiro o venha a saber!

Agora, o que eu tambem posso dizer, para contemporisar com aquelles senhores, é que o rouxinol estava nos salgueiros e o José Macaco no *hotel Mondego*. Um bemdizia a primavera; o outro amaldiçoava a princesa Rattazzi. O rouxinol não perdoa decerto o haverem dito d'elle, modernamente, que é o tenor da naturesa, o cantor alambicado dos lyrisinos amorosos; pois o José Macaco, mal agradecido á popularidade que lhe deu o livro da princesa, jámais se sentirá disposto a perdoar-lhe a ella o haver-lhe chamado feio, e a engulil-o resignadamente a elle... o livro. É doce, é bom,

ouvir a gente os rouxinoes das noites de Coimbra, debruçado n'uma janella, depois de se ter levantado da meza da ceia e emquanto fuma um charuto; mas não é menos delicioso decerto ouvir, a essa mesma hora, discursar José Macaco, de pé, á porta do quarto do *hotel Mondego*, com a sua voz e a sua verbosidade de realejo constipado, se permitem a phrase, que não deixa de ser verdadeira. No seu nariz cruelmente achataido ha crisspações terrificas quando premedita uma grande vingança das *meninas portuguezas contra a princesa Rattazzi, que tão mal disse d'ellas*, expressão sua. Durante trinta annos, nenhum dos hospedes que transitaram pelo *hotel Mondego* fez reparo na fealdade de José Macaco, mas a princesa viu-o bem atravez da sua luneta de oiro, e José Macaco comprehende perfeitamente todo o ridiculo que ha realmente em ter escapado á critica dos homens durante trinta annos para vir a ser photographado, em oito dias apenas, por uma mulher!

Visto que já fallei do rouxinol tambem me atreverei a fallar da Lapa dos Esteios, porque tudo está em dar o primeiro passo, e já agora eu sou, sob o ponto de vista litterario, uma antigualha mais ou menos cubicada pelo sr. Possidonio.

Que de recordações n'aquella Lapa, onde só falta o sr. prior do mesmo nome! mas que de tristes recordações! Dos poetas da *Primavera* só res-

tam cinzas. O bustosinho de Castilho, lavrado de perfil na fonte da quinta, tem aquella immobildade indiferente que a ossada do poeta deve de ter na sepultura. Dos outros poetas de que ali ha memoria só tambem resta a metempsycose de algum ministro d'estado... Os donos da quinta, os condes das Cannas, mortos. A casa fechada, para vender-se brevemente com a quinta. O antigo ca-seiro, um velho de setenta annos, só, com dois grandes cães de focinho negro, espera a hora de ser despedido por o novo senhor. Chora ao lem-brar-se que talvez possa sair d'ali, e quando en-saia o momento da despedida, caminhando para a porta, olha de vez em quando para traz, e pare-ce-lhe que ainda ouve charlar e rir debaixo da Lapa os poetas da *Primavera*...

N'uma lapide posta entre trepadeiras sobrevive a commemoração das *bodas de prata* dos condes das Cannas, celebradas em 1875. Pois já a morte os separou, já a morte desatou para todo o sem-pre os laços da alliança terrena, e a condessa ex-pirou na solidão da sua velhice tendo visto morrer primeiro o conde, n'aquella casa encantadora, a dois passos do Mondego, n'uma tranquillidade pro-funda, que a morte parecia dever respeitar...

Se da Quinta das Cannas passamos para a Quinta das Lagrimas, vamos ainda encontrar vestigios de devastaçao recente. O palacio, enegrecido e des-

mantelado pelo incendio que em grande parte o devorou, tem o aspecto terrivelmente melancolico das casas fechadas e arruinadas. As chamas, segundo me informaram, não respeitaram os moveis, os livros, os papeis de familia. Em tudo aquillo se sente o melancolico abandono das coisas tristes, mas, em compensação, sob este novo aspecto d'aquelle recinto, como que se sente com maior nitidez a legenda da *Fonte dos amores*, o poema de Ignez incide melhor na nossa alma, como um raio de luar passando atravez d'umas ruinas pode incidir n'um lago profundamente tranquillo.

Mettendo as mãos na agua, colhe a gente os *cabellos* de Ignez para melhor reconstruir as suas tranças despedaçadas nas mãos dos algozes; contempla o sangue d'ella que avermelha ainda as pedras da fonte, ouve-a ensinar ás hervinhas o nome do seu principe, e como a casa está abandonada, como se não pode suspeitar que haja olhares curiosos atravez dos *stores*, sentimo-nos ali n'uma doce impunidade, uma agradavel confiança nos tranquilla, pode a gente dar largas á imaginação, acreditar nos cabellos, no sangue, no assassinio de Ignez n'aquelle sitio.

Sim, mas o acaso, isto que se chama vulgarmente o acaso, não sei se bem se mal, tem ás vezes ironias colossaes. Imaginem que no cano de pedra por onde é fama ter deslisado a correspon-

dencia amorosa de Ignez e de Pedro, descobri um bocado de papel encalhado entre umas hervagens. Dizia-me a imaginação que talvez fosse uma carta de Ignez respeitada pelos seculos e pela agua. Tiro o papel de dentro do cano, abro-o, ó ceus! era um annuncio da ultima novidade em chapeus da sr.<sup>a</sup> D. Maria Cecilia! A carta não era de todo mal jögada. Se chegasse a tempo de encontrar Ignez de Castro ainda viva, estava ali certamente uma boa fregueza!

## BUSSACO

Havia quatorze annos que eu não ia ao Bussaco, que pela primeira vez tinha estado em Luzo.

Em 1866 fiz parte de uma caravana de viajantes, cujo chefe fallecia pouco depois. Era então para mim a sazão dos grandes lyrismos, a época das calorosas expansões em prosa e verso. Quem d'essa vez aguentou a massada de me aturar o verso e a prosa foram os leitores do *Campeão das Províncias*, onde eu publiquei folhetins a respeito do Bussaco com uma fecundidade digna de Maria Mantella ou do bom rei D. Manuel. Cinco annos depois fui-me a esses folhetins, cortei quanta rhetorica pude, e dynamisei-os o preciso para entrarem n'um livro, que se chamou *Esboços e episódios*, e que provavelmente teve apenas dois leitores: o typographo que o compoz, e... eu.

Não sei já o que então disse da povoação de Luzo, nem tenho agora paciencia para ir reler o que escrevi, mas entrelembro-me de que Luzo era a esse tempo uma simples aldeola, *etape* obrigada de quem jornadeava da Mealhada para o Bussaco. Havia já a casa dos banhos, que me parece que foi edificada em 1854, havia n'esse edificio o inseparável companheiro da ociosidade balnearia, o piano, o terrivel piano das caldas e das praias, havia apenas um *hotel*, e pouco mais,—umas casitas aqui e ali, umas pobres choupanas que deviam constituir o nucleo da actual povoação.

Mas agora, ai! agora, imaginem os senhores um pobre rapaz montesinho e casmurro que fosse para o Brazil e que passados quatorze annos, tendo herdado de um patrão celibatario ou de um tio gottoso uma enorme riqueza, voltasse commendador *di cá e di lá*, com um annel colossal no furbolos e um grande Chili na cabeça... Pois ahi teem o reviramento de Luzo. Abrazileirou-se, prosperou, botou figura. Ainda se sente alguma coisa do que foi, mas a mudança é grande, enorme. Já ha ruas, com letreiros, como nas grandes cidades; fizeram-se casas, construiu-se um *chalet* onde funciona um bilhar; edificaram-se hospedarias, uma das quaes—*A do caminho de ferro da Beira*—é recentissima; e até, para cumulo de civilisação, a direcção da casa dos banhos teve o

bom senso de mandar o piano para outra casa... a do diabo, porque havia doentes que voltariam de Luzo completamente curados-se não tivessem peiorado por causa do piano!

O grande artista que até hoje tem dado a melhor pincelada na povoação de Luzo... sabem quem foi? É um pintor ainda muito mais caro do que o sr. Carolus Duran,—é nada mais e nada menos que o Caminho de Ferro da Beira. Sim, este sr. Caminho de Ferro atirou para cima dos dois oiteiros de Luzo, e para o valle interponto, com um pedaço... de Paris. Não pensem que estou fazendo poesia; já lá vae esse tempo, e pena é que não volte. Mas é certo que ha actualmente em Luzo uma numerosa colonia de francezes, engenheiros, desenhadores, conductores, que sei eu! Vivem ali deliciosamente, trabalhando todo o dia, e jantando magnificamente á noite, quando voltam dos campos com a pelle mordida pelo sol forte e crú das estradas. Alguns improvisaram *cottages* para viver, n'umas casinhas de papelão, que se poderão fechar como um biombo. As esposas d'alguns acompanharam-os. Á noite, a maior parte dos francezes jantam no *hotel do Serra*. Grande cavaco, obrigado a cachimbo e a *calembour*. Depois, das dez para as onze horas da noite, imediatamente ao jantar, vão deitar-se. Á meia noite, Luzo resona. Ao romper do dia, em conformidade

com os usos de uma vida espantosamente regular e hygienica, os srs. engenheiros franceses já estão a pé, e conversam alegremente, sentados sobre a relva, saboreando um copo de leite fresco ou fumando uma cachimbada de kentucky.

Á hora em que eu ceiava em Luzo, acabavam de jantar oito franceses, seis homens e duas senhoras.

A *causerie* ia de vento em pôpa, o *espirito* frances soltava livremente a escôta, e a barquinha do *dessert* velejava fogosa.

Uma das senhoras, madame R., conversava com fina graça. Era ella quem fazia as despezas da conversação. Tratava-se de casamentos, de divócio, de Naquet. Mas, por Deus ! derramava-se uma onda de alegria por cima de todos esses assumptos de um vasto alcance social. Nada de *philosophia*. O *Figaro* em acção.

Fallando-se de alguns logros relativos a casamentos, madame contava este caso com uma grande facilidade de inflexões, e uma grande simplicidade de gestos:

Que uma sua amiga de collegio tinha um filho, de vinte annos, estudante de medicina em Paris. O pae d'este rapaz, engenheiro de pontes e calçadas, fazia uns certos sacrifícios para o trazer nas aulas, para lhe dar um curso, e esperava que o filho o auxiliasse um dia, o indemnísasse de todos

esses sacrificios logo que concluirse a formatura. Mas um bello dia o rapaz apparece enamorado, vivamente enamorado. De quem? N'este ponto é preciso apresentar a familia da menina que despertou tamanha paixão.

Uma senhora da província, viuva, com duas filhas de vinte a vinte dois annos cada uma, viera residir em Paris, onde dizia viver dos seus rendimentos, inculcando-se possuidora de algumas propriedades em Mansle, no Charente.

Afim de melhor prender o joven estudante, essa senhora dissera-lhe um dia:

—Eu bem sei que é pobre, mas que me importa isso? Se realmente quer casar com minha filha, dar-lhe-hei espontaneamente, sem precisarmos de recorrer a qualquer formalidade legal, metade do que tenho...

Animado por esta promessa, o rapaz casou, com grande desgosto dos paes, que viam fugir-lhe com elle todas as esperanças de velhice tranquilla.

Á volta da egreja, no dia do casamento, o joven estudante de medicina recebeu de sua sogra a seguinte carta:

«Meu querido genro:

«Acabo de cumprir o que prometti. Disse que lhe daria metade do que tenho, e assim fiz. Restam-me no mundo duas filhas: dei-lhe uma, fico com outra,—eis tudo.»

—Era uma aventureira! gritou um francez.

—Sem dinheiro mas com espirito! observou outro.

Um portuense que estava á meza, um logista dos Clerigos, que eu conhecia do Porto, voltou-se para mim e disse:

—Que grande intrujona! é que elles deviam dizer... Se fosse commigo, dava-lhe um tiro na cabeça...

### AS FESTAS DA RAINHA SANTA

(Julho de 1880)

#### I

Tendo chegado a Coimbra no comboyo da manhã, e depois de haver dormido um bom somno de duas horas, o *touriste* das festas da Rainha Santa espera resignadamente, na casa da meza, que lhe sirvam o almoço.

Ha uma confusão cahotica na sala. Viajantes entram e saiem; outros lêem jornaes antigos, e praguejam de quando em quando; outros, finalmente, bocejam de somno e de fome. Um criado, um só criado arrasta o seu esfalfamento pelo corredor, da casa da meza para a cosinha e da cosinha para a casa da meza. Elle tem o mau humor, o aborrecimento, o desespero de quem está extenuado, vendo aliás diante de si a eternidade de mais tres dias de festejos.

Se lhe perguntam pelo almoço, diz que não pode andar mais depressa, que não tem quatro mãos, que ha muita gente e poucos criados...

Esta resposta é de uma verdade crua e absoluta,—excepto no que respeita ao numero das mãos.

Um grande silencio esfomeado paira por momentos sobre os grupos famintos. Depois as pragas estalam de novo,—como os phosphoros. Fuma-se, para se fazer alguma coisa.

Finalmente, apparece a bandeja do almoço. Bifes espessos encastellam-se sobre uma grande travessa. Mais dois pratos parecem ser conduzidos a reboque por esta travessa monstro, cujo aspecto enfarta.

Então os *touristes* conhecidos teem exclamações doloridas, lamentações sentimentaes. Falta-lhes o conchego da sua casa, o seu pequeno bife de todos os dias, os ovos quentes, a manteiga fresca, o seu Collares, e os brancos guardanapos aceiados. Em tudo aquillo, que é mau e caro, sente-se a collectividade violenta de uma hospedaria, tudo aquillo é feito á pressa, *para despachar*, sem cuidado e sem esmero.

Áquella mesma hora, que de pessoas não teriam o pensamento em Coimbra, nas *grandes, nas esplendidas festas da Rainha Santa*, e nos bellos campos do Mondego—ausente?!

Pois, senhores, ninguem diria ali que estava a dois passos dos mais deleitosos campos de Portugal, ninguem n'esse momento pensava senão na sua casa de todo o anno e no seu almoço de todos os dias.

A pouco e pouco, a casa da meza foi-se esvaziando, mas ninguem se atrevia a perguntar aos seus conhecidos aonde é que elles tencionavam ir passeiar depois d'almoço.

Soube-se mais tarde que a maior parte d'elles tinham ido dormir. Dois ou tres passaram a manhã passeiando á volta da meza de jantar. Os poucos que sairam para a rua tiveram que arrostar com um calor *etouffant*, e os que commetteram a ousadia de pôr o seu pensamento nas sombras do Jardim Botanico, chegaram lá mortos de cansaço, extenuados, depois de haverem trepado pelo *Quebra-Costas*. Alguem houve que preferiu o *Choupal*, mas como o *Choupal* não podia acompanhal-o até ao *hotel*, appareceu-nos o pobre viajante reduzido a torresmos, do sol e do calor que fazia á beira do Mondego.

A grande salvação d'aquelles que se encaminharam para o Jardim Botanico consistiu em haverem descoberto uma bella arvore, a mais bella talvez d'aquelle vasto recinto, uma enorme *tillia*, cujos ramos se copam em abobada sombria, formando um delicioso caramanchel.

Mas ahi, no descânço d'essa boa sombra, principiam de novo as reflexões philosophicas. O romantismo está realmente muito em baixo, porque ninguem ali se lembrou do magnifico romance de Alphonse Karr—*Sous les tilleuls*. O que se dizia era isto, pouco mais ou menos:

—Mas, francamente, alugar uma arvore por este preço é um capricho de Creso ou de Rothschild!

—Arvore por arvore, accrescentava outro, tenho eu em Lisboa uma, que é tambem enorme: a da minha familia.

—Mas acreditem os senhores: as arvores que ficam realmente mais baratas são as genealogicas.

Ao sairmos d'ali, despedimo-nos d'aquella bella arvore até ao dia seguinte, dizendo-lhe que ella passava a ser o nosso salvaterio durante os tres dias restantes, que contavamos com ella, e que por caso nenhum nos fugisse—como tinha feito o Mondengo. E que tambem não valia a pena incomodar-se comnosco, que nem siquer nos desse do seu chá—chá de tillia—porque, felizmente, nenhum de nós estava constipado.

## II

Da tillia do Jardim Botanico passamos para o hotel \* \* \*, resolvidos a passar no outro dia do hotel \* \* \* para a tillia do Jardim Botanico.

Este programma de diversões era realmente encantador, e a unica felicidade que nos podia faltar era a de um jantar esplendido, capaz de compensar todos os dissabores até ahi soffridos.

Abancamos á meza, cheios de esperança—e de appetite.

O criado do *hotel*, cada vez mais impertinente, rugia palavras mysteriosas sempre que tinha de servir um novo prato, deixando no nosso espirito uma duvida cruel: se estaria zangado com os hóspedes ou comsigo mesmo.

Eis que sobre o garfo de que se estava servindo o sr. Jayme de Seguier, cae uma porção de mólho. Pedido novo garfo, o criado aproveita a occasião para declarar que o garfo estava inteiramente limpo quando foi posto na meza, que ninguem tinha mandado enxoalhar o garfo, que desde o momento em que os hóspedes deixassem cair mólho sobre todos os garfos, faltaria o mólho nos pratos e sobraria nos garfos; que era um esbanjamento de mólho e um estrago para os garfos...

Então o sr. Jayme de Seguier não teve remedio senão fulminar tão insolito procedimento, dizendo pouco mais ou menos isto:

—Senhor criado: eu tenho a prevenil-o de que lhe pedi um garfo e de que lhe não pedi *philosophia*, pela simples razão de que como muito melhor com um garfo do que com um *syllogismo*.

Posto, isto o sr. criado guarda a philosophia e dá-me um garfo...

Todos os hospedes apoiaram calorosamente esta justa reacção, que desde essa hora se ficou chamando entre nós—a *revolta dos garfos*.

O criado, fulo de colera, quiz vêr se conseguia desesperar-nos fugindo, mas nós, imperturbaveis em nossa grande serenidade, acabámos de jantar servindo-nos a nós mesmos—sem philosophia e sem criado.

Um prato houve que suscitou protestos por parte de alguns hospedes. Queixavam-se esses hospedes de que lhes fosse servido em Coimbra, na terra dos encantos, na bella flor do Mondego, um prato de congro, quando elles esperavam uma salada de boninas com linguas de rouxinoes.

Chegaram talvez até á cosinha os eccos do nosso despeito pelo congro, e decerto o criado dissidente jurou vingar-se de nós, fazendo com que todos os dias tivessemos que servir-nos congro.

Assim aconteceu. Nos dias seguintes o terrivel prato de congro passava por diante de nós n'uma visão indigesta, e os nossos olhos desluzidos erguiam-se para o lustre povoado de moscas indolentes, n'um movimento supplicante, em quanto os nossos labios diziam n'um murmurio dolorido:

*Livræ-nos do congro, Senhor!*

Em vão pedimos um peixe, se não menos indi-

gesto, pelo menos mais notavel. Chegámos a pedir polvo,—porque ao menos lhe serviriam de imaginario tempero as bellas descripções que d'elle fizeram o padre Antonio Vieira e Victor Hugo.

Mas o congro é um peixe tão insignificante, que nem siquer tem historia. E de feito podemos averiguar que não a tinha, porque procedemos a profundos estudos sobre esse reles peixe que estava sendo o nosso assumpto e o nosso prato de todos os dias. Mas o que a este respeito conseguimos encontrar de mais profundo na bibliotheca da Universidade, foi o *Diccionario Portuguez* de Roquette no vocabulo *Congro*,—a saber:

*Congro, s. m. peixe de pelle do mar.*

E é que se não temos ido a Coimbra, ficávamos sem esta clara noção da historia natural do congro!

N'essa mesma noite principiaram as illuminações. O povo dos arredores da cidade apinhava-se n'uma agglomeração violenta, fazendo grupos de uma impenetrabilidade bruta, que por igual incommodava os braços e os callos. Procurámos tudo quanto de poesia podia e devia ter uma festa popular á beira do Mondego: fogueiras, descantes, bailaricos... Qual historia! Nada d'isso. Em quanto na estrada da Beira copinhos de côres pen-

diam d'arames tensos, alguns dos nossos infelizes companheiros de viagem proclamavam a supremacia d'outros copinhos muito menos vistosos, mas cheios d'um liquido verdadeiramente indispensavel para castigar uma rebelde indigestão de congro: a genebra de Hollanda.

Pelo que respeita ás illuminações, continuaram por este theor durante alguns dias, até domingo á noite, em que tiveram o bom senso de deixar-se apagar de vez. Quanto ás nossas pessoas: congro e tillia. Em noventa e seis horas devorámos quatro congres inteiros, e se não devorámos tambem a tillia do Jardim Botanico, para fazer alguma coisa, foi porque felizmente a natureza nos fabricou d'uma especie que só tolera o verde—na salada.

Ora aqui teem os senhores o que é uma *villegiature* invejavel!

Oh! o campo!

Oh! os passcios no verão!

Delicioso! Delicioso!

#### NO MINHO

(Agosto de 1880)

Fui obrigado a interromper por alguns dias, no *Diario Illustrado*, a secção *Atravez da imprensa*, em attenção ao seu proprio titulo. Estando no Minho, eu só poderia escrever *Atravez dos pinheiros*.

A imprensa não me perseguiu felizmente até lá, de modo que eu, em vez de dar o meu habitual passeio, depois de almoço, atravez dos jornaes do dia, limitava-me a passeiar nas margens do rio Ave, á sombra placida dos amieiros, dos salgueiros e dos freixos que bordam as *orelhas* d'este rio, como diria o sr. Minhava.

A vantagem foi não só minha, porque deixei de escrever, mas tambem do leitor, porque... não me leu.

Ainda que fosse muito grande a minha vontade de enviar para Lisboa o artigo d'esta secção, serme-hia difficil fazel-o. Quiz botar idyllio, mas era-me preciso escrevel-o com um pausinho de salgueiro molhado em sumo de amora. O sr. Vidal não desgostaria d'isso, mas eu prefiro uma penna Humbold e um tinteiro de loiça das Caldas. N'aquelle *meio* bucolico em que me achei collocado, tudo me parecia extraordinario a ponto de me embasbacar. Não poderia escrever ainda que quizesse. Imaginem que apanhei todas quantas surpresas a aldeia pode ainda proporcionar aos que vivem habitualmente nas cidades: uma romaria, um mercado, um baile campestre, e, meu Deus! uns pecegos maracotões que, se chegassem algum dia á praça da Figueira, fariam o assombro de Lisboa toda!

Quem ha em Portugal que não conheça os bellos romances de Camillo? Pois, senhores, não co-

nhecem todos, que lh'o juro eu. Se não conhecem, como supponho, os magnificos pecegos da quinta de Seide, se não provaram ao menos uma vez na vida

O pomo que da patria persa veio,  
Melhor tornado no torrão de Seide;

não podem dizer que saborearam toda a bagagem litteraria de Camillo, porque os pecegos do seu pomar são verdadeiros romances de delicadissimo sabor encadernados em velludo amarello com grandes manchas côr de rosa. Comendo-os, uma só pena nos resta: que não se possa tambem comer o caroço. Agora comprehendo eu por que Virgilio disse que os agricultores seriam nimiamente felizes se soubessem os bens de que gozam. Virgilio referia-se aos pecegos maracotões. Ah ! grande Virgilio, immortal Virgilio, tu vieste por força de Roma a Villa Nova de Famalicão e comeste pecegos em S. Miguel de Seide. Depois d'isso foi que tu escreveste a *Eneida*. Maroto !

\*  
\* \* \*

Um mercado no Minho é uma exposição semanal de bois nedios e corpulentos, de cevados monstruosamente gordos, e bellas raparigas que parecem destinadas a não se afogar nunca, ainda que tenham a infelicidade de cahir ao mar. A natureza, para garantil-as contra o perigo de um nau-

fragio, pendurou-lhes ao pescoço um par de boias. Vendo-as (as raparigas... ai! só ellas!...) o nosso espirito começa a cantar a *sotto voce* aquella canção da Herminia (talvez a esta hora devesse já dizer: da sr.<sup>a</sup> D. Herminia) nos *Sinos de Corneville*:

Ainda ha pouco, empoleirado  
 Na macieira do quintal,  
 Maçãs deitava o João do Prado  
 Da Babé linda no avental.  
 E o maganão, que d'alto a olhava  
 Ia dizendo: É de pasmar!  
 Só uma atiro... e vejo um par!»

.....

Além d'isto, que já era admirabilissimo, ha outras muitas exhibições verdadeiramente curiosas: por exemplo, os aleijados. Homens disformes que se arrastam, carregados com as proprias pernas, que levam ás costas, servindo-se das mãos para andar, percorrem as ruas, causando assombro e despertando a caridade publica. No mercado de Santo Thyrso vi dois d'esses aleijados, e por sinal que os ouvi conversar, porque tive a pacien-cia de os seguir durante algum tempo.

—Não sou capaz de apanhar hoje dez réis! disse um.

—É que já estamos muito vistos! respondeu desconsoladamente o outro.

*Estar muito visto!* Terrivel phrase contra a qual  
vão naufragar as maiores celebridades, incluindo  
a sr.<sup>a</sup> Emilia das Neves e o sr. Reduzzi! . . .

\*

\* \* \*

A romaria a que eu assisti foi concorridissima. Creiam que não supponho que essa enorme concorrencia fosse devida á minha presença . . . Não, o motivo era outro, ou antes, os motivos eram outros. Primeiro, a abundancia de vinho,—nove pipas; segundo, saber-se d'antemão que se mostraria ali o festeiro, uma das maiores celebridades monetarias do baixo Minho. Com effeito, o festeiro entrou no arraial, em coche descoberto, com chapéu de palha, e calças de ganga. Foi recebido com grandes morteiros e com o hymno da *Carta*. O povo agglomerava-se para saudal-o na passagem, como se fazia em Roma a um general victorioso. Vi geitos de lhe comerem o chapéu. Eu, a principio, não sabia quem era, e cuidei que fosse o deputado do circulo. Riram-se de mim, e disseram-me lá que os deputados só costumam ter d'estes triumphos na vespera das eleições. Fiz *fiasco* com a pergunta, e inspirei tanto dó a um pobre camponez, que elle quiz elucidar-me, explicando que aquelle homem era o *senhor encommendador*.

Quem vai da cidade para a aldeia, cae frequentemente n'estes e outros *fiascos*. Lá me contaram

que ainda outro dia, um rapaz de Lisboa, andando ali á caça com alguns morgados do sitio, começára a chamar por elles dizendo que estava a vêr cinco perdizes empoleiradas n'uma arvore. Os morgados fizeram-lhe uma troça infernal. O rapaz perguntou zangado:

—Porque se riam os senhores?

—Porque as perdizes costumam poistar no chão, a não ser que haja muita neve. Por isso se chama á perdiz a *gallinha do monte*.

Mas o de Lisboa não se deu por convencido, e quiz que elles fossem vêr as perdizes que estavam empoleiradas na arvore. Foram, e viram. Mas o que viram elles? Cinco frangos que andavam fugidos d'um casal visinho.

Ora hão de confessar que o meu *fiasco* foi muito menor...

\*

\* \* \*

O baile campestre, o *bailharico*, como lá se diz no Minho, foi dado em minha honra. O dono da casa esteve quasi resolvido a encommendar o serviço ao sr. Ferrari, mas, como já não houvesse tempo, resolveu dar aos convidados, unicamente, vinho verde e azeitonas. A boa cortezia minhota manda que se engulam os caroços das azeitonas. É talvez esta a razão de haver tão bastos olivaes n'aquella província. Dançou-se toda a noite ao som

d'uma viola chuleira. Não permittimos outras danças que não fossem as do Minho: a *caninha verde*, a *tyranna*, o *velho*, a *giga*. Por baixo da sala do baile, ficava a cavallariça. Pois foi tal o estrondo de sapateado, que uma égua desesperou-se, e partiu a mangedoura a couces. Em cima, tambem tivemos medo de que nos partissem as pernas ou os moveis. Mas, felizmente não houve desastre maior.

Os convidados retiraram-se ás duas horas da noite, satisfeitos; iam penhorados da qualidade do vinho. Disse alguem que iam bebedos. Tolice! Se apenas tinham bebido dezenove canadas de vinho!...

#### AS PRAIAS

(Agosto de 1881)

N'esta época do anno, quando acontece ter a gente de procurar um assumpto, encontra sempre deante de si uma praia. Resta, porém, saber se uma praia pode ser realmente um assumpto. A este respeito, a minha opinião é esta: que uma praia ou é assumpto de menos ou é assumpto de mais. Explicando. Pelo lado romantico, sob o ponto de vista lyrico, a praia está explorada, esgotada ha mais de trinta annos: assumpto de menos. Se todavia applicarmos os processos realistas á observação das praias, ha muito que escrever ainda a respeito d'ellas: assumpto de mais.

Os poetas antigos desentranharam da areia todas as conchinhas côn de rosa, todos os lyrios do mar e todas as sentimentalidades piegas que poderam encontrar. Sentados no topo dos fraguedos, á beira do oceano, elles apanhavam assumptos e constipações. Quando não morriam de amor, morriam de pneumonia.

A poesia e o catharro faziam uma devastação enorme nos poetas logo que o *outomno amarellecia as folhas*, isto é, logo que as praias se despovoavam cahindo na triste solidão que lhes é peculiar. Elles declamavam sósinhos fallando ás ondas, que lhes respondiam com a bruta dureza da sua rousquidão cavernosa. Depois vinham dizer á gente que as ondas lhes tinham embalado o espirito baloiçando-o em rendas de espuma. Mentira. Nunca ninguem viu um espirito a sobrenadar na vaga; um caranguejo, sim. Outras vezes escreviam na areia o nome da mulher amada, que ali ficava emmoldurado por algumas horas nas immundicies fedorentas da praia.

N'isto eram imitados pelos soldados da guarda municipal, que tambem traçavam com a ponta do juncos arabescos mais ou menos concupiscentes sobre a areia, enquanto dialogavam com as criadas de servir e as amas de leite. Acontecia muitas vezes que um gato morto, revessado pelo mar, lançava sobre estes idyllios o fetido de uma de-

composição asquerosa. Mas os poetas e os municipaes, que tinham visto e sentido o gato, continuavam a ter pelo oceano a grande sympathia que se tem por um amigo discreto, porque o mar não vinha dizer a ninguem os tormentos que os poetas haviam passado á procura de uma rima exdruxula nem vinha contar aos patrões nem ao commandante da guarda municipal tudo o que as criadas de servir e os soldados tinham dito de comprometedor e arriscado...

*As brisas fagueiras do oceano, as areias d'ouro da praia, o luar saudoso da beira mar* tudo isso foi consumido pelos poetas romanticos, tudo isso se encontra ainda mumificado nos *Almanachs de Lembranças* antigos, e nos *Cantares*, livro de versos meu (que os senhores devem comprar por ser a mais barata de todas as antiguidades: 500 réis apenas, editor Mattos Moreira, Lisboa, Rocio.)

Haviam chegado as coisas a um ponto tal, que para o oceano continuar a ser explorado poeticamente, os senhores poetas teriam que lhe dar oleo de figado de bacalhau. É que estava estafado de os aturar. Mas os poetas d'aquelle tempo tiveram mais juiso do que eu esperava, e em vez de darem o oleo de figado de bacalhau ao mar, tomaram-n'o elles.

Sob este ponto de vista, o mar já não pode dar novas massadas, nem em verso nem em prosa.

É um assumpto esgotado,—tão esgotado como a algibeira do povo. Morto, verdadeiramente morto!

Para a eschola realista, porém, as praias de banhos são um manancial de assumptos: grande diversidade de typos sociaes, abundancia de aspectos da naturesa, finalmente, uma enorme galeria que principia no fidalgo da provincia e acaba no gato morto da areia, porque os escriptores realistas aproveitam tudo, cheire bem ou cheire mal. Muitos d'elles escrevem de lenço no nariz, e a gente parece que os está a ler dentro de uma fabrica de guano.

Os poetas antigos vestiam os seus assumptos no guarda-roupa da rhetorica, que hoje está tão antiga como o do Cruz.

Os poetas realistas seguem exactamente o processo opposto: despem os assumptos, poem-n'os á fresca e á vontade. Portanto sentem-se bem nas praias, onde é permittido despir-se a gente. A *Niniche* é uma prova do que estou dizendo. Quando muito, e já é por grande favor á moralidade publica, os senhores realistas lançam sobre os assumptos um lençol, como os banheiros aos banhistas. Mas nunca o fazem com tanto geito que se não veja alguma coisa...

Nada ha mesmo que possa lembrar tanto a eschola realista como uma praia de banhos pela manhã. Comprehende-se, pois, que os senhores realistas as

frequentem, que as observem, que vejam reproduzidos n'ellas os seus processos litterarios, como n'um grande espelho luminoso e verdadeiro.

O *real* está effectivamente ali. A verdade das linhas, das fórmas, das saliencias osseas exhibe-se em plena liberdade, sem o constrangimento dos espartilhos e das compressas. Os cosmesticos não resistem á invasão do oceano. A pelle toma a sua côr natural, perdendo a das drogas e dos pinceis. As escrophulas, ordinariamente escondidas em gargantilhas de rendas, bojam do pESCOÇO em tumores côr de vinagre. A agua circassiana dissolve-se na agua salgada. Os chinós ficam na barraca. Os pés folgam n'um pequeno sueto expandindo-se brutalmente dentro dos sapatos de ourêlo: incham d'alegría. A penugem grosseira dos braços iria-se asperramente á luz do sol matinal, antes do banho, como as serdas d'um animal montesinho, que eu não quero agora nomear. Nas mãos que se estendem para cumprimentar põe a agua do mar, depois do banho, uma humidade salitrosa que repelle. Os saltos das botinas cambam no attrito dos fraguedos, e nas gaspeas de verniz camadas de areia molhada adharem como na pelle de um sapo morto. O cabello perde, sahindo da agua, a flexibilidade ondulosa que lhe dá o pente: empasta, escorre, cai pingado. As unhas adquirem aquelle tom roxo que é peculiar á gangrena... Por Deus! e pelo realismo! que

seria um não acabar a historia das praias vistas á luz dos processos naturalistas e das sete horas da manhã!

Eis aqui o que eu chamava: assumpto de mais.

\*  
\*      \*

Haverá todavia ainda um meio de fallar das praias, sem ir buscar ao museu do Carmo o romantismo que o sr. Possidonio lá metteu, sem ir á Escóla Medica pedir emprestado o escapello de um estudante de anatomia.

O processo que eu vou seguir fornecer-m'o-ha madame Rattazzi, e é pelo menos tão antigo como ella. Fallarei das praias, passando por ellas *a vol d'oiseau*, o que me convem grandemente para me desculpar com o dr. Farol de não tomar banhos do mar.

Evocando reminiscencias d'antigas excursões, deixarei que o meu espirito viaje por sobre as aguas, correndo o litoral portuguez. Viagem em expresso,—um pouco mais accelerado do que o comboyo do correio.

*Vianna do Castello*

Uma cidade que é praia, e uma praia que é cidade. Por fim de contas, nem praia nem cidade. Se me permitem um paroxo, chamar-lhe-hei uma solidão povoada. Olhem que ha d'isto. Ha terras onde

se está só no meio de gente. Vianna é uma d'ellas. Uma belleza triste, calada, recolhida domina sobre o rio e sobre a praia. Não é certamente o que a gente procura quando quer passar dois mezes alegremente; porque, se essa fosse a intenção dos banhistas ou dos que se inculcam como taes, deveriam ir tomar banhos do mar ao sopé da serra da Arrabida, ermando o resto do dia como os antigos ascetas.

*Povo de Varzim*

A mais movimentada de todas as praias que eu conheço. Parece uma peça de Sardou.

Ha lojas cheias de gente e gente para encher as lojas. Falla-se, descute-se, joga-se, dança-se. Ha animação. À noite, a villa enche-se de luz e de murmúrios. Tem um aspecto venesiano, vista do mar. O amor faz ali cincuenta casamentos por anno; mas as victimas da roleta são em muito maior numero. Alguns namorados sahem de lá com lagrimas nos olhos—como os batoteiros. Por terem perdido muito ou por terem ganho demasiadamente... N'este ultimo caso, as lagrimas são de remorso.

*Villa do Conde*

É uma praia que boceja. Quem lá se demorar mais de um mez fica idiota, se, por ter escolhido aquella praia, não o é já. Como praia, Villa do

Conde está a pedir Penitenciaria, e podia aproveitar para isso o seu convento de freiras. É um sitio delicioso para degredados tomarem banhos do mar.

*Leça da Palmeira*

Leça da Palmeira está presa a Mathosinhos como o reverendo da Lapa ao conselheiro da justiça.

O traço de união é, n'este caso, a ponte que atravessa o rio Leça. A monotonia passa d'um lado para o outro,—sem pagar portagem; de modo que se não pode saber já se primeiro partiu de Leça para Mathosinhos ou de Mathosinhos para Leça. Em qualquer das povoações está bem, e parece indigena. A paizagem do rio commum ás duas povoações põe no nosso espirito a nota de uma melancolia gelada. Abafa; pesa. Ao fim das tardes, na época de maior affluencia de banhistas, ha sempre um grupo de homens a meio da ponte, outro grupo n'um estanco de Leça, e finalmente outro grupo na alameda de Mathosinhos—alameda que, seja dito de passagem—parece um cemiterio onde só estivesse enterrado um homem: esse homem seria Manoel Passos. A sua estatua faz lembrar um mausoleu.

Esquecia-me dizer que tambem ha sempre, a toda a hora que lá se vá, qualquer senhora ingleza sentada n'um banco da alameda de Mathosinhos.

Eu ainda estou para saber se a ingleza da ala-

meda será de pedra como a estatua de Manuel Passos, porque ha muitos annos que lá encontro sempre uma.

A gente que está a banhos em Leça vai de tarde passeiar, de americano, á Foz; a gente que está na Foz vai muitas vezes passeiar a Leça: vivem assim dois mezes a enganarem-se uns aos outros, —enganando-se primeiro a si mesmos.

#### *Foz do Douro*

Materialmente, uma bella praia. Horisontes desafogados. Largos passeios, inundados de ar. Rio, mar e campo. O forte cheiro da maresia para um lado; para outro, o cheiro forte e salutar dos pinheiros. Bellas praias para as crianças brincarem, fortificando-se: a da Meia-Laranja e a do Castello. Uma bella avenida para correrem: a de Carreiros. Agua clara e limpa para tomar banho.

Socialmente, muito inferior. Conserva-se ainda a divisão das castas. Algumas familias, de uma fidalguia mais ou menos recente e mais ou menos cara, consideram a Foz um solar seu, uma propriedade sua. Ha trinta annos que andam a medir os passos no Passeio Alegre, sempre desconfiados de que alguem lhes queira roubar um palmo de terra. Á noite, cada um aborrece-se como pôde, e alguns que procuram divertir-se na roleta vem de lá muito mais aborrecidos do que foram, por-

que se ás vezes custa ganhar o dinheiro,—o perdel-o é sempre muito mais fastidioso.

Na maior parte das ruas, as casas conservam-se illuminadas até ás onze horas da noite. O que se faz nas salas, ninguem sabe dizel-o. Ha quem suspeite, porem, que as familias dormem, e que essa luz é a da lamparina...

### *Granja*

Entre o *high-life* d'esta praia, o *habitué* mais notavel é o sr. presidente do conselho de ministros, Anselmo Braamcamp. Este facto basta a caracterisal-a. A Granja é uma praia que satisfaz o sr. Braamcamp: logo, a Granja é uma praia pacatona e dormente. Quando o sr. Braamcamp já não pode aturar os seus collegas no ministerio, foge para a Granja e dorme lá á vontade. Ora toda a gente sabe que o sr. Braamcamp dorme de modo que nem o mar é capaz de o acordar.

### *Espinho*

Muita gente, muita animação, muita convivencia na assembléa, onde se principia a jogar e a dançar logo pela manhã. Os banhistas vingam-se da falta de um bom passeio, passeiando contradanças na assembléa.

O mar é muito forte ali,—tão forte como o benegalão do sr. bispo de Vizeu, e n'esta razão de si-

milhança está talvez a razão por que o illustre prelado vae todos os annos para o Espinho, desde que deixou os empregados publicos *na espinha*.

Esta praia teve por muitos annos um poeta privativo: era Luiz de Campos. D'antes tirava elle par na assembléa; agora, como já é *par*, pode tirar-se a si mesmo, pelo que está dispensado de frequentar a praia do Espinho.

### *Pedrouços*

Praia de mar,—sem mar.

O *mar* começa em Lisboa, para os lisboetas, no Terreiro do Paço, de modo que o Aterro pode substituir Pedrouços. O *mar* é o mesmo, isto é, tomam-se banhos no Tejo e diz-se que se tomam no mar. Como a fé é que nos salva, os banhistas de Pedrouços voltam cheios de saude para Lisboa,—o que não succede muitas vezes áquelles que effectivamente se banham no mar.

### *Cascaes*

É a praia da côrte.

Por este facto, vae para lá muita gente. Ha musica de graça; tudo o mais custa rios de dinheiro. A familia real deve aborrecer-se tanto em Cascaes como na Ajuda. Eu supponho que el-rei vem todas as quintas feiras a Lisboa assignar o despacho, não só para poupar aos seus ministros

o desgosto de irem uma vez a Cascaes todas as semanas, mas tambem para se vêr livre de Cascaes elle proprio uma vez por semana.

*Cezimbra*

Em Cezimbra tudo toma banhos do mar: as pessoas e os predios. Ás vezes o mar tem o capricho de se tornar tão forte que alaga a povoação toda. Os raros banhistas d'esta praia não se apoquentam com isso,—até gostam: porque emfim sempre é uma diversão, a unica que se lhes proporciona.

Ha um *passeio publico* que uma pessoa pode roubar, mettendo-o no bolso. O sr. conselheiro Nazareth não conseguiria deitar-se dentro d'elle. Se alguem não poder dormir em Cezimbra, escusa de recorrer ao opio: já não ha remedio possivel para si.

*Setubal*

A foz do Sado fica uma legua abaixo da cidade, de modo que os banhos são mais de rio que de mar.

Arrabaldes encantadores, passeios magnificos. Banhistas, alemtejanos e hespanhues. Alguns lisboetas. A maior das diversões é o theatro Dal-lot... quando o ha. Quando o não ha, suspira-se por elle. Completa ausencia de idéas para animar

esta praia, e todavia isso seria possivel. Os alem-tejanos teem a idéa fixa de se deitar ás nove horas da noite, e se algum hespanhol alvitra uma idéa, desconfia-se d'ella, porque se desconfia d'elle: isto é, suspeita-se que traga iberismo. Os lisboetas passam o tempo á espera que se resolva alguma coisa, por exemplo, um *pic-nic* em Azeitão, uma regata no Sado, e quando menos o pensam acaba a temporada de banhos,—sem se ter resolvido nada.

*Sines*

Eu já cheguei a esta praia; vejam o que tenho viajado! Depois de Ashavero, eu.

É principalmente frequentada pela população de S. Thiago de Cacem. Se não houvesse uma loja onde se conversa, ninguem ali conversaria. Alguns mandam ao diabo a loja, porque lhes rouba o pretexto de se deitarem cedo; outros deitam-se cedo exactamente por causa da loja,—porque já a não podem aturar. Quando vae alguem de fóra, mostram-lhe o sitio da casa onde nasceu Vasco da Gama;—tal qual como um fidalgo arruinado que eu conheci, que mostrava no seu palacio o sitio onde tinham estado os melhores espelhos de Veneza.

\*  
\*     \*

Eis aqui o que eu lhes posso dizer das praias, —*a vol d'oiseau*. Sem dizer de mais nem de me-

nos, creio ter dito o bastante para se chegar á seguinte conclusão: que as melhores praias são justamente aquellas em que nós não estamos.

### Á VOLTA DAS PRAIAS

(Outubro de 1880)

N'estes ultimos dias, varias pessoas das minhas relações teem regressado das praias, mais por obediencia ás indicações do kalendario do que ás indicações da atmosphera e da temperatura.

Porque é preciso convir em que ha uma grande diferença entre o inverno das folhinhos e o inverno do barometro e do thermometro. Um é puramente chronologico e platonico; o outro é real, e vem rodeiado de um terrivel cortejo de exigen-cias desde as piugas de lã para os pés até ao me-dico de *coupé* para a pneumonia.

Segundo as indicações astronomicas vamos caminhando rapidamente para o inverno official. Resta-nos apenas atravessar o sagitario para nos collocarmos sob a terrivel influencia de capricor-nio. O proprio sol prepara já as suas malas para percorrer, por dever do seu cargo, o quadrante da eclyptica desde o trópico do referido capricornio até ao equador. Este pobre sol, seja dito de pas-sagem, é um desgraçado empregado publico, que passa uma vida medonhamente monótona, sempre

de relogio em punho, para não faltar na secretaria do universo, onde trabalha durante horas consecutivas, de barrete de luz na cabeça e manga de alpaca no braço.

Segundo o barometro, o inverno tem-se limitado a fazer pequenas caramunhas, espreitando de longe a longe para a terra pela janella azul do firmamento, e abrindo tão sómente a torneira ao mais pequeno contador da companhia das aguas celestes. As noites teem estado de um luar que pede Margarida e Fausto, mesmo fóra de S. Carlos, e que tambem não deixa de pedir carruagem para o Dáfundu, isto é, idyllo e ceia. Por sua parte, o thermometro não põe por enquanto medo a ninguem, e o *frak* das praias não passou ainda a fazer quarentena na cruz do guarda-roupa ou mesmo no guarda-roupa do Cruz.

Sem embargo, a maior parte das pessoas regressa das praias, pela razão já indicada, e ainda por outra não referida: porque somos o povo mais apegado aos velhos habitos, de que ha memoria. Recolhemo-nos em outubro a Lisboa, porque é costume, embora um outubro soalheiro e alegre seja o mez mais commodo para dar grandes passeios saudaveis pelo campo, podendo subir-se ao topo das montanhas sem o perigo de encontrar lá em cima um panorama e uma constipaçāo, podendo finalmente respirar-se um ar docemente tem-

perado, que é uma delicia para os doentes e uma pechincha para os sãos.

Mas é costume regressar das praias n'esta época, e não ha remedio senão obedecer ás velhas praxes balneatorias, como costuma dizer o *Diario de Noticias*, provando mais uma vez esta citação que nós, os portuguezes, somos um povo que faz e diz sempre a mesma coisa. Dizemos, porque o *Diario de Noticias* diz. Fazemos, porque o nosso vizinho faz.

Hontem, encontrei eu o conselheiro R., que veiu de Pedrouços na vespera porque o doutor S. tinha vindo na antevespera, e que foi para Pedrouços justamente por ter ido para lá o barão de C. e o tenente-coronel tres estrellas.

Encontrando o conselheiro, que ha tres mezes não tinha visto, tivemos uma explosão de familiar cordialidade. Desfechámos um contra o outro varios pontos de admiração e varias interjeições de jubilo e surpreza. Elle, um pouco mais alto do que eu, tambem me desfechou alguns perdigotos. Felizmente foram poucos, e pequenos. Depois d'esta justa erupção da nossa amisade, o conselheiro perguntou-me:

—Que sabe você de novo?... Sim, ponha para aqui o que sabe de novo... Você, que anda com as mãos na massa, deve saber alguma coisa.

Entre parenthesis: Se o conselheiro não fosse tão meu amigo, chegaria a julgar que, pela phrase

*mãos na massa*, me queria chamar *massador*. Adiante...

Então eu, agarrando-o pelo braço direito, puxando-o familiarmente para mim, e esgalgando-me até ficar com a bocca á altura da sua orelha, disse-lhe n'um tom mysterioso:

—O que eu sei, caro conselheiro, e o que lhe revelo aqui muito em segredo, porque se trata de um negocio realmente importante, em que qualquer indiscrição pode prejudicar os interesses de terceiro, o que eu sei e o que lhe digo com a indispensavel reserva... é que a Precatoria veio!

O conselheiro, com cara de desapontado, esbugalhou os seus olhos cansados nas lides da burocracia, e da epistolographia amorosa, fitou-me com a fixidez terrivel de um retratista, e exclamou finalmente:

—Isso sei eu ha muito tempo! Então você não sabe mais nada do que isso!?

Evocando rapidamente a minha memoria, disse:

—Sei, querido conselheiro, sei effectivamente de outro escandalo, não menor por certo, um grande escandalo attentatorio das leis politicas e religiosas do paiz, uma violencia inaudita contra a legislacão vigente, e que vae decerto ter as mais funestas consequencias para aquelle que a praticou, para esse infeliz rapaz que pagará talvez com a vida a enormidade do seu atrevimento e do seu

desatino. Ainda não ouviu fallar? Pois ainda não ouviu fallar n'este caso que eu acabo de lêr agora mesmo no *Popular*?...

O conselheiro, vibrante de curiosidade, perguntou:

—Mas o que foi? Mas aonde se passou isso?

—Ah! onde se passou? Foi na China.

—Na China?

—Sim, na China, e na propria capital chineza, em Pekim, mesmo no centro de Pekim! Um grande escandalo!... Ora imagine que um filho do principe Kung, que é o chefe do gabinete do Celeste Imperio, está em risco de soffrer a pena de morte, sem que seu proprio pae e os amigos de seu proprio pae possam talvez salval-o! Sabe o que elle fez, o estouvado, o grande imprudente?! Raptou sua tia, uma formosa princesa, quando ella se dirigia a um dos templos para cumprir os seus deveres religiosos. E agora a opinião publica não só de Pekim mas da China inteira não faz senão gritar por toda a parte, aos ouvidos do joven principe de Kung: «*Largue a tia, menino! largue a tia!*».

N'este momento aproximava-se um *americano* e o conselheiro interrompeu-me para se despedir precipitadamente.

—É verdade, perguntei eu á pressa, e os banhos? fizeram-lhe bem ao rheumatismo?

O conselheiro, com um grande ar desconsolado, respondeu ao apertar-me a mão:

—Qual historia! D'antes o rheumatismo apquentava-me na perna direita; agora passou para a perna esquerda.

### AS INUNDAÇÕES

(Janeiro de 1881)

Alguns minutos depois de ter partido de Lisboa o trem expresso que conduzia el-rei, largou de Santa Apolonia o comboio ordinario da manhã, tendo que domorar-se em todas as estações o tempo sufficiente para dar avanço ao outro.

Até á Alhandra nada ha que indique os terribveis estragos do inverno na margem direita do Tejo. Mas precisamente entre a Alhandra e Villa Franca de Xira grandes porções de agua apparecem de subito ladeando os trilhos da via ferrea, de modo que se affigura que o comboio vae cortando um vasto lago, de uma superficie turva, amarellenta, triste. Quando se chega a Villa Franca, está-se em plena inundação. Do lado direito aparece-nos um Tejo; do lado esquierdo, outro: agua por toda a parte. Quasi encostados ás casas da villa, os barcos dos pescadores ovarinos jazem unidos uns aos outros, como outros tantos carneiros cheios de medo e de timidez, quando o lobo se aproxima. Assusta-os o Tejo, que vae rolando

magestoso as suas aguas lodosas, n'um impeto irascivel. Arvores nuas, queimadas pelo inverno, surgem de dentro do rio, alongando os galhos resquidos para o ceu como a pedir misericordia. De longe a longe uma velha casa, cheia de limos, aparece como que fluctuando no meio da corrente. Chegamos a crer que ella anda, que se move, que vae sendo arrastada pela força da cheia. É como que a arca d'algum pobre Noé das lezirias, perdida no meio de um diluvio. Triste e phantastico ao mesmo tempo !

Em Villa Franca, onde está um dos vapores mandados de Lisboa, o Tejo invadiu as ruas da povoação. Onde falta a agua, sobeja o lodo. Cento e oitenta pescadores ovarinos ali estão, n'uma ociosidade aborrecida, encostados ás paredes, olhando para o Tejo. E ha dezoito dias que contemplam o mesmo espectaculo, esperando anciosamente, e sempre em vão, o momento em que as aguas principiem a baixar. Acham-se reduzidos á maxima pobreza, e os seus olhos faiscam ávidamente quando nos pedem, pelo amor de Deus, um cigarro para fumar. Todos elles vestem o caracterisco gabão dos pescadores de Ovar, e trazem carapuça preta na cabeça. A barba crescida, montesinha, aspera. O olhar melancolico, nostalgico, saudoso do mar. Como elles, acham-se, n'este momento, ociosos, alguns trabalhadores ribatejanos, com o seu traço

local, os argaus, as mantas enfiadas pelo pescoço. Algumas mulheres, com o cabello erriçado preso dentro de um lenço, rotas, no desmazelo da ociosidade, animam por vezes estes grupos, de um pittoresco sombrio. E o Tejo, torrentuoso, impávido, vae desfilando por deante d'essa multidão faminta, sem se importar com os queixumes de toda essa miseria, parecendo até orgulhoso de a estar causando !

Desde que se passa a estação de Sant'Anna, o espectaculo toma uma feição nova, muito mais surprehendente por certo. Arvores verdejantes, laranjeiras e oliveiras surgem, n'uma grande abundancia, em linhas sinuosas, traçando sobre o rio desenhos phantasticos. Algumas das laranjeiras, copadas e viçosas, curvam para a corrente os seus pomos amarellos. Renques de choupos, emergindo do Tejo, estremecem convulsionados pelo impeto das aguas, movendo-se como n'uma dança phantastica de arvores animalisadas. O telhado d'uma casa, erguido quatro ou cinco palmos acima da corrente, espera, na estupida immobilidade de um naufrago, o momento de ser completamente submerso. De quando em quando uma ave solitaria desdobra serenamente as azas sobre o diluvio, ao passo que á flôr do rio um grande ramo verde passa nadando vigorosamente, levado na onda.

Em Santarem, a cidade baixa, a praça da Ri-

beira, está completamente inundada. Casas brancas e solitarias poiam sobre lagos vidrentos; as janellas fechadas, como na presença de um inimigo terrivel. Um outro vapor, mandado de Lisboa, e prompto a qualquer aviso, aguarda as ordens do governador civil. Nas Portas do Sol estavam hoje muitas pessoas presenceando o imponente espetáculo da cheia. Vista d'essa altura, a bella ponte que atravessa o Tejo parece uma insignificante linha escura, que a corrente ameaça apagar d'um momento para o outro. Entre Santarem e Almeirim parece medeiar um oceano. Ao longe, as casas alvejantes de Alpiarça affiguram-se um bando de patos nadando, tal é a velocidade da corrente, e a distancia a que se mostram.

Eis aqui as minhas impressões de viagem, escritas muito ao correr da penna, á hora a que grandes bategas de agua fustigam as janellas da hospedaria do sr. Santos, na rua de S. Nicolau, d'esta diluviosa Santarem.

Agora mesmo oiço eu bater á porta do quarto: ou é o criado ou o Tejo.

## XI

### Arte de ser lisboeta

(Outubro de 1880)

Vae uma grande distancia de um parisiense a um lisboeta; mas ha por certo uma grande diferença entre um lisboeta e um provinciano. Nem todos os que nascem em Lisboa são lisboetas, subentendendo-se por ser lisboeta o *cachet* especial que caracterisa os costumes, os modos, o fallar, o sentir do genuino portuguez de Lisboa. Ha lisboetas que nasceram Fóra de Portas; até os ha que vieram á luz a sessenta leguas de distancia da côte. Não basta nascer no Chiado para ser lisboeta; tambem não basta querer parecel-o, para o ser. Nada mais ridiculo de que o exforço impotente com que muitas pessoas, aliás nascidas em Lisboa, procuram dar-se o *tic* lisboeta, fallando, escrevendo, *pousando*. Um lisboeta pode passar despercebido aos olhos de um individuo, que o não

é, tendo aliás nascido em Lisboa; mas n'uma sala de província, ainda que essa sala seja apenas frequentada pelo melhor e mais puro *high-life* da localidade, o lisboeta destaca, accentua-se, impõe-se.

Estou já a ver d'aqui a Província, tão ciosa dos seus *fóros* como as Vascongadas, a ranger os dentes de cólera contra mim, e a perguntar se ser lisboeta consistirá porventura:

Em fallar cantando;  
 Em certos vícios prosódicos:  
 Em usar calças de bocca de sino;  
 Em comer alface ao jantar;  
 Em frequentar S. Carlos;  
 Em dizer mal do resto do paiz,  
 Etc., etc., etc.

Não, orgulhosa Província, não consiste precisamente n'isso o ser lisboeta: um pouco de tudo isso, e muito mais que tudo isso, eis no que consiste a arte de ser lisboeta.

É muito difícil definir um lisboeta, e todavia conhece-se ás leguas. Se é escriptor, reconhece-l-o pelo simples facto de o ler, embora nunca o tenhas visto. Se não é escriptor, bastar-te-ha vel-o, ainda mesmo que não tenha fallado. Porque? Não sei. Tu, leitor, já viste alguma vez o ar? Não. E todavia sabes que existe, sentel-o,—reconheces principalmente que elle existe... quando te falta! O lisboeta está precisamente no mesmo caso. N'uma

sala de província reconheces promptamente que elle não está lá, que *faltou*, e d'este modo vês-te obrigado a aceitar a conclusão de que elle existe em alguma parte, menos ali.

O lisboeta tem sido de todos os tempos. É mais antigo do que a thesoura do Keill e muito anterior ao *Marrare do polimento*. Ha duzentos annos, D. Francisco Manuel de Mello escrevia:

Um fallar com tanto geito,  
Um ditinho de repente,  
Que affeiçôa:  
Um ter em tudo respeito,  
Ai, Deus me mate com a gente  
De Lisboa!

N'essa estrophe ha com effeito alguns traços da arte de ser lisboeta; alguns, apenas, porque é completamente impossivel descrever e definir, de um modo claro e preciso, o que seja o lisboeta.

O lisboeta tem, como o substantivo, dois generos: masculino e feminino. No genero feminino é muito mais facil apanhar a caracteristica, o *cachet*, do que no masculino. A genuina lisboeta distingue-se pela elegancia simples da *toilette*, pelos seus modos sacudidos sem rudesia, pela côr do rosto, pelo tamanho do pé, e pelo metal de voz. A respeito da voz das damas lisbonenses, Camões escreveu—*chia como um pucarinho novo com agua*. A comparação é feliz,

mas isto só não basta para caracterisar. Querem os senhores observar o typo completo, perfeito da lisboeta? Vejam e oiçam a actriz Rosa Damasceno, e terão encontrado o typo, sem exclusão da deliciosa voz de *pucarinho novo com agua*. E todavia Rosa Damasceno nasceu na província, creio mesmo que nasceu em Thomar. Ao contrario. Já viram mulher mais elegante, mais correctamente esculptural, mais magestosa do que a sr.<sup>a</sup> Falco, que supponho ter nascido em Lisboa? Não viram decerto. E, sem embargo, a sr.<sup>a</sup> Falco pode ser uma estatua, mas não será nunca uma lisboeta.

No genero masculino, vou tropeçar decerto com grandes dificuldades. Mas chegarei até onde poder ir. Mãoz á obra.

Na politica, o mais completo, o mais perfeito typo que eu escolho para exemplo, é o sr. Fontes. Porque? Não sei. Ponham o sr. Fontes na província e vel-o-hão *depaysé*; prova evidente de que elle só está bem em Lisboa, de que o seu *meio* é este e não outro. Ao contrario. Ponham o sr. Adriano Machado a jogar o dominó no botiquim da *Aguia d'ouro* no Porto e achal-o-hão no seu logar. Levem-n'o a um baile da Ajuda, com a sua farda de ministro e com a sua gran-cruz, se a tem. *Depaysé!* completamente *depaysé!* sobretudo se se fizer acompanhar pelo seu amigo prior! Ponham o sr. José Luciano com banca de advogado na

Anadia, n'uma manhã de inverno, sentado no seu escriptorio, a consultar um volume do *Direito*, com meias de lã e sapatos de ourêlo, e de gabão vestido: irá perfeitamente, ficará excellente. Ponham-n'o agora em S. Carlos, n'uma noite de grande gala, mascarado de ministro d'estado effeetivo: muito mal, muito peior do que o Alvaro na *Fernanda*. Ui! que horror!

No theatro, isto é, na arte dramatica, só tenho conhecido dois lisboetas, os quaes infelizmente a crueldade da sorte affastou da scena: um era o Tasso, que está morto; o outro era o Santos, que está cego. Ambos elles perdidos, por modos diferentes. Não quer isto dizer que todos os outros sejam frandulage. Temos artistas dramaticos de muito talento, mas que não são lisboetas, e todavia muitos d'elles nasceram em Lisboa. Uns querem ser lisboetas como Luiz II da Baviera quer ser Luiz XIV: fazem mal. Outros nem pensam n'isso, e andam melhor.

Está affastado da scena, por doença e velhice, um actor que foi inquestionavelmente distinto para o seu tempo, e sobretudo na escola do seu tempo. Bom homem, que eu respeito. É o velho Theodoro. Pois bem, o bom Theodorico tanto podia ser de Lisboa como de Bragança. Era portuguez, lá isso era, mas lisboeta nunca elle foi, nunca chegou a ser.

Emilia das Neves, a grande Emilia—e foi-o por certo, não só a grande, mas tambem a primeira— chegou a dominar, a arrebatar as platéas do seu tempo, mas nunca foi lisboeta, apesar de ter nascido bem perto de Lisboa, em Bemfica, creio eu, no anno de 1800 e... tantos. Não sei ao certo o anno; com franqueza, não sei, ninguem sabe.

Na litteratura ha muitos lisboetas: Julio Cesar Machado e Ramalho Ortigão, principalmente estes dois, que nasceram longe de Lisboa, um na Derruivos, e outro no Porto. Não me refiro apenas á maneira de escrever; refiro-me tambem á maneira de fallar, de dizer, de estar. Debaixo d'este complexo ponto de vista, ha ainda outros, por exemplo, Rangel de Lima, Ferreira de Mesquita, etc. Teixeira de Vasconcellos, que nasceu no Porto, foi toda a sua vida lisboeta. Tão lisboeta que até foi morrer a Paris! O sr. Theophilo Braga, ainda que vista do Catarro (eis-aqui um lisboeta...) e calce do Stellpflug, e chegue á devassidão de fumar charuto e á aristocracia de calçar luvas, nunca, jámais, em tempo algum será lisboeta.

O medico Baldy, que tem envelhecido em Lisboa é, por exemplo, muito menos lisboeta que o doutor Farol, beirão de nascimento, notando-se que o lisboetismo do dr. Farol não está precisamente nas *perpetuas*, assim como o não lisboetismo do dr. Baldy não está precisamente no abdomen.

E depois de ter escripto isto, com a pressa que exigem as necessidades jornalisticas, só me resta agradecer ao *Gaulois* o haver-me suscitado a idéa de, por espirito de imitação, escrever a *Arte de ser lisboeta*.

## XII

### A glandula pineal

Era uma familia de canteiros, os Pereiras, no bairro da Lapa. O cinzel passava de paes a filhos, como o sceptro na casa de Bragança. O pae de Carlos, o avô de Carlos foram canteiros muito conhecidos em Lisboa, homens honrados e trabalhadores, tendo alguma coisa de seu, e morrendo ambos doidos,—de uma loucura sombria, concentrada, espessa como a pedra que elles trabalhavam.

A vizinhança tinha um grande dó d'esta terrivel sina de familia, e não sabia a que attribuila. Os Pereiras não deviam restituições a ninguem, não faziam negocios leoninos; além d'isso tinham uma vida pacata, não entravam pelas bebedas alcoolicas, nem eram femeeiros. Alguns d'elles, o pae de Carlos, por exemplo, tinham sido alegres na mo-

cidade, folgasãos; depois dos quarenta annos, faziam-se sorumbaticos, aos domingos mettiam-se em casa toda a tarde e toda a noite, ainda mesmo que na rua dos Condes estivesse em scena uma *magica d'estalo*, e a pouco e pouco a luz da razão ia-se apagando, até que de todo se lhes fazia noite no espirito enfermo.

Carregados de sombras no cerebro e na face, nem por isso deixavam de trabalhar. O cinzel ia cantando na mão calosa, com a sua vozinha aspera como a de um grillo, mas a alma chorava dentro de um cinto de nuvens negras, como no interior de um carcere. Entre elles e o mundo havia uma grande muralha, mas não havia com tudo aquelle insuperavel abysmo da loucura inconsciente. Todos os Pereiras conheciam o seu estado, e quando o queriam definir chamavam-lhe —hypocondria. «Como vae da sua *tristes*a?» —perguntavam-lhe. «Isto é antigo na minha familia e não tem cura»—respondiam. E não tinha.

Os ultimos annos da vida d'elles eram um occaso prolongado, como nos dias nublados. Fosse doença da alma ou dos hypocondrios, só a morte os libertava d'ella.

Toda a gente extranhou que o pae de Carlos quizesse interromper a antiga tradição da sua familia, teimando em que o filho seguisse uma carreira litteraria. Quando a mulher descia á loja, sem-

pre ella mostrava pena de que tudo aquillo se perdesse por inutil ou viesse a parar nas mãos de estranhos. «Deixa-o ir procurar nos livros, respondia elle, a felicidade que nós nunca podemos encontrar no cinzel.» «Ó homem! mas a nós, para sermos felizes, só nos falta a tua alegria!» «Pois é isso mesmo o que eu não quero que lhe falte a elle...» «Fizesses tu da tua parte por expulsar essa melancolia, que o diabo a levaria para d'onde a trouxe... Ó homem, serás tu pedreiro livre?... Mas eu não vejo por onde tu percas!...» O canteiro sorria tristemente: «Pobre mulher! bem sabes que isto é de familia: já meu pae foi assim...»

A mulher ia-se embora com os olhos rasos de lagrimas, e elle, cabisbaixo, ficava debruçado a cinzelar um tumulo que lhe tinham encommendado para o cemiterio dos Prazeres.

O diabrete do Carlos, um rapazote córado como um pero e alegre como um canario, passára da instrucção primaria para o latim, como era a moda do tempo. Do latim saltou para a logica, aquella bonacheirona logica do Genuense, que tinha o condão de ser inoffensiva como um copo de capilé. Um dia, andava o rapaz estudando de cór, em voz alta, a sua lição, no paragrapho XXIV, que trata da séde da alma. *Cartesiani locant animam in glandula pineali, quæ est parva glandula, sita in medio tertii ventriculi cerebri.* «Os carteseanos, traduzia

elle, collocam a alma na glandula pineal, que é uma pequena glandula situada no meio do terceiro ventriculo do cerebro.» «O que? perguntou o pae levantando a cabeça. Onde é então que a alma está?» «O philosopho Descartes, respondeu o rapaz, dizia que a alma estava n'uma glandula do cerebro, mas Newton...»

O pae não o deixou acabar: «Eu pensei que não precisavas de aprender essas coisas!...» disse elle n'um tom desalentado.

Desde esse dia nunca mais tornou a dizer ao filho que fosse estudar. Carlos proseguia, não obstante, no estudo das humanidades, tendo porem adquirido uma certa liberdade de acção. Às vezes, se o pae sahia, pegava no cinzel, e começava a trabalhar na pedra. A mãe ouvia-o e gostava: o seu grande desejo era que o filho fosse canteiro como o pae. De modo que Carlos Pereira estudava se queria e o que queria: ninguem lhe recommendava em casa que estudasse. Fóra os condiscipulos diziam-lhe que não sabiam como elle *estava para massadas, podendo viver muito bem pelo seu officio de canteiro*. Em todo caso, o futuro do rapaz vacillava ainda n'uma grande irresolução. Como era de prever, a morte do pai acabou com estas incertesas, e ao cabo de oito dias de nojo Carlos Pereira abriu a loja e começou a trabalhar de canteiro.

A mãe applaudiu.

Tendo muito que fazer, revezando o trabalho com diversões honestas, como era costume na sua familia, Carlos ria-se com os collegas, com os amigos, e no meio da sua boa alegria burguesa nunca mais se tornou a lembrar da glandula pineal.

Sem preoccupações, sem preconceitos, elle ia assentar um tumulo aos Prazeres como quem bebe um copo de agua, e ás vezes, nas tardes calmosas do verão, deitava-se a dormir a sésta, na loja, sobre a pedra que devia receber um morto. Era forte e alegre. «Este modo de vida é triste!» diziam-lhe ás vezes. Elle ria-se. «Triste é não ter nenhum.» E continuava a escodar o lioz onde um epitaphio surgiria mais tarde.

Chegou aos trinta annos sem amar, dando ás mulheres uma pequena importancia carnal. Só d'uma vez, tendo ido a um *pic-nic* a Aldeia Gallega, viu uma loira de quem não desgostára. Era filha d'um lavrador do Ribatejo; chamava-se Rosa Martins. Conversaram, riram, e elle dissera aos outros: «É boa mulher!» Se ella vivesse em Lisboa talvez pegasse o namoro. Mas como vivia longe e elle tinha a preoccupação do trabalho, nunca mais pensou na Rosinha senão vagamente, lembrando as fartas curvas do seu corpo. Quando lhe perguntavam se não casava, se não queria casar, respondia cantarolando:

O rouxinol de salgueiro  
 Faz o ninho aonde quer,  
 É como o rapaz solteiro  
 Em quanto não tem mulher.

Dois annos depois, uma pessoa do Ribatejo, vindo a Lisboa, encommendá-lhe um mausuleo, simples e modesto. Ajustaram, e elle começou a obra; passados dias receberem o texto do epitaphio, para gravar. Dizia assim:

À MEMORIA DE ROSA MARTINS  
 SEUS PAES

Esta coincidencia impressionou-o profundamente. O acaso fizera com que elle conhecesse a Rosinha e com que tivesse de preparar-lhe o tumulo. Era uma bella mulher, e a decomposição cadaverica ia agora esphacelal-a ali dentro d'aquella pedra que elle estava lavrando ! Carlos deitava-se, á sesta, no tumulo que a ia receber a ella, mas não podia adormecer tranquillo, como d'antes. Accendia o cachimbo, e philosophava. Vasados n'uma fórmula um pouco mais correcta, os seus pensamentos dariam isto, pouco mais ou menos:

«Pesa sobre a nossa familia, decerto, uma grande maldição ! Nós somos os operarios da morte; as lagrimas dos outros são o nosso dinheiro, o nosso pão de cada dia. Trabalhamos o que ha de mais

duro e de mais frio: a pedra, em honra do que ha de mais cruel e despiedoso: a morte. E debruçados sobre estes pequenos palacios da podridão, nós cantamos indifferentes, com o coração empedernido, tão duro como o cinzel. Ao passo que as mães preparam os berços, nós preparamos os tumulos. Ellas fabricam para a luz; nós fabricamos para as trevas. As mães, cheias de terna commoção, trabalham para uma aurora ephemera, sabendo que a sua obra hade durar um só dia, nós cruelmente endurecidos pelo habitó, trabalhamos para uma noite eterna, cujo orvalho são as lagrimas d'ellas, o seu coração desfeito em pranto... Comprehende-se que Deus as abençõe, e nos condemne. A loucura tem sido na minha familia o signal d'esse anathema terrivel. Meu pae comprehendeu esta fulminação da justiça divina, e quiz fazer-me mais feliz do que elle fôra; mas eu vim espontaneamente alistar-me no numero dos operarios da morte, e por isso a minha culpa é bem maior e bem mais grave, por certo!»

Outras vezes pensava elle:

«O que será a morte, o estado dos que habitam dentro d'estas pedras? Que suppicio, se na morte, á similhança do sonno, o pensamento pode sonhar, passar por pesadelos horriveis, enquanto os vermes vão a pouco e pouco roendo o corpo! E quem me diz a mim que a morte não seja um sonno

mais longo do que os outros, em vez de ser um somno eterno? Talvez que uns accordem na sepultura, passados annos, e, gelando de terror, caiam outra vez, instantaneamente, n'essa profunda lethargia, sem terem podido fazer um movimento siquer; talvez que outros, acordando, se entreguem a actos de horrivel desespero, arrancando-se os cabellos, luctando em vão contra a pedra chumbada do tumulo.... Meu pae contava dois casos d'estes, dois casos que faziam estremecer de horror minha mãe!»

Estes tristes devaneios eram ás vezes interrompidos pela chegada d'uma pessoa que, vestida de lucto e com os olhos razos de lagrimas, vinha tratar da construcçao de um mausoleo para os seus mortos. Travava-se então um dialogo sombrio, como se se estivesse tratando de um crime. Carlos respondia por monosyllabos, com uma seccura hypocondriaca. A pessoa que o procurava fallava ordinariamente com a voz embargada por soluços, dizendo sempre muito menos do que deveria dizer. Muitas d'essas pessoas, passada a commoçao, notavam que o canteiro se fizera mysantropo, extraordinariamente secco de maneiras. Por sua parte, elle sentia-se atrozmente suppliciado sempre que o procuravam para encommendar-lhe um tumulo, e principalmente sempre que lhe diziam que de preferencia o procuravam por terem admirado

os seus bellos trabalhos no cemiterio dos Prazeres ou no Alto de S. João.

A visinhança começou a lamentar a sorte do Carlos, que ia seguindo as pisadas de seu pae e de seu avô. Quando olhava para os vizinhos, elle lia-lhes no rosto tudo quanto elles pensavam a seu respeito e de si para comsigo dizia: «Estou doido; elles olhavam assim para meu pae!» E todavia tinha a consciencia de tudo isto, comprehendendo que seu pae não fôra um doido, elle, o pobre homem! que tanto procurára affastal-o de todos estes grandes problemas da morte, certamente por haver entristecido a procurar resolvê-los, na sua obscuridade de canteiro...

Vivendo só, completamente só, depois da morte da mãe, passeiava por sitios desertos, e algumas vezes ia sentar-se nos Prazeres a fallar para dentro do tumulo do pae, sentindo um grande desespero de que elle lhe não podesse dizer o que já sabia: o que era a morte, o que era a alma, e se ella effectivamente estava na glandula pineal, como queria Descartes.

Esta preocupação chegou, no seu espirito attrubulado, a absorver todas as outras, tornou-se o seu pensamento fixo, constante, dominador. Um dia resolveu definitivamente caminhar direito á solução do problema, e como para saber o que é a morte é preciso morrer, decidiu suicidar-se nos

Prazeres, com um tiro de rewolver, dentro do seu proprio jazigo de familia, que tinha o feitio de uma ermida.

Pobre Carlos!

O terrivel problema deve a estas horas estar resolvido por elle, mas continua a ser um segredo inviolavel para os que ainda cá estão no mundo, e mais ou menos se sentem inclinados a pensar na glandula pineal,—que é a mais philosophica de todas as glandulas.

## XIII

### O discurso da corôa segundo a melhor interpretação

(Janeiro de 1881)

Passassem muito bem, muito obrigado. Vamos a isto.

\*

\* \* \*

As nossas relações com as potencias estrangeiras são melhores do que as do sr. Pedro Franco com o governo. A Inglaterra retirou temporariamente o seu representante junto da corte portugueza, mas é melhor deixar isto no tinteiro, porque a temperatura está muito baixa, e só fallar na Inglaterra faz frio.

Adeante.

\*

\* \* \*

A ordem publica tem-se mantido inalteravel. Em Ourique vae o diabo. Em Moncorvo dispa-

raram-se tiros. No mercado de Villa Nova de Famalicão houve mosquitos por corda. Os porcos esses teem grunhido mordidos pela vibora do imposto. Mas que diabo vale isso? Tropa para a frente, e deixa andar.

As eleições supplementares correram macias como um velludo.

Por causa d'ellas foi transferido o escrivão de Arganil. Mas—que haja um escrivão de mais ou de menos que importa ao mundo?!

\*  
\* \* \*

As leis financeiras têm-se executado regularmente. Alguns murmurios suinos, apenas. Apesar do frio, Zé Povinho despe a camisa, e folga. O que é de gosto regala a vida.

O serviço telegrapho-postal, depois que foi reformado, coxeia ás mil maravilhas.

Quem quer expedir um telegramma, mette-o dentro de um *enveloppe* e põe-lhe uma estampilha.

Os aposentados tomam o sol.

Elle é bem mau!

\*  
\* \* \*

As festas do centenario foram esplendidias.

O diabo da commissão trabalhou com alma e vida.

O meu governo reimunerou-a condignamente.

Pegou n'um pau, e desancou-a.

Nunca as mãos lhe dôam.

Os congressos tambem foram obra de truz. O ministro do reino tingou-se. Tudo correu bem, até elle, o ministro,—para a Anadia.

Houve apenas um desgosto: não appareceu o homem terciario. Se tecm escripto para o Algarve, o Assis mandava-o.

Para outra vez será.

\*

\* \* \*

O ministro das finanças exporá, quando lhe perguntarem por isso, o estado da fazenda publica. Mas se lhe não perguntarem, não dirá nada. Não que elle é tolo !

A coisa vae bem.

Dizia um bohemio illustre que quanto mais se deve, menos se pensa em pagar. Por isso nada de ralar com os encargos de mais um emprestimo. Haja gaudio, e animo até Almeida ! Sim, porque já um bohemio illustre disse aquillo. Não repito, que é massada.

\*

\* \* \*

Sou obrigado a empregar aqui um logar commum de estylo: *nivelamento das despezas com as*

receitas. Isto vae por amor da arte. Quem vier ao depois que se aguente. *Aprés moi le deluge.* Ha muitas coisas que precisam niveladas, e não estão. Por exemplo, a rua do Moinho de Vento. E, não obstante, passa por ella o poder do mundo.

É a consolação que nos resta.

Deveis tratar de aprovar a reforma da contabilidade publica. Isto agora endireita-se.

O Mesnier inventou a machina de sommar. O Perestrello fallou com a mestrança da Belgica. Não se pode desejar mais.

Tambem é preciso fazer obras nas alfandegas por causa dos ratos. Com mais um regulamento e algum arsenico, a coisa ficará no sâo. Tambem não é mau um gato, e que seja valente. O Forte Gato é que estava nos casos.

\*

\* \* \*

Os captaes nacionaes e estrangeiros acudiram ao emprestimo, que era mais a mim mais a mim.

O Burnay não fazia senão correr para Paris, para fisgar a chelpa estrangeira; quanto ao *chichi* portuguez, arranjou-se tudo com um chapeu de prestidigitador, que por tal signal se pediu emprestado ao Frizzo. Um fundo falso, posto no meio do chapeu, fez a festa. É que parecia mesmo que estava cheio de *bago!*

É o costume.

\*

\* \*

Tambem havemos de engulir mais uma reforma administrativa. Ainda tenho a outra no estomago, mas paciencia. Quanto mais melhor. A lei da instrucçao superior é boa; basta olhar-lhe para os pés, quero dizer, para a da instrucçao secundaria. Não sendo barata, é boa. O dinheiro fez-se redondo para correr.

Tambem haveis de aprovar o projecto de responsabilidade ministerial.

Massador, mas bom. Ou não fosse do Adriano ! Queremos os ministros como os editores:—responsibleis. Cada um paga o que deve.

É o costume do paiz. Isto está-nos na massa do sangue.

Tambem trataremos de endireitar a organisação judicial.

É facil: um apparelho orthopedico bastará. Tudo se ha de endireitar: até os juizes que já forem velhos. Não será mau dar-lhes bifes.

\*

\* \*

Cuidaremos outrosim da reforma eleitoral. Legalisaremos o commercio dos votos, e elaboraremos uma tabella dos preços eleitoraes correntes.

Tudo o que fôr alem de dez tostões, é asneira. Juntamente com esta tabella apresentar-se-ha a dos emolumentos judiciaes. Por decencia e moralidade será bom ordenar que os empregados do fôro mettam as mãos n'um par de luvas, em vez de as metterem nos processos. E é preciso cuidado, de modo que a unha não fique de fóra.

O trabalho dos menores tambem vae ser regulado.

Comprehendeis a moralidade d'esta medida: tende a evitar os escandalos de Gomorra, e outros.

Reticencias...

\*

\* \* \*

O ministro das obras publicas vae imaginar mais caminhos de ferro.

Sendo prohibidos os descarrilamentos, parece-me que deveis aprovar.

É como se anda melhor.

\*

\* \* \*

O ministro da guerra apresentará medidas para elevar o exercito.

Tencionava mandal-o todo para o cucuruto da Pena.

Tambem serão reformados mais alguns coroneis—com a condição de não publicarem requerimentos.

· Não tenho tempo para os ler.

\*

\* \* \*

O ministro da marinha tem dado á Africa uma boa mão de cal. Aquillo agora fica branco d'uma vez. A melhor maneira de civilisar os pretos é pintal-os.

Ha de contrair-se mais um emprestimosinho para as drogas. Coisa pouca.

\*

\* \* \*

Quanto á marinha de guerra, só se pode por enquanto *preparar elementos de futuro desenvolvimento*.

Vão-se fazer couraçados de papelão para modelo.

Com o mesmo fim, encommendaram-se para as Caldas da Rainha vasos de louça de guerra.

Coisa dura e barata.

\*

\* \* \*

Agora, cabe-me elogiar o vosso procedimento.

Com effeito, no genero albardeiro sois eximios. Vi e examinei as vossas albardas. Sairam melhores do que as de Pena-Fiel. Teem feito muito bom serviço. A cilha é segurissima. E a retranca não ha diabo que a possa partir.

Obra aceiada.

\*

\* \* \*

Espero que na presente sessão tenhaes juizo. Nada de altercações. O povo já não come d'isso, e é perder tempo sem graça nenhuma.

Parece-me isto rasoavel.

\*

\* \* \*

Agora vamos embora, que está frio.

Muito boas tardes.

N. B. O Adriano fez isto muito grande. Para outra vez será mais pequeno.

Ála que se faz tarde.

\*

\* \* \*

Tarataratachim, tachim tachim, tim tim tim, tim tim, tim, etc.

## XIV

### A questão dos croneios

(Janeiro de 1881)

Por uma inconfidencia, que não podêmos approvar, mas que todavia estamos resolvidos a utilizar, chegaram ás nossas mãos as seguintes cartas, trocadas entre duas interessantes meninas, em cujos semblantes resplendem as graças dos vinte annos, e em cujos corações se aninha a pomba da inno-  
cencia.

\*

\* \* \*

Minha querida Julia:

Ha tres dias que respiro n'uma atmosphera saturada de coroneis. Ó filha, declaro-te que estou deveras enfadada, tanto mais que não percebo nada do assumpto. Ao jantar, o papá, que tem o seu coronel de infantaria, falla d'elle; o mano Arthur tambem tem um coronel de artilheria, que

defende. Até a mamã tambem tem o seu coronel, mas não sei a que arma pertence. Que d'isto d'armas eu não percebo nada; repito o que ouço dizer. Outro dia perguntei ao conselheiro Nespreira o que era que distinguia as armas. Sabes o que elle me respondeu? «Ditosa ignorancia, queridinha! Lá virá tempo...» E voltou-me as costas. Fiquei na mesma, a vêr navios; perdão, a vêr coroneis. Não vejo outra coisa, e até hontem, quando me deitei, cuidei vêr um coronel a espreitar á porta do meu quarto. Que horror! santo Deus!

Mas que figura tinha esse coronel imaginario? Não sei. Era uma visão apenas, ai! era uma visão! Porque eu, minha Julia, não sei bem o que seja um coronel. Em botanica e militança sou de uma ignorancia extrema. Só conheço as arvores pelo fructo e é pena que os coroneis o não dêem tambem, para que eu podesse conhecê-los por isso.

Supponho que um coronel é um official superior, mas quando passam os regimentos vejo em cada um tres officiaes superiores aos outros... porque vão a cavallo. Qual d'elles é o coronel? Não sei. Tres officiaes superiores, mas nenhum d'elles verdadeiro coronel... pelo menos para mim.

E depois, deixa-me dizer-te, embirro formalmente com a palavra. Faz-me mal aos nervos. Hontem ao jantar, quando todos discutiam os coroneis, senti-me ligeiramente indisposta. Em outra

occasião, teria pedido logo vinagre de sete ladrões. Mas n'aquelle momento foi facil atinar com a causa da minha indisposição. O que tinha eu? Tinha um coronel, dois coroneis, muitos coroneis a arrripiarem-me os nervos. Sahi da casa de jantar, e fui para a janella do meu quarto. O que imaginas tu que me aconteceu? Passa na rua um rapaz com o *Diario Illustrado*, e apregoa mesmo debaixo da janella: «Quem quer o *Illustrado*, que traz o requerimento dos coroneis?» Elles, por toda a parte!

Fazes-me, minha querida Julia, grande obsequio se me explicares o que é um coronel, o que é, no fim de contas, este poderoso rival de Deus, que não só está em toda a parte onde o procuram, mas que até apparece onde ninguem o procura, por exemplo no meu quarto.

Tua, *Sophia*.

\*

\* \* \*

Adorada Sophia:

Sem mais preambulos, respondo á tua carta.

Eu tambem não sei ao certo o que é um coronel. A nossa casa não vem nenhum. Do exercito, só conheço os aspirantes, d'ahi para cima sou tão ignorante como tu. Mas, em todo o caso, alguma coisa te posso dizer a respeito dos coroneis, pelo que sei indirectamente.

Creio que, em geral, são militares já de uma

certa idade, mas fortes, ríjos, sadios. E isso vê-se d'uma coisa: quando pegam na pena, escrevem muito. Vê lá o que elles publicaram no *Illustrado!* Que tamanho, santo Deus! Mas vamos ao caso. Uma amiga minha, a Rosinha S., casou com um coronel de cavallaria, que estava em Castello Branco. Era um bello homem, elegante, *tendo a linha*, como agora diz toda a gente: grandes bigodes brancos, retorcidos como os de Victor Manuel. Ella, a principio, teve alguma dificuldade em dizer que sim. Mas a mãe conseguiu convençel-a, dizendo-lhe que o coronel era um bello homem, e que o monte-pio fazia muito arranjo. E accrescentava a mãe da Rosinha: «Se elle estivesse reformado, já o caso mudava de figura, porque, minha filha, não se pode aturar um reformado, que está sempre em casa, a metter o nariz em tudo.» Ouvi-lhe dizer isto muita vez.

Afinal, a Rosinha casou. Começou a queixar-se por cartas de que o clima de Castello Branco era um pouco frio, mas quanto ao seu coronel historiava dedicações affectuosas, que era da gente ficar a amar desde logo o exercito. Eu explicava aquillo pelo clima,—por ser frio, o que fazia decerto concentrar o sangue no coração. Disse-lhe isto n'uma carta. Mas ella respondeu-me um pouco agastada, dizendo que o seu coronel seria sempre, em qualquer clima, um marido estimabilissimo.

Ao cabo de dois mezes, vieram cartas dizendo que a Rosinha passava mal de saude. A mãe chamou-a a Lisboa. Não quiz vir. Respondeu que morreria no seu posto ao lado do seu coronel, e acabava com esta phrase jovial: *La garde meurt mais ne se rend pas.* E, coisa estranha! a sua doença, posto progredisse sempre, era alegre! Foi assim até ao fim! Parecia que morria contente. Eu nunca pude comprehender como ella, amando tanto o marido, não tivesse pena de o deixar.

Ao cabo de tres mezes, a morte vibrou o golpe prematuro. O coronel teve n'isso um grande desgosto, um profundo desgosto, do que eu concluo que os coroneis teem coração propenso ao amor, e á saudade—dois sentimentos delicadíssimos.

Quando a filha morreu, estava a mãe da Rosinha em Castello Branco, para onde tinha partido. O que te posso dizer é que, ao cabo de seis mezes, talvez por gratidão para com o coronel, a mãe da Rosinha casou com elle segundo a religião evangelica.

Eis o que te posso dizer, querida Sophia, a respeito dos coroneis em geral, e d'aquelle em particular.

Não perguntas mais nada, por que o não sabe

a tua amiga, *Julia.*

## X V

### Os inglezes da esquadra

(Janeiro 1881)

Nos ultimos dias, não se tem fallado senão nos inglezes da esquadra e nas varadas do ultramar.

Apparentemente, são dois assumptos oppostos, mas em verdade nada ha mais parecido com um marinheiro inglez do que uma varada.

A maruja britannica é para Lisboa o que o *knout* é para a Russia e a varada para as nossas possessões ultramarinas: um açoite.

Lisboa está tranquilla, vae aturando os seus frios e cheirando as suas violetas, vae ouvindo o seu parlamento e o seu S. Carlos, enquanto grossos cordões de agua escorregam pela frontaria dos seus edificios de marmore e de granito: quer dizer, Lisboa hyberna pacificamente. N'isto, chega uma esquadra ingleza, quatro mil açoites de farda encarnada caiem de repente sobre a populaçao

bonacheirona, deslombam-n'a, desancam-n'a, dei-xam-n'a semi-morta, e de um momento para o outro Lisboa vê-se obrigada a metter-se em casa, rodeiada de frascos de arnica, de anti-hysterico, —e de policia.

De vez em quando estala ao chicote britannico um pedaço de pita: um inglez morre, como aconteceu outro dia na rua Formosa. Mas no dia seguinte, as fardas vermelhas inundam a cidade fazendo motim nas ruas, nos theatros, nos cafés, e Lisboa treme de horror lembrando-se de que vae passar pela mais dura das represalias.

Sejam quaes fôr as nossas relações diplomaticas com a Inglaterra, sejam quaes fôr as modificações introduzidas pelo governo progressista no tratado de Lourenço Marques, eu, que não sou a nação, eu, que não sou a diplomacia, eu, que não sou o governo — quanto isto me consola! — eu ouso dizer com a maxima franqueza e com a maxima liberdade que o que principalmente detesto n'este mundo — é o marinheiro inglez. E acima do marinheiro inglez eu só poderia detestar ainda com maior colera e com maior repugnancia — dois marinheiros inglezes.

De dia ou de noite, no bairro alto ou nas ruas da baixa, haja policia ou não haja, eu fujo da farda encarnada como o diabo foge da cruz. Pre-sinto que se uma avalanche d'aquellas tombasse

sobre mim, obrigar-me-hia a fazer uma incisão nas pedras da calçada e a desapparecer immediatamente por ella, como um personagem de magica pelos alçapões do antigo theatro das Variedades. Não estou para ter esse incommodo, nem quero interromper o transito nas ruas de Lisboa abrindo brechas nas lages.

Ha muito quem seja da minha opinião e da minha coragem, a respeito dos marinheiros inglezes. Um amigo meu esteve no Price ha quinze dias e, vendo-se rodeiado de fardas encarnadas, quiz fugir. Mas, para fugir, era preciso passar atravez d'ellas: aconteceu-lhe então uma coisa muito natural—teve medo. Teve medo e ficou. No fim do espectaculo esperou prudentemente que os inglezes sahissem, e procurou safar-se sem dar nas vistas. Estando com inglezes, o meu amigo é muito modesto,—tanto como eu. Ao sahir a porta do Price, elle reconhece porem que a calçada do Salitre está convertida n'um acampamento inglez. Passaria de boa vontade toda a noite dentro do circo, ainda mesmo que tivesse de dormir em companhia do *Rigoletto*, burro sabio amestrado pelo sr. Tony Grice, mas as portas do circo iam fechar-se. Que fazer? Procurar escoar-se o mais depressa possivel por entre os inglezes, levando n'uma das mãos o apito, e na bocca o *Credo* ou, para maior caütela, o apito e o *Credo*, tudo na bocca.

Trez marinheiros simulavam fazer exercicio militar, havendo-se collocado a um de fundo. Um quarto marinheiro commandava as manobras. N'isto, o meu amigo passa por elles, e elles fazem-lhe immediatamente continencia, e desfilam cadenciadamente atraç d'elle, n'um passo gravemente retumbante, como o de elephantes disciplinados. O nosso amigo, sentindo pela espinha dorsal abaixo, e o mais abaixo que é possivel imaginar-se, — os effeitos do medo, accelerou o passo atravez da praça da Alegria, ouvindo sempre atraç de si o chouto profundo e largo dos quatro marinheiros, que tinham levado o rigor da disciplina até ao ponto de conservarem o mais completo silencio.

O meu amigo dirige-se precipitadamente na direcção das escadas da Alegria, e galga por ellas acima com uma velocidade verdadeiramente phantastica. Ao subil-as, ouve um estrondo, similhante ao baque d'um corpo pesado. Do topo das escadas, atreve-se a espreitar para baixo. Ouve segundo estrondo... O que vê elle? Não contando com as escadas, porque o inglez bebedo não conta com coisa nenhuma, nem comsigo proprio, o marinheiro da frente ficou estatelado sobre os dois primeiros degraus, encharcado na agua que escorria do chafariz. O segundo marujo, não contando com a queda do primeiro, ficou escarranchado sobre elle,

o terceiro sobre o segundo, e o quarto sobre o terceiro. Dentro de um minuto, uma montanha de inglezes obstruia a escada, e, ouvindo-os praguejar, raivar, soccando-se mutuamente, indignados uns contra os outros, o meu amigo, do alto das escadas, cheio de imprevisto jubilo, entoou com terríveis inflexões sarcásticas o *God save the Queen*, que se repercutia nos eccos da noite como um hymno terrível de vingança.

Ás nove horas da manhã, o meu amigo foi espreitar se os inglezes ainda lá estavam. Não os viu. Provavelmente haveriam sido atirados para dentro da carroça do lixo, na occasião da limpeza municipal, por se ter imaginado talvez que eram cenouras podres.

Os que não tem medo dos inglezes, são ás vezes bem castigados! Ainda outro dia, um Antonio Luiz qualquer estava, inofensivamente, a ver socarem-se dois inglezes na rua do Alecrim. Se Antonio Luiz fosse um homem prudente, haveria pensado que os inglezes, depois de se socarem um ao outro, poderiam soccal-o a elle. Mas Antonio Luiz ficou, e de repente, os inglezes dão aos seus murros uma nova direcção, que tinha por alvo os queixos do indiscreto espectador.

Apitos, gritos, o diabo! Mas Antonio Luiz ficou amolgado: *that is the question*.

D'esta vez, os marinheiros inglezes fizeram ainda

maiores tropelias que de costume, e uma das pessoas que mais sofreram com elles e com ellas foi o sr. ministro da justiça, que teve que aguental-os por tabella.

Foi por causa da força ingleza que esteve no Price, que o sr. Pinheiro Chagas interrogou o governo. Foi por causa da pergunta do sr. Pinheiro Chagas que o sr. ministro da justiça disse que o *Diario de Noticias* era bem informado e informava mal. Foi por causa d'esta resposta que o sr. Pinheiro Chagas teve que sacudir o pó da cogula do reverendo ministro. Mas, se formos á fonte da questão, foi por causa dos marinheiros inglezes que o almirante da esquadra mandou uma ronda para o circo Price. Elles! os terríveis fardas encarnadas, sempre elles!

Esquecia-me dizer que um dos navios da esquadra saíra um dia para enforcar fóra da barra um marinheiro por haver esbofeteado um official. Vejam como até os proprios officiaes inglezes devem andar precavidos contra os marinheiros da esquadra! O que fará quem, como eu, não é inglez nem official!

Lisboa soube do caso pelos jornaes, e não se impressionou grandemente com elle. Houve até quem lamentasse que os marinheiros da esquadra fossem apenas enforcados na proporção de um para quatro mil, porque, d'este modo, levariam muito

tempo a enforcar os tres mil novecentos e noventa e nove restantes.

Eu, pela minha parte, concentrei toda a minha admiração no official inglez, por não ter morrido das consequencias da bofetada,—como aconteceu ao marinheiro !

## XVI

### A tribuna parlamentar

(Janeiro 1881)

É no parlamento que, n'este momento, se fixam todas as attenções.

Pela quarta vez se dignou fallar, na camara electiva, o sr. dr. Antonio Candido, cavalheiro de fino trato e de subida intelligencia.

Temos por s. ex.<sup>a</sup> a maxima consideraçao pessoal, mas continuamos a estar convencidos de que s. ex.<sup>a</sup>, que é um primoroso litterato e um notavel orador sagrado, não promette vir a ser, nos vinte annos mais proximos,—um notavel orador politico.

A eloquencia parlamentar carece de ser torrenciuosa, vehemente, espumante como uma cachoeira; ella deve envolver no seu impeto a opinião, subjugal-a, arrastal-a para si, leval-a ao sabor da sua vontade potente; ella deve ser a luz exuberante

e rubra que o sol dardeja no occaso atirando sobre o mar fulgurações que façam parecer menos fabulosos, como o padre Antonio Vieira disse algures, os incendios de Phaetonte; ella deve ser isto, e não a branca luz do luar, que prateia apenas a superficie quieta dos lagos, e não desce a acalentar as profundezas da alma nem o calice das flôres. A eloquencia de José Estevam pertencia áquelle genero, essa sim, era a verdadeira eloquencia parlamentar. Do cerebro do grande orador partiam relampagos para todas as consciencias, correntes magneticas para todos os espiritos, e como se se tratasse de um incendio enorme, que projectasse sobre toda a cidade, e sobre o paiz inteiro, os seus clarões terrivelmente sanguineos, um discurso de José Estevam, recitado no parlamento, parecia inflammar a capital e o paiz, do alto do edificio de S. Bento, como os espelhos ardentes de Syracusa.

A eloquencia do sr. dr. Antonio Candido é, permittam-nos a expressão, um regato academico, cuja agua vae derivando n'uma cadencia correcta, por sobre seixos côr de rosa que a mão da Rhetorica depôz sobre a areia do álveo depois de os haver polido cuidadosamente nas officinas sonoras da palavra.

A eloquencia do sr. dr. Antonio Candido baloiça-se friamente entre duas molas diametralmente

oppostas pela natureza dos seus metaes, entre a escola positivista, que aprendeu em Augusto Comte e Littré, e o amaneirado classico das velhas chronicas escriptas pelos Lucenas e pelos Sousas.

D'estas duas fontes tão contrarias entre si resulta um producto hybrido, absolutamente falso, flagrantemente anachronico, porque firma um dos pés sobre o futuro e assenta o outro sobre o passado.

Pasma a gente de ouvir um pensador moderno a fallar n'uma linguagem antiga, por vezes archaica. Isto prova simplesmente que o sr. dr. Antonio Candido não chegou ainda á completa assimilação da philosophia positiva, que não está ainda tão impregnado das idéas dos seus mestres, que se podesse libertar inteiramente da preoccupação do rythmo e do colorido da fórmula. Não é um philosopho que falla; é um artista que capricha em burilar os seus periodos, um poeta indeciso e vacillante, que adora a luz vaga do futuro e volta ainda os olhos saudosos para a claridade pallida do passado. É um sonhador que vem coberto dos louros da Universidade, onde a theoria fascina os espiritos moços, e que sae acclamado da practica do pulpito, onde a eloquencia se educa n'uma escola completamente opposta á do parlamento, porque, ali, ella impõe os seus argumentos á devoção silenciosa do auditorio, e no parlamento

as palavras e as idéas, roçando pelos ouvidos dos membros da camara, provocam a scentelha da réplica, como o attricto do fusil na pederneira produz a faísca que pode ateiar o incendio.

Um orador sagrado precisa de ser mais ou menos phantasista. Compõe os seus discursos com tres elementos que o seu bom gosto deverá conciliar discretamente: um pouco de philosophia religiosa, muito de linguagem elegante, e alguma coisa de grave distincção na voz e nos gestos. Tudo isso possue o sr. dr. Antonio Candido, com a diferença, aliás muito vantajosa para s. ex.<sup>a</sup>, de que a sua educação litteraria lhe permitte augmentar as dóses do elemento theologico dos seus discursos sagrados.

Mas entre a tribuna do parlamento e a tribuna do templo ha uma distancia mil vezes maior do que aquella que realmente vae desde a basilica da Estrella ao edificio de S. Bento.

No parlamento todas as palavras que caiem são apanhadas pelos oradores que passam depois. É o que acontece aos fructos, principalmente se elles são de boa arvore. E se como realmente fossem outros tantos fructos, as palavras são descascadas, abertas até ao amago, para se verificar se cairam sorvadas ou se podem fornecer-se como alimento ás conveniencias materiaes de um paiz e ás conveniencias politicas d'um partido.

\*

\* \*

Ora o sr. dr. Antonio Candido, aceitando eleitoralmente uma origem progressista, tendo procurado manter-se sempre como deputado nos limites da obediencia partidaria, faz comtudo ás vezes, quando falla, um mau serviço politico ao seu partido.

Ainda ante-hontem o sr. dr. Antonio Candido tocava menos convenientemente—para o seu partido, entenda-se—n'uma questão que é presentemente a maior tortura, a maior condenação e a maior vergonha do seu partido.

O sr. dr. Antonio Candido levou o ministerio e a maioria da camara a aceitar a paternidade de artigos jornalisticos em que a corôa foi dura e violentamente offendida.

Pôz em vibração uma corda cuja nota arranha hoje os ouvidos e a consciencia dos seus correli-gionarios. Os jornaes que hontem aggrediam o rei, lisongeiam-n'o hoje como monarcha e como homem. Portanto, esses jornaes renegam o seu passado, penitenciam-se d'elle pelo mais refinado cortezanismo. E o sr. Antonio Candido vae com mão irreflectida remexer a ferida ainda não cicatrizada, levantar do lodo da imprensa até á gravidade do parlamento a recordação d'esses insultos outr'ora vibrados contra o rei, cujo retrato estava ali deante

de seus olhos na immobildade respeitavel que o monarca é obrigado a ter como entidade moral !

Isto pode denotar, e denota por certo, uma boa e sã consciencia, á qual repugna a cobardia do partido em cujo gremio se filiou, mas politicamente é um grande serviço feito á oposição, e com elle folgamos, porque vem de novo expôr á luz dò sol o que ha de mais vergonhoso e aviltante na historia do partido progressista.

Debaixo d'este ponto de vista, o seu discurso foi um desastre, mais alguma coisa,—um escândalo !

É como se o sr. dr. Antonio Cândido tivesse subido ao pulpito para provar a existencia de Deus e começasse por fazer o elogio do diabo.

E depois causa tristeza vêr um talento tão notável, tão distineto, tão respeitavel, erguer-se da sua cadeira de deputado para levantar do lodo insinuações que aliás se devem atirar para os abysmos da Historia como se atira um sapo morto para dentro de um fosso. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Este artigo, publicado na secção *Atravez da imprensa*, do *Diário Ilustrado*, foi apreciado do seguinte modo no *Progresso*, orgão oficial do partido progressista, de 22 de janeiro de 1881:

«*Diário Ilustrado*—Faz um paralelo entre o talento oratório do sr. Antonio Cândido e os dotes parlamentares de José Estevam. É um formoso e correctíssimo trecho de

## XVI

### O carnaval

(Fevereiro de 1881)

#### I

Meus senhores, é preciso lembrar-lhes uma coisa, que talvez lhes haja esquecido com a questão dos prosa, escripto com elevação de idéas e verdadeira opulencia de imagens, uma tirada finalmente, que se afinou pelo que de mais elegante se tem proferido ultimamente na tribuna parlamentar, com umas reminiscencias muito vivas ainda do portentoso orador de quem, sem sombra de exagero, se pôde dizer que foi o Demosthenes portuguez. Apraz-nos vêr a imprensa nobilitar-se na affirmação da sua critica, incentivo precioso, diga-se a verdade, para os altos vôos da eloquencia tribunicia; mas... sempre o mas;—é que mais e melhor serviço prestaria a critica se fosse desapaixonada, e o collega, verdade verdade, na apreciação do notabilissimo orador da maioria, a que se refere, procura amesquinhar-lhe um tanto, embora com a maxima cortezia, os dotes que, nos limites da verdadeira imparcialidade, ninguem se permite contestar-lhe, etc.

coroneis e com a votação da camara alta: que estamos apenas a tres dias de distancia do domingo magro, como quem diz—o meu domingo. D'aqui a onze dias teremos o domingo do sr. prior da Lapa, e d'ahi a vinte e quatro horas estaremos na terça feira consagrada ao ministerio, quer dizer,—em pleno entrudo.

Não me quero ocupar por agora do aspecto da cidade durante as folias carnavalescas. De mais a mais, é facil prever o que acontecerá. Cahirão grossos e frequentes aguaceiros deixando pingados os *chechés* pelintras, que se vão arrastando sobre a lama cheios de agua por fóra e de vinho por dentro. Soldados de cavallaria passearão os seus cavallos, n'uma attitude desconfiada, cheia de reserva ameaçadora. Na Casa Havanesa grupos de homens espreitarão ás portas, atirando bolinhas de algodão em rama ou de papel branco, fartamente ensalivadas, ás pessoas que vão passando. No quartel do Carmo, o sr. general Macedo estará, de esporas nos pés e chicote na mão, prompto a montar a cavallo á primeira ordem. No governo civil, o sr. dr. Vicente esperará os acontecimentos, mascando charutos, e conversando com o sr. secretario geral. As tropas em quarteis. O sr. José Luciano de Castro no ministerio do reino mordendo o bigode, na rasão de cento e cincuenta mordedellas por segundo. No salão da Trindade *baile in-*

*fantil*, á uma hora da tarde, um pretexto para os grandes se bisnagarem á sombra dos pequenos. Á noite, nos theatros, muita gente, muitas luzes, muitas flôres, e poucas mascaras. Ainda assim, mais mascaras do que espirito. Conquistas amorosas pelo duplo do preço marcado na tabella. Aquisição de varias constipações, e outras molestias não referidas no novo methodo. Nos *hoteis* alguma gente de fóra, que se não quer desenganar de que o carnaval está em toda a parte onde o queiram fazer. Em casa, o sr. Barros Gomes, de joelhos, *Horas Mariannas* na mão, fazendo o seu longo jubileu, rezando o triduo.

\*

\* \* \*

Escoarçado das ruas pela chuva, pela lama, pela policia, pela guarda municipal, e pela pelintragem aguardentada, o carnaval refugiou-se nos salões elegantes, e é ahi, em pleno *high-life*, que elle consegue ainda morder o seu ultimo cartuxo para defender a tradição do seu antigo esplendor, e da sua antiga alegria.

Nos theatros o carnaval tem todo o caracter de uma exhibição publica, está ao alcance do epigramma, da satyra e da bisnaga. Por caso algum um conselheiro venerando ousaria desfazer um cartuchinho de pós sobre as tranças de uma dama, em pleno theatro de D. Maria ou em pleno salão

da Trindade. Um juiz de direito não se exporia, no mesmo local, ao ridiculo de offerecer um raminho de violetas a uma *Vivandeira* ou a uma *Siguidilha*. Mas n'uma casa particular, o conselheiro encanzina-se na folia, e, depois de seringar na sala as senhoras, vae seringar ao corredor a *sopeira* que traz a bandeja dos bolos. O juiz de direito esfarrapa a seriedade do *Codigo Penal* debaixo de um dominó de velludo preto, e permitte-se a liberdade de recordar-se, extra-judicialmente, das suas esturdias de Coimbra, deixando a vara da justiça ao canto da porta, no mesmo sitio onde os outros deixam as bengalas.

Antigamente havia graça, havia alegria nos bailes de mascaras publicos, em Lisboa e no Porto. Em Lisboa, a turba fidalga dos frequentadores do *Marrare do Polimento* espraiava-se pelos theatros; e dava batalha de espirito, cargas cerradas de bisnaga sobre os mascarados, e os outros. Essa geração de fortes e alegres vae desapparecendo dia a dia, absorvida pela garganta famelica dos Prazeres e do Alto de S. João. Os novos, os que verdadeiramente teem espirito ou os que pretendem tel-o, estão cansados de fazer ditos durante todo o anno, de sorte que, em chegando o carnaval, vão aos bailes de mascaras unicamente para dizer que os bailes de mascaras os enfastiam mortalmente.

No Porto antigo, Camillo Castello Branco, Evaristo Basto, Faustino Xavier de Novaes, o Bastos do *Nacional* e outros constituiam a ala terrivel dos guerrilheiros do carnaval, eram os heroes celebrados das aventuras carnavalescas, e, alta madrugada, elles levavam de arremettida, na ponta dos estilletes do seu espirito, pelos dominios da quaresma dentro, a figura obesa, pançuda, cheia de cascaveis e de salpicos de amido, do *Mardi Gras* derrotado.

Epigrammas percuentes, em prosa ou verso, eram vibrados contra os camarotes da primeira ordem ou contra os burguezes espessos e aureos, com um denodo que faria honra ao fundibulario David. No *Eusebio Macario* ha uma recordação d'essa phase carnavalesca do Porto, no improviso com que Faustino Xavier de Novaes recommenda ao desconhecido Ananias que não intrigue o Trigueiros:

Ó prophetico Ananias,  
Não me bulas co'Trigueiros.  
Tem respeito ás garantias  
Que lhe dão os seus dinheiros;  
Essas phrases que tu chias  
São perdidas com negreiros.  
Não me bulas co'Trigueiros,  
Ó prophetico Ananias.

Em Lisboa, casos verdadeiramente graciosos

ocorreram nos bailes de mascaras publicos, partidas de espirito pozerao por vezes uma scintilação parisiense sobre o dominó carnavalesco, mas agora, com respeito aos bailes de mascaras nos theatros, só podêmos recordar o que se fez outr'ora entre nós e que por certo não era inferior ao que de melhor apparece ainda no baile da Opera em Paris.

Proval-o-hemos.

Depois assistiremos ao *coup de grace* do carnaval portuguez nos salões elegantes das casas nobres.

## II

Comecemos a provar a nossa these, mas seja-nos permittido encobrir os verdadeiros nomes das pessoas que figuram n'esta pequena comedia do antigo carnaval de Lisboa.

Felix Telles, um excentrico *attaché* de um fidalgo da provincia, ahi para os lados de Estarreja, uma especie de Mentor aposentado que, depois de lhe haver ensinado latim, ficou na posse ociosa das mais regaladas commodidades, disse em segunda feira de entrudo ao seu antigo Telemaco:

—Morgado, sabe que mais? Vou fazer uma partida a seu irmão e a seus sobrinhos...

—Bem sei, vae escrever-lhes uma carta carna-

valesca, intrigal-os pelo correio, gastando vinte e cinco minutos de espirito e vinte e cinco réis em dinheiro.

— *Mieux que ça*, como dizia o imperador José II. Vou intrigal-os em pessoa, eu proprio, no theatro da Trindade.

— Como ?!

— Imagine que ámanhã de manhã tomo o comboyo descendente, amezendo-me o mais commodamente possivel n'uma carroagem de primeira classe, faço o meu *mardi gras* em pleno *restaurant* do Entroncamento, chego ás nove horas da noite a Santa Apolonia, metto-me n'um trem, mando bater para o *Hotel Alliance*, chamo o criado. «Rapaz, digo-lhe eu, vae-me ali á rua Larga de S. Roque buscar ao Cruz um dominó preto como o de Scribe.» O criado volta com a opera-comica, quero dizer, com o dominó, enfarpello-me no vel-ludo preto em que Auber escreveu a sua partitura e Scribe o seu *libretto*, entro no theatro da Trindade, penetro no salão, procuro o camarote de seu irmão, dirijo-me a elle, intrig-o, ponho-o na mais cruciante tortura de que ha memoria, gasto n'isso uma hora, deixo-o mordido de curiosidade, de interesse, saio do theatro, entro no *hotel*, deito-me, adormeço, e pela manhã parto para Estarreja, onde commentaremos á ceia a aventura do dominó preto da Trindade, á mesma hora em que seu ir-

mão estará luctando ainda com um problema verdadeiramente impenetravel...

—Bravo! Excellente! applaudiu o morgado. Vá feito. Até depois d'ámanhã. Durma, e concentre todas as forças do seu espirito para a campanha carnavalesca em que terá de entrar d'aqui a vinte e quatro horas. O plano é de mão de mestre.

Recolhendo-se ao seu quarto, o morgado redigiu a seu irmão o seguinte telegramma:

«Felix Telles chega ahi hoje á noite para te ir intrigar na Trindade. Dominó preto, alugado no Cruz. Prepara-te para o ataque. Segredo.»

Depois o morgado chamou o seu criado particular, disse-lhe que logo pela manhã fosse ao telegrapho expedir aquelle telegramma, recommendando-lhe a mais completa reserva.

No comboyo descendente, Felix Telles tomava effectivamente logar n'uma carroagem de primeira classe, e saboreava mentalmente o praser da sua aventura.

Entretanto, o irmão do morgado, o visconde de \*\*\*, recebia em Lisboa o telegramma, e chamava o escudeiro para dizer-lhe:

—Esta noite, estarás em Santa Apolonia á hora da chegada do comboyo. N'uma carroagem de primeira classe ha de vir o sr. Felix Telles, que tu conheces muito bem. Seguil-o-has, sem que te veja. Se tomar um trem, toma tu outro. Deve

apeiar-se á porta do *Hotel Alliance*. Ahi, logo que chegue, dará ordem ao criado para que lhe vá buscar ao guarda-roupa do Cruz, na rua Larga de S. Roque, um dominó preto. Esperarás os acontecimentos parado em frente do *hotel*. Certificar-te-has se effectivamente sae do *Alliance* um homem de dominó preto. Esse homem será o sr. Felix Telles. Logo que elle saia, tomar-lhe-has deanteira, correrás ao theatro da Trindade. Encostados á casa do bengaleiro estarão os meninos e, quando o sr. Felix Telles entrar, dir-lhes-has: É este. Entendeste?

— Perfeitamente, sr. visconde. Esteja certo que saberei ser discreto.

— Muito bem.

No seu quarto, os filhos do visconde escreviam sobre uma larga tira de papel branco, em garrafas letras pretas, o seguinte: «*Sou o Felix Telles de Estarreja.*» E riam estrepitosamente, com aquelle grande bom humor que se perde para todo o sempre depois que os dezoito annos passam...

O criado do visconde desempenhou-se da sua missão de confiança a *marveille*.

Felix Telles chegava ao theatro da Trindade quando já os filhos do visconde, postos atraz do guarda-vento, se preparavam para pregar-lhe nas costas a grande tira de papel branco.

Esta operação, aliás difficult, foi feita com perfeita delicadesa.

As pessoas que presencaram tudo isto, casquinaram uma estrondosa gargalhada unisona, que Felix Telles não percebeu, e logo muitas vozes, umas accentuadamente masculinas, outras feminilmente esganiçadas, começaram a gritar n'um tom mephistophelico, enquanto o dominó preto passava: «Olha o *Felix Telles de Estarreja!*»

O homem estremeceu dentro do seu dominó, debaixo da sua mascara.

E sujeitos de chapeu alto, creanças de bisnaga em punho, *pastorinhas* vestidas de gase côn de rosa, *vivandeiras* de cantil a tiracollo, cahiam sobre elle com o peso de uma troça implacavel: «Olha o *Felix Telles de Estarreja!*»

Elle voltava-se para surprehender o denunciante em flagrante delicto de bisbilhotice, não conhecia ninguem, suava, tresuava, perguntava a si proprio se teria enlouquecido, e então os esguichos, as gargalhadas, os gritos recrudesciam n'um crescendo atroador.

De repente, no salão, o visconde, de braços abertos, um riso aristophanico nos labios, postado deante do dominó, saudava-o com a terribel apostrophe, que se repercutia nos echos da sala: *Ó Felix Telles, que diabo de lembrança foi a sua!*

E elle, o *Felix Telles*, desesperado, hydropho, apopletico, respondeu-lhe na sua voz natural,

cheio de raiva, de desespero: «Ora deixe-me, que não sou eu!»

E sahiu, sahiu acompanhado até á porta por este grito terrivel, insistente, perseguidor: *Tu és o Felix Telles!* E no conjunto de todas essas vozes profundamente causticas, atrozmente mordentes, elle distinguiu perfeitamente as vozes dos filhos do visconde que gritavam: «Ó Felix Telles, venha cá.»

Entrando no hotel *Alliance*, Felix Telles despiu de repellão o dominó, deixou-o ficar sobre o tapete do quarto, disse brutalmente ao criado que se fosse embora, que o deixasse em paz, que o chamasse a tempo de sahir no comboyo da manhã, e que se não esquecesse de mandar entregar depois o dominó ao Cruz, com mais dez tostões que elle deixaria sobre a banquinha.

Pela manhã, pagou rapidamente a sua conta, poisou sobre a banquinha os dez tostões para o Cruz, e sahiu.

Quando á noite chegou a Estarreja, já um telegramma do visconde para o irmão o havia precedido.

—Então? perguntou-lhe o morgado o mais seriamente que poude.

—Então, respondeu Felix Telles, aquillo é ainda uma aldeia peior do que Estarreja, toda a gente me conheceu logo que lá cheguei!

Este caso é um symbolo. Elle representa o alegre, o folgasão, o inventivo carnaval de ha dez annos, o carnaval que tinha sangue, bom estomago para ceiar, bom humor para rir, o carnaval portuguez que fazia *pendant* ás *grivoiseries*, ás vezes um pouco *décolletées*, do carnaval parisiense, que ainda hoje consegue ter espirito como vamos provar no artigo seguinte.

## III

O carnaval mais deslumbrante é o de Roma, o mais sonoro é o de Veneza, o mais espirituoso o de Paris.

As gloriosas tradições d'este ultimo carnaval são antigas, teem feito a volta do mundo no romance, no folhetim, na comedia.

Mery, escrevendo *Um carnaval de Paris*, fez no seu estylo brilhante a historia da reviviscencia do carnaval parisiense no principio d'este seculo, falla nos passeios do boi gordo, na concorrencia enorme que se apinhoava nos *boulevards*, na rua Saint-Denis, na rua Saint-Honoré, em toda a linha do caes, nos grandes bailes *masquéés* da Opera e do Eliseu-Bourbon, reconhece que o carnaval parisiense produz uma consideravel quantidade de incidentes que teem uma influencia prodigiosa no futuro do homem e da familia, o que o eleva á cathegoria de uma insti-

tuição social importante nas suas consequencias, mas não será precisamente por esse lado que o estudaremos, limitar-nos-hemos a procurar na sua feição anecdotica o traço especial que o espiritualisa entre as grosseiras *rigolades* avinhadas que ordinariamente fazem do carnaval uma folia brutal e engordurada.

O mascarado de Paris é ainda hoje aquelle que põe a carassa mais para divertir o espirito do que para divertir o corpo. Comprehende-se isto na patria do champagne. Com quanto na opinião de um dos bohemios de Henry Murger o champagne não passe de uma cidra elegante, é justamente com um copo d'essa bebida espumosa e scintillante que uma pessoa pode conseguir, durante uma hora, estar alegre sem ficar ébrio, ao passo que com qualquer outro vinho o que mais frequentemente acontece é uma pessoa ficar ébria sem ficar alegre. Os vinhos portuguezes, espessos e fortes, levam á provocação petulante, e não é raro que nos nossos bailes de mascaras publicos, no momento de ser retirado da sala, por inconveniente, um mascarado, esse mascarado comece a atirar couces á policia civil, dizendo que está no seu direito, que pagou para se divertir, e para incomodar todo o mundo. Em França, se uma intriga carnavalesca ultrapassa as medidas de conveniencia social, é mais facil que uma pessoa vá parar ao

cemiterio depois de um duello, do que ao commissariado de policia depois de uma valsa. O carnaval parisiense de 1778 ficou reinemorado na tradição elegante por haver dado causa a um duello do duque de Bourbon com o conde de Artois, mais tarde Carlos x. Estes exemplos abundam. Mas o que é verdade é que no carnaval parisiense uma pessoa apenas descalça a luva, não para ficar menos constrangido comsigo mesmo,—mas para ficar á disposição d'outra pessoa.

Está-me agora a lembrar uma aventura de um dos irmãos Lameth com Maria Antonietta, com aquella bella rainha cujos loiros cabellos o ferro da guilhotina cruelmente engrinaldou de manchas de sangue, como de camelias vermelhas. Estava-se em 1785, a sala da Opera havia ardido, os bailes de mascaras davam-se nas Tulherias. Maria Antonietta quiz ir a um d'esses bailes, arrastada por um dos seus caprichos de borboleta que deviam acabar por precipital-a no facho da Revolução... Não tomou ao acaso um disfarce, encommendou um fato de padeira, o que n'essa época representava uma idéa sympathica, uma esperança, porque então as subsistencias eram raras e caras.

Um dos irmãos Lameth poude saber qual seria o disfarce da rainha. Adorava Maria Antonietta, mas era tão difficult dizer-lh'o n'outra qualquer occasião, que jurou a si mesmo não perder esse mo-

mento de felicidade que a sorte lhe deparava. Entrou no baile. Procurou, atravessou todos os grupos, até que enfim reconheceu Maria Antonietta *deguisée en boulangére*. E então, inclinado sobre o ombro da rainha, que parára para o ouvir, elle disséra-lhe ao ouvido, como uma voz cortada, trémula de estranhas vibrações:

Gentille boulangére,  
 Qui des dons de Cérès  
 Sais d'une main légère  
 Frabiquer le pain frais,  
 Des dons que tu nous livres  
 Doit-on se réjouir?  
 Si ta main nous fait vivre,  
 Tes yeux nous font mourir.

De tes pains, ma mignonne,  
 L'amour a toujours faim;  
 Si tu ne les lui donne,  
 Permettez le larcin.  
 Ne sois pas si sévère,  
 Ecoute enfim l'amour;  
 Et permettez-moi, ma chère,  
 D'aller cuire à ton four.

Ainda sem sair dos domínios metaphóricos da panificação, Maria Antonietta poderia haver respondido ao seu enamorado perseguidor:

—Nem sempre quem aquece o forno é que coze o pão.

Mais tarde, madame de Stael aproveitava este dito, que encerra uma profunda verdade,—sobre-tudo pelo que respeita a mulheres.

\*

\*      \*

O moderno carnaval parisiense, embora Mery o accusasse de se querer fazer ajuizado por um certo luxo de bom senso, ou por uma tal ou qual hypocrisia de gravidade, é ainda, em quanto os srs. correspondentes me não desmentirem, o mais espirituoso da Europa, aquelle onde um mascarado consegue ter uma idéa, executal-a, exhibil-a, e alcançar com ella um successo. Isto, para nós, os portuguezes, chega-nos a parecer impossivel, quando nos achamos em pleno baile de mascaras, no meio de quinze dominós silentes, como diria o *Diario de Noticias*, de um aguadeiro mais gallego do que os outros, de um *pierrot* que dá guinchos como um sagui, e de um diabo rabudo, a quem a gente sente tentações de fazer o que Alcibiades fez ao seu cão.

Ainda outro dia, n'um baile da Opera, contava um jornal, um dominó amarello, com um grande ar de mysterio, pedia licença ás damas para lhes beijar a mão e, depois de se haver inclinado gravemente sobre a pellica da luva, puxava de uma carteira e escrevia.

Á volta d'elle, a curiosidade parisiense confluia, espicaçada, palpitante.

Por fim de contas, ao terminar o baile, o dominó amarelo revelou a sua idéa. Tinha posto o olfacto ao serviço de uma averiguação graciosa: em duzentos e oitenta e seis pares de luvas, que beijára, reconheceu que apenas dezesete não tinham sido lavados com benzina.

*Per jocum.*

#### IV

Disse eu que o carnaval portuguez havia encontrado por ultimo reducto, para defender as suas antigas tradições de elegancia e alegria, os salões do *high-life*, entre cujas muralhas de *cretonne* e de *reps* elle morde o seu ultimo cartucho, por vezes com o desespero de um sitiado que pretende salvar a sua honra.

Esta é, com effeito, a verdade. Nos bailes publicos, a sensaboria alastrou a sua mazorrice gordurosa, como uma grande nodoa de azeite. Quem tem *espirito* prefere guardal-o para o *Almanach de lembranças*, a exhibil-o durante o carnaval no salão de um theatro. E tanto isto é verdade que, em aparecendo uma só mascara de *espirito*, um dominó preto ou um dominó côr de rosa, *avis rara*, toda a imprensa larga a celebrar, durante uma

semana, os seus bons ditos, as suas bellas replicas, os seus *calembours* e as suas agudezas. É um acontecimento, um achado, uma conquista! De modo que pode dizer-se a um mascarado n'aquellas condições:—Ah! o senhor tem caraça e tem espirito! Pois bem, então vou dizer-lhe o que o senhor é. O senhor não é homem, é um passaro, o senhor é um *chastre*, a ave rara dos antigos, sabe? aquelle celebre passaro que mereceu ser cantado por Alexandre Dumas e Mery,—ao mesmo tempo.

E não será caso para extranhar que o mascarado, tendo já perdido a primeira camada do seu *espirito* postiço, e julgando-se reconhecido pelo nosso fino olfacto carnavalesco, nos diga em tom de confidencia, proondo-nos um armisticio:

—Você adivinhou chamando-me passaro! Eu sou effectivamente o Perdigão, mas não diga nada.

Ao passo que alguns theatros, como por exemplo o Gymnasio, teimam em não dar já bailes de mascaras, fechando as suas portas ao carnaval, as salas particulares animam-se ainda como de um reflexo do passado e os bailes *costumés* repetem-se. À *soirée* do sr. Delfim Guedes sucedeu-se o baile da côrte, tambem *costumé*, predominando o *costume* azul e branco nos homens; e já se annuncia para segunda feira uma festa *masquée* em casa dos srs. condes de Valbom. Lembro-me ainda de que o

*Diaro Illustrado* contára o anno passado o ardor com que os convidados dos srs. de Valbom, em igual dia d'aquelle anno, tinham feito honra ao carnaval, de bisnaga em punho, cruzando-se no ar chuveiros do oponanax e de agua de Colonia.

Na sociedade elegante ainda ha a preocupação do carnaval, e eu acho bom que assim aconteça, porque um povo que descae inteiramente na tristeza, é um povo moribundo, perdido.

Ó alegria! ó salutar e vivificante alegria! eu acho-te tão indispensavel para o espirito como o bife para o estomago! Os teus inimigos, os sorumbaticos, chamam-te leviandade, mas tu és a força, a coragem, a tranquillidade da consciencia, tu és a propria virtude! Não me consta que o remorso seja alegre, que o arrependimento sorria, que o desespero folgue! Nada d'isso. Se a alegria não fosse santa, não faria Deus alegres as creanças. Deus creou o grande, o formidavel na natureza, o mar, as cordilheiras, os volcões, as torrentes, os vendavaes. Em tudo isso ha porém um certo fundo de tristeza, um convite á meditação melancolica. Reconheceu Deus que a sua obra ficaria imperfeita se não creasse a alegria sob a forma de flôres.

Flôres dão côr á terra e cheiro ás auras;  
Flôres são mães da fructa, os deuses rindo  
As creáram, e sorrindo acceptam flôres.

Na antiguidade foi a alegria que fortaleceu a Grecia; é ainda a alegria talvez o mais poderoso sustentaculo da França moderna. *Le français est gai, même dans ses douleurs*, diz Deschanel. N'isto está decerto o segredo da sua força. Tendo deante de si a grande preoccupação da *Revanche*, o francez, em vez de se desesperar com o tempo que vae passando sem que chegue o ajuste de contas com a Alemanha, o francez pensa em realizar festas alegres, intencionalmente boas por isso mesmo que são alegres, e sendo das ultimas nações vencidas, a França realizou a exposição internacional, uma festa para todo o mundo, e o Paris-Murcia, uma festa para dois paizes.

Nós, os portuguezes, estamos pobres, pobrissimos, talvez? É mau. Mas é peior ficar a chorar o que não tem remedio emquanto no mundo existirem Barros Gomes. Riamos.

*Qui vit content de rien posséde toute chose.*

.....

*Flâner* atravez dos salões elegantes, n'este periodo do anno, é viver. À *flânerie* chamou Balzac *la gastronomie de l'œil*; n'este caso, n'esta época, pôde dizer-se que é a gastronomia do espirito. Tirem o espirito ao carnaval, e verão que fica reduzido a um esfalfamento, cujas consequencias,

como os rheumatismos de Rochefoucauld, poderão talvez exprimir-se com esta pequenina phrase latina—*fructus militiæ*.

Ha dois annos, por este tempo, nós tivemos occasião de assistir a uma das mais graciosas festas do carnaval das salas. Em casa da sr.<sup>a</sup> viscondessa de... passava-se a noite de sabbado magro *en petit comité*. A um canto da sala, em torno do piano, um grupo de senhoras novas e formosas conspirava visivelmente contra outro grupo, de rapazes, que fallavam a respeito de S. Carlos, se bem me lembro. Uma risada unisona e crystallina sellou o segredo d'esse terrivel *complot*, cheio de mysterios e de vinganças. No fim da noite, a viscondessa pediu aos seus convidados que não faltassem em sabbado gordo. Recomendação verdadeiramente inutil: os sabbados da viscondessa são deliciosos de mais para que haja gente de menos. Mas, ó assombro! n'essa noite, vinte e nove dominós côr de rosa charlavam alegremente nas salas, rodeando os cavalheiros, com o mesmo *loup* de seda preta, com o mesmo metal de voz, parecendo ter todos a mesma altura, de modo que foi completamente impossivel áquelles que procuravam uma dama preferida, poder distinguila entre todas as outras. E quando o *loup* caiu, todo o mundo se riu de vêr que tinha havido enganos profundos, porque se reconheceu que muitos cava-

lheiros estavam galanteando um dominó na suposição de que era outro !

Uma vingança completa ! Mas uma vingança perpetrada com a mais adoravel arma d'este mundo,—a alegria, que tu, ó carnaval, podes, querendo, polir como um bom alfageme ! <sup>1</sup>

<sup>1</sup> *O Progresso*, de 27 de fevereiro de 1881, na sua revista dos jornaes, apreciava este artigo pelo modo seguinte:

«**Diario Illustrado**.—Boletim parlamentar. Prosegue na sua secção «atravez da imprensa» com as suas considerações humoristicas sobre o carnaval. A invocação á alegria é um dos trechos mais primorosamente escriptos, que temos lido. A definição do *flâner* pôde rivalisar com a da *flartation* do immortal Garrett.

É tão raro em geral, entre nós, esse espirito ligeiro, que de pequenos nadas faz verdadeiras joias litterarias, que, n'esta secção pouco appetecivel da critica politica, saudamos sem inveja, mas cordealmente a pena despreoccupada que traçou, mesmo sobre o joelho, aquellas graciosas linhas, que se lêem e relêem com gosto.

## XVII

### Uma hora antes

(Notas da carteira de um empregado público)

Victor Hugo acabava de publicar os *Miseraveis*. Toda a Europa estava cheia do ruido d'este livro monumental, e eu e Corinna, na nossa qualidade de europeus, liamos em commum o bello romance de Hugo, ás noites, sentados a uma pequena mesa, coberta com um panno de *crochet* feito por ella... em outros tempos.

Nos *Miseraveis* do sublime exilado o que mais impressionará Corinna fôra aquella patuscada idyllica dos quatro estudantes parisienses e das suas respectivas amantes. Em todo o livro ella não achára nada de mais vibrante, de mais electrico do que aquillo, principalmente aquelle jovial capitulo dos *Quatro a quatro*, em que Blachevelle e Favorita, Listolier e Dahlia, Fameuil e Zephina,

Tholomyés e Fantina divagam alegremente por Saint-Cloud, espanejando-se de canteiro em canteiro, como as borboletas de côres vivas, e dando azas a esse encantador idyllio—«em que os pequenos gritos, e as corridas pela relva, e as cinturas agarradas na passagem, essa linguagem enygmatica que se assimelha a uma melodia, as adorações que se manifestam no expressar d'uma syllaba, essas cerejas tiradas por uma a outra bocca, tudo isso passa, resplandecendo de glorias celestes.»

Corinna parecia doida de contente, e imaginava-se já a correr pelo campo, não precisamente em Saint-Cloud, debaixo dos castanheiros, mas em qualquer arredor de Lisboa, a chilrear como as toutinegras e como as quatro parisienses do romance, tendo ao pé de si um amante que fosse correndo atraz d'ella, chamando-a, gritando-lhe alegremente e, sobretudo, que lhe pagasse o jantar em casa de qualquer Bombarda do sitio.

—Arthur! disse-me ella n'uma grande excitação nervosa, Arthur! havemos de ir ao campo, sim? nós dois, com a alegria d'aquelles oito, havemos de correr atraz das borboletas, havemos de atirar flôres um ao outro, de comer um jantarinho alegre e chilreado, com a condição de que tu me não has-de abandonar como fizeram os estudantes de Paris... Lá isso não, Arthur! Mas tu canta-

rás, sim? tu has-de cantar uma siguidilha como Tholomyés, porque eu morro-me pelas canções hespanholas, pelas bellas canções hespanholas:

Soy de Badajoz,  
Amor me llama...

E ella propria cantarolava dando á voz a dolente cadencia de Tholomyés.

—Pois sim, respondi eu, está promettido, está combinado: iremos ao campo, mas com uma condição, com uma condição unica, apenas: que esperarás pelo fim do mez, dando-me tempo a que eu espere pelo ordenado da repartição.

—Dito! respondeu ella, e aproximou tanto os seus labios dos meus, que eu imaginei que me quizesse arrancar da bocca uma cereja.

Não, o que ella me arrancou foi um beijo...

\*

\* \* \*

Um dia, encontrei Corinna na saleta, radiosa, saltitante, com o *Diario de Noticias* nas mãos.

Por um momento, tive ciumes, confesso frankly que tive ciumes: imaginei que andasse na costa, não um mouro, e todavia bem podia ser um mouro de chapéu alto, mas um annuncio amoroso do *Diario de Noticias*, dirigido a ella.

—Olha, disse-me Corinna, vai haver um exercicio militar por estes dias, no fim do mez, segundo diz o jornal. Eis aqui um bello dia para gastarmos no campo o nosso amor e o teu ordenado! Mas agora, querido, tambem me chega a occasião de tirar condições: veremos as manobras do topo de qualquer oiteiro, a respeitosa distancia da tropa, porque eu detesto a militança e tudo o que cheira a polvora, incluindo as salvas reaes em dias de grande gala...

—Serve-me, respondi eu, porque has-de certamente fazer-me a justiça de acreditar que não de-sejo morrer atropellado por um cavallo de lanceiros da Rainha.

\*

\* \* \*

Como diabo, irão perguntar agora os senhores, como diabo pude eu desencantar em Lisboa, n'esta cidade de pedra (Lisboa, cidade de marmore e granito...) uma mulher com um estylo e um nome d'esta ordem?

Eu lhes conto.

Corinna encontrou este nome e o estylo respetivo no mesmo dia.

Quando veio de Thomar, onde nasceu, chama-va-se simplesmente Joaquina, e não tinha estylo.

Nem mesmo tinha grammatica, o que aliás não obstava a que tivesse estylo. Ha tanto d'isso!...

Apresentou-se n'uma agencia de criadas da rua dos Mouros, e poude accomodar-se em casa de um escriptor publico, onde principalmente havia duas coisas em grande abundancia: fome e estylo.

A iniciação litteraria de Joaquina começou ahi. Foi justamente ahi que ella perdeu tudo quanto havia trazido de Thomar, incluindo o nome. Em compensação adquiriu algum estylo, d'aquelle que seu amo tinha adquirido em varios collegas franceses.

Um bello dia, não tendo jantado ainda, e por isso mesmo, o patrão de Joaquina lembrou-se de que no Brazil poderia fazer fortuna, e o editor que elle tinha arruinado com tres volumes, gostosamente lhe pagou a passagem, para se não vêr obrigado a publicar-lhe quarto volume.

Felizmente, n'essa hora, Joaquina já tinha um nome de guerra, que a habilitára a fazer um annuncio acirrante no *Diario de Noticias*. Um assi-gnante d'este jornal leu o annuncio, e foi procurar Corinna. Encontrou uma mulher e um estylo. Ficou encantado. Foi este o segundo degrau da sua escada de Jacob, que se foi alongando até chegar a um terceiro andar da rua da Prata, onde eu tive a felicidade de a conhecer na plenitude da sua independencia reservada.

\*  
\* \*

Corinna, no dia em que eu recebi o ordenado da repartição, apresentou o seu definitivo programma de *pic-nic*, insistindo na condição de que veríamos de longe as manobras, porque ella continuava a detestar a tropa e a polvora.

Por minha parte, applaudi-a, firme nos meus principios philosophicos a respeito dos cavallos de lanceiros.

\* .  
\* \*

Na vespera do dia das manobras, deitei-me á meia noite para me levantar ás seis da manhã. Era a hora marcada para a nossa partida para o campo. Á força de ouvir fallar Corinna nas delícias provaveis da nossa excursão campestre, cheguei a convencer-me com ella e com Victor Hugo de que houve uma vez uma fada que fez expressamente os campos e as flôres para os namorados. Talvez a sonhar com isto accordei ás quatro horas da manhã; e depois que me lembrei de que dentro de vinte e quatro horas o meu ordenado de um mez teria desapparecido inteiramente, não pude tornar a adormecer.

Saltei da cama, vesti-me de meu *vagar*, accendi um charuto e, começando a fumar o meu ordenado, sahi. Eram cinco horas da manhã.

Desço á *baixa*, entro na rua da Prata, e vejo um homem a bater furiosamente tres argoladas á porta de Corinna. Passei por elle, disfarçando, e pude reconhecer n'esse homem um camarada, um impedido. Fiquei intrigado, e parei á esquina da rua. O homem tornou a bater, com mais força talvez. N'isto abre-se a janella da saleta de Corinna, e um homem de bigode preto apparece cheio de mau humor, a perguntar com arreganho:

—Quem é?

De baixo, o camarada responde:

—Sou eu, meu capitão, que o venho chamar, porque são horas de ir para o quartel...

—Já lá vou, com todos os diabos...

E fechou a janella.

.....

No meu espirito passaram então estas duas idéas: que a pobre Corinna tinha um invencivel horror pela tropa, e que eu continuaria a ser inteiramente feliz se não tivesse accordado uma hora antes...

## XVIII

### Lucto do partido miguelista

(Fevereiro de 1881)

Está de lucto o partido miguelista pela morte da princeza D. Izabel Maria Maximiliana, esposa do sr. D. Miguel de Bragança.

A este respeito lançaremos francamente no papel as considerações que o assumpto nos suggere.

Escrevemos com desassombro, mantendo a independencia de opinião com que costumamos manejá a nossa obscura penna, e começaremos por inclinar-nos respeitosamente deante do athaude d'essa infeliz princeza, que expirou aos vinte e um annos de edade, deixando no mundo o seu coração partido em duas metades, dôr moral porventura superior ao sofrimento physico da morte para todas aquellas que sendo esposas são mães.

\*

\* \*

Amamos a liberdade, e estamos plenamente convencidos de que a maxima liberdade dentro da maxima ordem constitue a felicidade collectiva dos povos. D. Miguel I foi um rei absoluto, e nós detestamos todas as fórmas de governo que centralisem o supremo poder nas mãos de um só homem, despotismo, ou ainda mesmo nas mãos de alguns homens, oligarchia.

Queremos a representação nacional, a divisão e harmonia dos poderes politicos como principio conservador dos direitos dos cidadãos, e sob este ponto de vista não podêmos deixar de applaudir esse grande facto social que se chama a Revolução Franceza, que foi para os thronos do absolutismo uma alavanca demolidora, o principio fecundante das constituições modernas que teem por base a liberdade, a segurança individual e a propriedade, mas execramos todos os desvarios demagogicos que por via da regra põem uma deplorável nodoa de sangue sobre a bandeira branca das conquistas do espirito.

Comprehendemos a reluctancia dos reis do antigo regimen, que julgavam ter recebido da mão de Deus o poder monarchico, perante a invasão dos seus direitos seculares por parte do povo insurreccionario. Elles defendiam a sua herança,

como quem defende um thesouro precioso que, segundo a tradição de familia, deve passar de paes a filhos. O povo combatia pela defeza de uma noção intuitiva de direito natural, que todo o dever é correlativo a um direito, levantava-se mal ferido de uma longa escravidão de seculos para disputar a proclamação de um codigo que, prefixando os deveres populares, pozesse com tudo barreiras á vontade omnipotente dos reis, estabelecendo as relações sociaes do soberano para com a nação e da nação para com o soberano. Foi tremenda, homérica esta lucta, em que o sangue se alastrou á superficie da terra, e os reis acabaram por ser vencidos, pesando sobre elles a duresa com que a embriaguez da victoria costuma tratar aquelles a quem a sorte foi adversa. Mas desde o momento em que os reis decaidos se mantiveram na firmeza das suas convicções tradicionaes, agonisando no exilio abraçados aos fragmentos da columnna do absolutismo que sobre elles havia tombado arrastando-os na queda, ou expirando no cadafalso apontando para o ceu d'onde imaginavam que Deus os estava applaudindo por haverem sido fieis depositarios de um poder que reputavam sagrado, desde esse momento, dizemos, a historia dos reis inspira-nos a mais respeitosa sympathia, e não tem sido, não será nunca a nossa penna que vá cuspir uma affronta sobre a memoria d'aquelle que

defenderam a sua corôa como quem defende a sua honra.

\*  
\*     \*

Está, porém, o nosso espirito plenamente satisfeito com o modo como o grande principio da representação nacional, base e alma das constituições modernas, tem sido interpretado e observado entre as nações que emergiram livres da onda da revolução? Não, por certo. Julgamos, comtudo, que ha toda a possibilidade de conseguir esse *desideratum* dentro dos limites das monarchias constitucionaes, e lançamos unicamente á responsabilidade dos governos a culpa de todas as viciações eleitoraes introduzidas no systema representativo. Desde o momento em que os governos, como fez o que actualmente está dirigindo os negocios publicos de Portugal, tenham que recorrer á amnistia como panacea aos abusos da traficancia eleitoral, a soberania popular será mais do que uma mentira, será principalmente uma infamia, que de novo pode desencadear os impetos da revolução...

\*  
\*     \*

Posto isto, fallemos do partido que n'este mo-

mento acompanha de longe a viuvez em que se acha mergulhado o coração do sr. D. Miguel de Bragança.

Os miguelistas são hoje os israelistas da política. Cada vez mais affastados do seu idéal pela moderna evolução social, elles atravessam cheios de firmeza o tempo como os hebreus atravessam o mundo: sem destino. Não se voltam para traz a medir com a vista a longura do caminho percorrido, não querem saber que deixam já atraç de si meio seculo de abatimento. Vão para deante, embora para deante seja o deserto, e n'este ponto de vista elles são bem mais crentes do que os israelistas que seguiam Moysés atravez dos areiaes da Arabia, porque não renegam nunca o seu talmud politico para cahir de joelhos deante do bessero de ouro.

Muitos d'elles, cobertos de cabellos brancos, vêem aproximar-se, serenamente, a morte, e, em vez de se lastimarem, ensinam a seus filhos a tradição politica da sua mocidade, como um velho israelista pode recommendar á sua prole, do leito da agonia, a fiel observancia da lei mosaica.

Ha uma grandeza verdadeiramente épica n'esta dedicação que se conserva de pé, na attitude dos heroes, á hora em que as esperanças se desfolham e os obstaculos recrescem.

O miguelista de hoje, como o de hontem, tem

os olhos n'uma familia, mais do que n'um principio. Em quanto n'essa familia houver uma creança, elle terá uma crença. Enthronisa-a no seu espirito, adora um rei phantastico e longinquo, não o vê em pessoa mas contenta-se de admirar o seu retrato, não o vê no throno mas sente-o na sua alma, colloca-se anachronicamente n'uma época que já passou e, cincoenta annos depois, elle abstracta da mobilidade do tempo, e, ao passo que caminha para a morte, immobilisa-se no passado.

Assiste mentalmente ás recepções da corte prescripta, celebra de longe os anniversarios da familia real, voltando-se para os lados da terra do exilio como o arabe, á hora da oração, se volta na direcção de Meca, vê passar deante de seus olhos a modesta equipagem do principe desterrado transformada n'um sequito realengo, cheio de esplendor magestastico, curva o joelho sobre o chão para beijar a mão do seu rei que passa e, atravez dos mares ou das cordilheiras, elle sente tocar nos seus labios essa mão adorada com a sua fina cutis aristocratica.

Á volta de si digladiam-se os partidos politicos na disputa do poder. Questionam-se os mais pingues empregos, os mais rendosos beneficios. Todos ou quasi todos pedem dinheiro ao thesouro publico, embora elle o não tenha. Só o miguelista, em vez de pedir dinheiro, está sempre prompto a dal-o.

Por muitos annos o partido do sr. D. Miguel de Bragança repartiu do seu peculio com o seu rei. Nada lhe podia dar o principe exilado; mas o partido dava ao rei vencido quanto lhe podia dar.

No decurso de meio seculo homens notaveis de todos os partidos teem apostatado da sua bandeira politica para se irem arregimentar em novas hostes. Só o miguelista tem permanecido firme, sobre as ruinas do seu passado, dando um exemplo sublime da firmeza do seu coração, da sinceridade das suas convicções.

Por isso, quem escreve estas linhas, professando o maximo respeito pelas maximas dedicações, inclina-se commovido deante do lucto que n'este momento cobre todo o partido miguelista, apesar da profunda divergência das nossas opiniões politicas.

## XIX

### O tio Praxedes perdeu

O que vae ler-se é copiado textualmente da carteira do meu amigo Eduardo Montebello.

Havia sete annos que eu estava casado, tinha já duas filhas, Rosalia e Bertha, sentia-me feliz,— feliz sem ser piegas e sem ser hypocrita, feliz para mim proprio, o que não é o mesmo que parecel-o.

No inverno, frequentava assiduamente o Gremio, uma ou outra vez ia a S. Carlos, se havia opera nova, mas, exceptuando as vezes que ia ao theatro, recolhia-me ás dez horas, passava o resto das noites em casa, em companhia de minha mulher, sentado ao pé da sua mezinha de costura, lendo, fumando, conversando, no quarto de nossas filhas, um quarto alegre e claro, ouvindo respirar as duas creanças, cujos cabellos louros pousavam

sobre a alvura das almofadas como uma grande massa de ouro, espessa e enovelada. Essa era a minha phase de marido. Mas na primavera, e ainda no principio do estio, uma alegria vivaz inundava-me o espirito; organisação excessivamente meridional, o sol alegra-me e fortalece-me. Então sentia-me ainda moço, e bom, entregava Bertha e Rosalia a minha sogra, uma avó extremosa, e fazia passeios á provincia, ás Caldas da Rainha, á Batalha, á Nazareth, a Cintra, a Thomar, íamos por ahi fóra, minha mulher e eu, descuidosos e dedicados, como dois solteiros que nos amasseemos. Então, as cousas mudavam, eu era o namorado de minha mulher.

Aconteceu, porém, que tendo chegado a Lisboa um tio de Clotilde, antigo capitão de navios, um homem de muito mundo, tendo de seu lado a lição da experiencia, francamente nos communicára a sua surpresa por ver-nos felizes, pois que na opinião do tio Praxedes, opinião que procurava comprovar com grande abundancia de factos e argumentos,—*o casamento não valia o que custava.*

Francamente, o tio Praxedes era um homem instruido, cheio de um grande bom senso, e o seu aphorismo sobre o casamento, abalou-me.

—Será esta a verdade,—perguntava eu a mim mesmo, escondendo de minha mulher este inquieto

tador pensamento,—ou serei eu um idiota chapado, que me julgo feliz sem o ser?!

Se alguem nos qualificar de idiota, não o acreditamos facilmente; mas se nós proprios nos damos essa qualificação, uma duvida atroz invade o nosso espirito. Foi o que me aconteceu.

Pensei n'isso, pensei durante muitos dias, luctei comigo mesmo, discuti com o meu *eu*, e cheguei a esta conclusão: Quando o casamento não vale o que custa, é porque nós, os maridos, o depreciamos. O casamento é como um instrumento de musica, como a minha rebeca, por exemplo: parece-me boa, nas temporadas em que faço musica; parece-me detestavel, quando a minha attenção se volta para outro lado. Ponham um *stradivarius* nas mãos d'um serrano: não se poderá ouvir; entreguem a um musico habil um violino vulgar, será delicioso. Do mesmo modo, o casamento é bom, quando eu o aprecio; o casamento é 'mau, quando eu o deprecio.

Esta é a conclusão a que cheguei. Restava-me apenas a prova experimental.

Havia dias que as amendoeiras principiavam a florir. Um bello ceu azul, cheio de um alegre sol vernal, punha no meu organismo as vibrações que me rejuvenescem. Uma ligeira pontinha de frio concorria ainda para excitar o desejo de fazer grandes passeios no campo. Nada ha que me abor-

reça tanto como as grandes calmas do estio, e todavia é esta a estação que quasi toda a gente prefere para ir fóra da terra. De repente, sem uma só palavra de antecipação, convidei minha mulher para irmos ao Bussaco.

Clotilde ficou alegriSSima. Annuiu da melhor vontade. Em Santa Apolonia, tendo n'uma das mãos uma pequena mala com roupa branca e na outra uma cestinha de *lunch*, por mim proprio preparada, disse a minha mulher o fim da nossa jornada:

—Que nós iamos ao Bussaco unicamente para verificar se o tio Praxedes mentia ou tinha razão quando dizia: *O casamento não vale o que custa.*

Clotilde, uma mulher extremamente intelligente, sorriu: havia-me comprehendido. Saltou para dentro dô wagon com a ligeireza de uma arveloa, e eu reparei, mais do que nunca, que os seus pés eram deliciosos.

Immediatamente escrevi na carteira: *As botinas do Salles valem o que custam.*

Assignei: *O contradictor do tio Praxedes.*

Clotilde quiz ver o que eu havia escripto. Leu e sorriu. Tinha-me ainda comprehendido.

Felizmente não ia mais ninguem no nosso compartimento. Propuz que principiassemos a ceiar em Santarem, e que até então recordassemos a historia dos nossos amores. Fallámos do *nossa tempo*

com uma memoria nitida, fidelissima... como se diz de D. José I. Rimos francamente. Recordei os medos que eu curti sob as ameaças de um outro tio de minha mulher, que se oppozera ao casamento, e que hoje é o melhor dos nossos amigos. Fallamos da tia Christina, cujas massadas eu aguentava, por gratidão, porque ella protegia os nossos amores. Clotilde ria da seriedade com que eu aturava a historia dos padecimentos da tia Christina, cada dia contada com peior prosodia: Que tinha muitas *áfricas* na bocca, e muitas *ásias* no estomago. Onde seria que a tia Christina mettia a Europa?!

—E agora, objectava minha mulher, está velha, mas forte: parece que se dá melhor com a Oceania!

Em Santarem, ao atravessarmos a ribeira, o luar enchia a paisagem do Tejo.

—Insultarem esta boa *lua marcelina!* dizia eu para minha mulher.

—Eu não lhe sabia o nome! respondeu Clotilde.

Ri. E, nas melhores disposições d'espirito, desdobrei sobre a almofada de oleado o guardanapo da nossa refeição. Iamos ceiar.

—Tambem fizeste *menu*, Eduardo?

—O *menu* é uma trivialidade official, e este passeio tem principalmente por fim caminhar para uma these essencialmente contraria ás praxes estabelecidas...

—Pelo tio Praxedes...

—Pelo tio Praxedes, que se propõe ser a expressão absoluta da philosophia conjugal.

—Protesto.

—Contra o que tu não protestas é contra estas *sandwichs* de vitella, que estão deliciosas. Ó lua, —e dei uma grande dentada n'uma *sandwich*, — sabes o que eu quero? —é que me não leves agora contigo *preso n'um raio dos teus...*

—Por causa das *sandwichs*?

—Não. Por tua causa.

Depois de ceiar, accendi um charuto. Sentia-me bem, muito bem. Tinha vagos sonhos de confiança no futuro; parecia-me que, graças á intervenção de Clotilde na minha vida, a desastrada estrella de toda a minha familia me não havia de prejudicar com o seu nocivo influxo.

Nenhum de nós dormira. Clotilde havia dito:

—Proponho que se não durma. Os casados dormem; os namorados, não.

E não dormimos.

Á medida que nos aproximavamos de Coimbra, a aurora ia clareando o céu. Ouvia-se uma chilreada alegre pelas arvores. Fóra, devia haver algum frio; mas nós iamos ali n'uma temperatura agradabilíssima; excellentemente. Clotilde tinha um ar fresco, juvenil. Eu sentia-me com um bom humor expansivo.

Avistando Coimbra, tivemos um grito de alegria para o Mondego, e na estação, em que aliás nos não apeiámos, vendo atravez das vidraças alguns estudantes de capa e batina, sentimos uma ligeira magua de que Deus nos não houvesse dado um filho que podesse vir a ser doutor.

Eu escrevi na carteira.

*O casamento valerá principalmente o que custa, quando valer um doutor.*

O comboyo abalou.

Quando nos apeiámos na Mealhada, a manhã accentuava-se n'uma serenidade deleitosa. Um bello ar oxygenado dilatava o peito. Ao partir da diligencia, eu comprei a uma rapariguinha um ramo de flôres campestres, que ella me offerecera, umas flôres azues e miudinhas muito parecidas com o myosotis. Pul-as no chapeu de Clotilde, entaladas entre a fita que prendia o veu, tambem azul. *Madame, le bleu vous va à ravir!* Um padre que fizera vergar as molas da diligencia ao entrar, sorriu. Eu disse-lhe que estava dentro dos canones, enflorando minha mulher. Elle cumprimentou.

Chegámos a Luso. Apeiando-se da diligencia, minha mulher, circumvagando os olhos, tomou profundamente o ar. Apontei-lhe para o Bussaco e disse:

—É elle!

Ella respondeu:

— É nosso !

Offereceram-nos burrinhos. Consultei Clotilde sobre o que devíamos fazer.

— Almoçar, e partir.

— E... dormir? balbuciei eu a medo.

— Dormir! exclamou minha mulher com desdem.

Clotilde espiritualisava-se. Os fundos matrimoniaes subiam. Sorri-me do tio Praxedes por os haver depreciado.

Mandámos fazer o jantar para as sete horas da noite. Levantei minha mulher nos braços, querendo pousal-a sobre o burrinho que a devia conduzir ao Bussaco. Sentia-a tão leve, tão flexivel, que repeti o movimento tres ou quatro vezes. Ella ria, e eu, francamente, tive pena de ter que a soltar dos meus braços.

Depois cavaluei d'um salto, agitei uma vergasta no ar, e dei o signal da partida. Os burrinhos largaram n'um chouto folgasão. Que bom!

Minha mulher ainda não tinha ido ao Bussaco, apesar dos nossos frequentes passeios fóra da terra. Ia assombrada, enlevada ao atravessar a floresta, onde os cedros gigantes e seculares pareciam reduzir as nossas pessoas a umas figurinhas lilliputianas, que a luz pallida do arvoredo banhava extranhamente de uns tons verdes, como um chuveiro de esmeraldas e malachites.

Ao sopé da capella do Calvario, os burrinhos

pararam espontaneamente. Signal para que nos apeiassemos. Subimos até á Cruz Alta, ora de mãos dadas, ora fazendo sustos um ao outro, escondendo-nos ou fingindo que escorregavamos nas fragas. No topo do monte, Clotilde teve um grito de assombro.

—Parece-me, dizia ella, que vejo o mundo todo á volta de mim!

Á noite, depois de jantarmos na hospedaria de Luso, escrevi na minha carteira esta phrase, que Clotilde teve curiosidade de ler: «O tio Praxedes pode ter sido um habil capitão de navios, mas é um detestavel philosopho.»

Rodaram mezes. Bertha e Rosalia souberam certo dia, pela manhã, que, durante a noite, uma pessoa mysteriosa tinha vindo trazer á nossa porta um menino de França. Acharam-lhe muita graça, e pediram que o baptissemos com o nome de Julio. Fez-se-lhes a vontade. Julio é o futuro doutor, que havíamos desejado ao passar por Coimbra.

## XX

### O annel de D. Leonor Telles

Acaba de publicar-se em Lisboa um opusculo com o titulo de *A historia de Portugal por J. P. Oliveira Martins e os criticos da 1.<sup>a</sup> edição*. Referindo-se a nós, n'este opusculo, escreve o sr. Oliveira Martins:

«A collecção dos meus criticos está a extinguir-se: Falta apenas um anonymo que me dizem ser o escriptor conhecido pelo nome de Alberto Pimentel. (*Diario Illustrado* n.<sup>o</sup> 2:332). Esse cavalheiro em quem a bossa do respeito avoluma ainda,—o que é mau condão para historiador, como dizem Michelet e o sr. Ramalho;—irritou-se com o modo synthetico, elle que é todo analytico, —synthetico e irreverente com que eu julguei dever tratar da historia. Abriu o livro *ao acaso*, o sr. Pimentel, e achou logo um crasso erro, infe-

lizmente verdadeiro; eu troquei os dois Joões, o Andeiro e o de Aviz na recepção do annel de Leonor Telles. Abriu o livro *ao acaso*, para poder insinuar sem o dizer,—*ex digito gigans*. Oxalá tivesse tido mais d'esses *acasos*, porque das suas emendas lucraria esta edição, como lucrou decerto com as do sr. Castello Branco. Este acudiu em minha defesa, dizendo que «ainda que o Mestre d'Aviz recebesse o annel, a sua memoria não ficaria mais denegrida: elle tem manchas que farte na historia.»

«O sr. Pimentel filia-me na *moderna eschola de historiographia*, eschola provavelmente muito honrosa, mas que, enquanto a idade já existia,—excellentissimo academico,—ahi pelos tempos de Sertorio. O sr. Pimentel, ao que parece, é da outra, da antiga. Por isso não era capaz de usar *do modo espantoso* porque a *synthetica* (é a moderna) altera a ordem chronologica; não era capaz de dizer que D. Fernando amou e não amou, e tinha e não tinha cynismo, o pobre,—elle, o infeliz rei que para todos os administradores de concelho romanticos foi um modelo que serviu para recortar Antony.»

Até aqui o sr. Oliveira Martins. Relembremos agora o que a respeito da *Historia de Portugal* escrevemos de passagem no n.º 2:332 do *Diario Illustrado*:

«O *Diario da Manhã*, de hontem, publicava em

folhetim um extracto da *Historia de Portugal*, recentemente dada a lume pelo sr. Oliveira Martins, e chamava para elle a attenção do publico n'uma local muito honrosa para este escriptor.

O nosso passeio matutino atravez do *Diario da Manhã*, fez com que fossemos logo abrir o primeiro volume da *Historia de Portugal* do sr. Oliveira Martins, que não tinhamos ainda podido folhear.

Consideramos o sr. Oliveira Martins como um homem de intelligencia, de estudo e de trabalho. Respeitamol-o muito por todas estas qualidades. Discordamos completamente das suas idéas politicas, mas isso não vem para o caso nem deve entrar como elemento na apreciação litteraria do mesmo escriptor.

Filiado na moderna escola de historiographia, o sr. Oliveira Martins toma um ponto de vista elevado, philosophico. Desprende-se, e com razão, das velhas fabulas, das tradições seculares, e crava fundo o escapello da critica no cadaver do passado. Folgamos de que se dê este passo para deante, mas o nosso entusiasmo pelos progressos das sciencias sociaes, não pôde e não deve inhibir-nos de fazer alguns reparos ao novo trabalho do sr. Oliveira Martins, no qual encontramos as qualidades mas tambem os defeitos peculiares á escola a que pertence.

Abrimos ao acaso o primeiro volume, e encontramo-nos em meio do reinado de D. Fernando. Retrocedemos algumas paginas, e procuramos o principio d'este reinado.

Pareceu-nos que o sr. Oliveira Martins errara na concepção total do caracter de D. Fernando. «D. Fernando não tinha, o ingenuo, nem ponta de cynismo.» Ser-nos-hia facil contradizêr desde já, com boas provas, esta opinião. Mas deixaremos isso para depois de fazermos uma leitura geral da obra. Tambem não concordamos com o sr. Oliveira Martins quando deixa suppor que D. Fernando não amou, no alto sentido moral d'este verbo, D. Leonor Telles, *porque só aos fortes corações é dado amar e enlouquecer*. E de passagem notaremos estas contradições no sr. Oliveira Martins:

«Foi n'esta côte que viu, e se perdeu de amores por Leonor Telles.»

«Parece, comtudo, que antes d'isto não amava, porque é proprio dos temperamentos, como era o do rei, não ter paixões.»

«Só aos fortes corações é dado amar.»

«D. Fernando não tinha essa virilidade de caracter.»

«Leonor Telles conquistou-o porque tinha o génio de um homem; e o segredo d'essa tenaz alliança não está n'uma paixão do rei, está na inversão das pessoas e dos sexos.»

Então D. Fernando, que não tinha um coração bastante forte para amar, *perde-se de amores*, quando se encontra com Leonor Telles na corte da infanta D. Beatriz, e esse amor não é amor, mas uma simples inversão das pessoas e dos sexos! Ha aqui visivel confusão na concepção do carácter do rei. Demais a mais, para nós é ponto de fé, e cuidamos poder proval-o, que D. Fernando amou até á loucura, amou até ao mais ardente extremo D. Leonor Telles. Na unica coisa em que foi forte foi no seu amor para essa mulher, parece-nos.

Á força de querer ser synthetico, o sr. Oliveira Martins perturba ás vezes, de um modo espantoso, a ordem chronologica.

Por exemplo. Vem fallando do casamento de D. Fernando com D. Leonor Telles, e diz: «Accusavam-n'a de ter preparado o assassinato da irmã pelo infante seu marido; e era publico que no meio da agitação da terceira guerra castelhana tentára matar o Mestre de Aviz, forjando para tanto um falso alvará.»

O ultimo d'estes factos, especialmente, deu-se pouco tempo antes da morte de D. Fernando, e quanto ao alvará, não foi um, foram dois. Mas isto são meros pormenores.

Tratemos agora de um ponto mais sério, que, a ser como o sr. Oliveira Martins o historiou,

poria uma grande nodoa no caracter do Mestre de Aviz.

Escreve o sr. Oliveira Martins:

«Falhára a tentativa de assassinato do Mestre de Aviz, e esse homem em que antevia o seu futuro émulo,—porque o outro, o cunhado, andava, já perdido e homiziado por Castella,—necessitava trazel-o a si por qualquer arte. Chamou-o ao paço sentou-o á meza, ao seu lado: *João, toma este annel* disse-lhe, tirando-o do dedo e offerecendo-lh'o. O Mestre era muito novo ainda, e simples, como foi sempre. *Não tomarei*, responde, recusando. *Porque?*—*Porque hei medo que digam de ambos.* A rainha, insistindo, a rir cruelmente, em voz alta, dá-lhe o annel: *Toma tu o que eu te dou, e diga cada um que quizer.* Os ouvintes ficaram escandalizados das palavras da rainha, e do Mestre receber o annel; e murmuravam.»

Ora isto é perfeitamente inexacto. A quem Leonor Telles deu o annel foi ao conde D. João Fernandes Andeiro. O Mestre de Aviz e Gonçalo Vasques de Azevedo tinham saído do carcere; foram convidados a jantar com a rainha, e no fin do jantar foi que essa escandalosa scena se deu.

Mas, para mostrar que não estamos contestando com o proposito de depreciar acintosamente a obra

do sr. Oliveira Martins, vamos dar as proprias palavras de Fernam Lopes, que é a melhor auctoridade, reconhecida como tal pelo sr. Oliveira Martins.

Diz F. Lopes:

«Acabado o jantar, trouverom a fruta, e a Rainha começou de fallar nas joyas que tiynha, e quanto lhe custarom, gabamdoas muyto; e o *comde* alçousse da mesa ficando os outros assemtados, e chegousse a par da cama homde a Rainha estava aa mesma, e ella tirou hum anel que tiynha no dedo, dhum rubi que dizia que era de grām preço, e temdeo a maño com elle, e disse ao *comde* em guisa que o ouvirom todos: «Johane, toma este anel.» «Nom tomarei, disse el.» «Por que, dice ella?» «Senhora, dice el, por que ei medo que digam dambos.» «Toma tu o que te eu dou, dice ella, e diga cada huum o que quizer»: e elle tomouho, e posseo no dedo; e o *mestre* e aos outros que hi estavom, nom lhes pareçeo bem esta cousa, e teverom aquellas por muy maas razões.»

(*Chronica d'el-rei D. Fernando, capitulo CXLVI.*)

Como se vê, o Mestre de Aviz não representou n'esta scena de baixo imperio; assistiu humilhado a ella. É claro que a rainha quiz apenas vexar o

Mestre e fazer-lhe sentir, depois de lhe ter dado a lição do carcere, de o haver ameaçado com a morte, que fosse qual fosse o escandalo dos seus amores com o conde Andeiro, só lhe cumpria ver e calar.

Ficamos por aqui, e vamos concluir a leitura, asseverando ao sr. Oliveira Martins mais uma vez o nosso respeito pelo seu talento, estudo e trabalho.

Pouco se nos offerece agora para dizer.

O sr. Oliveira Martins mette á bulha a nossa bossa respeitosa, e não sabemos para que,—porque não podêmos nem devemos suspeitar que o faça por havermos respeitado s. ex.<sup>a</sup> no ligeiro artigo que publicámos, e em que nos apressamos a declarar que consideravamos o sr. Oliveira Martins como um homem de intelligencia, de estudo e de trabalho. Esta é ainda hoje, mais do que nunca, a nossa humilde opinião.

O sr. Oliveira Martins não quer acreditar que abrissemos o livro *ao acaso*, e a este respeito parece pôr em duvida a nossa boa fé. Pois foi ao acaso que o abrimos, e se acertámos encontrar a passagem do annel de D. Leonor Telles, não foi porque esmerilhassemos, movidos de qualquer animosidade contra o sr. Oliveira Martins. N'este caso, a insinuação de s. ex.<sup>a</sup> não nos fere, porque é injusta.

Dissemos o que entendiamos, e faziamos tenção de voltar ao assumpto. Não nol-o consentiu, porém, esta agitada e laboriosa vida da imprensa periodica, em que militamos. Alguns dias depois ouvimos dizer que tinha sido emendada a passagem do annel mesmo na primeira edição. Se por um lado ficámos bem com a nossa consciencia, porque tínhamos feito um reparo justo, por outro lado maguou-nos que partisse de nós essa pequena contrariedade, a ser exacto o que nos disseram, o que aliás nunca nos démos ao trabalho de verificar.

Não sabemos se este facto involuntario produziu algum ligeiro resentimento no animo do sr. Oliveira Martins. Suppomos que não, ainda que s. ex.<sup>a</sup> parece dirigir-nos ironicamente a denominação de *administrador de concelho, romantico*. A este respeito, ex.<sup>mo</sup> sr., apenas uma observação: já não eramos administrador de concelho quando encontramos o malfadado annel de D. Leonor Telles. E quer saber porque o não eramos? Justamente por sermos *realista* e termos visto as coisas como elles são... Já vê que não podíamos ter Antony por ideal. A ironia, se a ha, não nos acerta.

Quanto ao annel da rainha, o que é certo é que, n'esse ponto, o sr. Oliveira Martins leu mal Fernam Lopes. Ora como esse episodio fôra aproveitado como um traço caracteristico, segue-se que esse traço caracteristico era falso. Outros haverá talvez

menos lisonjeiros para o caracter do Mestre de Aviz, e historicamente verdadeiros. Isto não é para agora. Mas aquelle tinha sido indevidamente citado, como o proprio sr. Oliveira Martins reconheceu no seu opusculo. Portanto fomos justo.

## XXI

### O Chiado

Nada mais parecido com o sistema de ruas de uma grande cidade do que o mecanismo da circulação do corpo humano.

Todas as cidades teem o seu coração, o orgão central aonde convergem todos os elementos de actividade e de vida. O coração de Lisboa é o Chiado, e a rede de ruas que lhe ficam proximas é como uma grande membrana que o envolve, — o seu pericardio.

De todos os pontos da capital affluem ao Chiado os seus habitantes, como de todas as partes do corpo humano afflue ao coração o sangue venoso. Do Chiado, a população de Lisboa entra nas arterias pulmonares para operar a sua hematose elegante, para expurgar toda a sua *gaucherie* dos bairros affastados, como o sangue negro se purifica ao contacto do ar nas cellulas do pulmão.

Depois de se haver vivificado em virtude d'esta serie de operações, em verdade muito similhantes ás do apparelho circulatorio, depois de se ter dado o ar lisboeta, como o sangue se torna arterial á saida dos pulmões; o habitante de Lisboa espraia-se com novo aspecto pelas ruas da cidade, que vae animar com a sua presença, como o sangue des- cendo pela aorta percorre todas as ramificações das arterias e das veias, realisa, n'uma palavra, o phenomeno da grande circulação do corpo humano.

Vindo dos seus bairros longinquos, da Lapa, de S. Sebastião da Pedreira, do Castello, das Janelias Verdes etc., saindo de suas casas, os habitantes de Lisboa caminham a passo lento, teem o ar pachorrento, *cendrillon*, caseiro, *gauche*. Mas, entrando no coração da cidade, readquirem actividade, força, alegria, o que se pode explicar ainda por um phenomeno da circulação: que o curso do sangue arterial é mais rapido que o do sangue venoso.

Debaixo do ponto de vista politico, o Terreiro do Paço é o pulso de Lisboa.

Sabe-se que as contracções dos ventriculos se fazem sentir em toda a arvore arterial determinando o movimento vibratorio que se chama *pulso*. O pulso é o indicador da vida. Assim todos os phenomenos pathologicos da politica portugueza, a clorose dos ministerios, as syncopes chamadas

*crises*, as raras hypertrophias de popularidade, os frequentes embaraços gastricos das finanças, n'uma palavra, todos os desarranjos da economia governativa de Portugal se manifestam immediatamente no pulso d'esse grande braço que se chama a ar-cada do Terreiro do Paço.

Na função digestiva de Lisboa, o commercio corresponde perfeitamente aos motores que produzem o trabalho do chymo. As secretarias de estado são o duodenum onde o suco pancreático que dimana do Thesouro Publico emulsiona tudo o que possa haver de gordura nas rações do orçamento. Toda a massa chymosa da capital tem estas duas origens. Os theatros, os bailes, os banhos de mar, as corridas de cavallos, as toiradas, Cintra, o jogo, o luxo, as loterias absorvem, como os vasos chyliferos, todos os elementos nutritivos de Lisboa.

Debaixo do ponto de vista da hygiene, toda a parte de Lisboa que orla o Tejo constitue o seu intestino grosso, de que o Aterro é a ultima parte, chamada rectum, sendo o caneiro de Alcantara o musculo extremo do rectum, o sphincter. Todos os annos, pelo verão, os encarregados de vigiar pela saude publica de Lisboa vão metter o nariz no caneiro de Alcantara, e todos os annos adquirem a certeza de que ali é com effeito o ponto d'onde os typhos irradiam e onde o residuo do chymo se corrompe.

S. Carlos é a larynge de Lisboa. As cordas vocaes d'este orgão da capital são o subsidio do governo e o furor do *dilettantismo*. A vibração d'estas cordas produz a opera. No fim de março, enquanto estamos como que deglutindo as recordações das *prima-donnas* e dos *tenores*, a primavera, similhante á epiglotta, fecha a larynge de S. Carlos. Lisboa passa então a ser uma cidade sem voz. Eis o seu estado no momento actual.

No Chiado está, com efeito, todo o movimento cardiaco de Lisboa. É a rua que embasbaca mais o provinciano, pela sua animação e concorrença. E com razão. Toda a gente que transita durante um anno pelas ruas de Freixo de Espada á Cinta por exemplo, é inferior em numero á que passa no Chiado durante uma hora. De mais a mais é o *rendez-vous* da mocidade *marialva*, e o local das primeiras modistas. Estar no Chiado, ser do Chiado, conhecê-lo e ser conhecido ali, carece d'um verbo que designe todos estes factos. Esse verbo pode ser este—*Chiadar*.

Anda uma certa legenda de extravagancia e de vida airada presa ao nome d'esta rua, pelo menos desde o seculo XVI. Ali viveu um frade franciscano, folgasão e poeta, Antonio Ribeiro, que suciou com Luiz de Camões, e a quem o nome da rua deu a alcunha de *Chiado*. Este patusco que rasgou o hábito monastico, com mão nervosa, nas excitações

alcoolicas e nas grandes bambochas do seu tempo, pode ser considerado como um symbolo da rua que lhe deu o nome.

Debaixo d'este ponto de vista foi talvez que o sr. Paulo Midosi censurou que se mudasse em *Garrett* o nome de *Chiado*. Mas Garrett é tambem por sua vez um symbolo da vida elegante de ha quarenta annos, das aventuras de *coupé*, das galanterias das alcovas perfumadas a opoponax, era tambem um poeta, em cuja lyra palpitavam todas as seduções romanticas do seu tempo. Elle tinha, como poucos, o sentimento da vida moderna, elle foi talvez um dos primeiros que comprehenderam a alta importancia d'esta instituição social chamada o *botiquim*—como se vê das *Viagens na minha terra*,—comprehendeu de um modo nitido e delicado que o *botiquim* alimenta a vida do cerebro pela discussão sobre o marmore das mezas, pelo uso do café, do alcool e do tabaco, comprehendeu que o *botiquim* é um como prolongamento da meza do jantar, com a diferença de que a familia passa a ser substituida pelos amigos, e as colheres de prata passam a ter uma inicial diferente da nossa. Garrett, sob este ponto de vista, não pode deixar de ser um symbolo. Por isso não censuramos o nome moderno que pozeram ao *Chiado*. Mas dessem-lhe o nome que quizessem, por mais disparatado que fosse, o sitio continuaria a ter a

importancia ethologica que tem, Lisboa inteira continuaria a passar por ali, a pisar o asphalto, a a encostar-se ás *montres*, a *chiadar*, n'uma palavra, sem olhar para o letreiro das esquinas, tendo a consciencia de que estava no Chiado estando ali, ainda mesmo que um zelador municipal tivesse o encargo de avisar os transeuntes, em voz alta, quando descessem ou subissem o Chiado, de que a rua acabava de receber outro nome.

E assim como um official persa não fazia senão dizer ao ouvido do seu general: *Dario, lembra-te dos athenienses!* um genio invisivel, este lepidoptero imponderavel que se chama a *tradição*, viria roçar-se pela orelha de quantos andassem chia-dando para dizer-lhes de passagem: «*Lembra-te que estás no Chiado, ó tu!*»

\*

\* \* \*

Pelo Chiado, passa Lisboa inteira, de modo que se eu me propozesse descrever todos os que passam pelo Chiado, haveria conseguido metter o Rocio na Bitesga, problema que, em verdade, não me proponho resolver.

Mas não me dispenso todavia de procurar descrever em dois traços a grande animação d'essa rua tão profundamente caracteristica, onde a po-

pulação da capital se enovelava todos os dias n'um vae-vem continuo, golphando como duas ondas que se chocam, uma que sobe outra que desce, encontrando-se algumas vezes os mortos com os vivos, porque não raro uma berlinda passa, caminho do cemiterio, por entre a população que transita no Chiado, conduzindo um morto através da animação, da concorrência dos vivos, como uma pungente ironia da natureza atirada para o fluxo e refluxo dos ephemeros que se acotovellam...

O proletario esfarrapado e immundo, o parasita pelintra que vive á sombra das esmolas dos *mariavas*, vê passar por deante de si a carruagem do ministro de estado, choutando á portinhola o correio de *bonnet* agaloado, e dar-se-ha por extremamente feliz se o conselheiro da corôa atirar fóra a ponta do seu charuto no momento de passar...

Os empregados publicos, cheios de má vontade, presos ao mecanismo da burocracia com a repugnancia da azemola que descreve círculos fastidiosos puxando á nora, olham com inveja para aqueles que encostados á porta da casa Baltresqui e da casa Garrett tencionam empobrecer antes de passarem por esta grande tortura do espirito humano que se chama—*copiar uma minuta*. Porque, em verdade, nenhum supplicio ha maior do que ter a gente que sair todos os dias com a sua sobrecasaca e a sua calligraphia, para pôr uma á

disposição do pó da banca e a outra á disposição das necessidades da correspondencia official, tendo a certeza de que ha de por força enfiar no braço direito uma manga de alpaca e no bico da penna as melhores iniciaes que podem abrir um officio.

Depois, nos dias de bom sol inverniço, quando o empregado publico vê parados, gordos, córados, de bigode bem tratado, cabelleira romantica, em alegre grupo, á esquina da rua Nova dos Martires, os cantores de S. Carlos, o tenor fulano e o barytono sicrano, pessoas felizes que atravessam o mundo comendo bem e amando melhor, um pensamento de colera perpassa no espirito d'esse pobre burocrata que recebe para as despezas de todo o anno aquillo que os artistas da opera recebem para os gosos de um mez, e que por sua parte contribue para a harmonia dos serviços publicos tão poderosamente como esses ditosos cantores contribuem para a harmonia das *partituras*.

O Chiado, como todos os logares onde a vida elegante faz *etalage*, é o suppicio de Tantalo para todos os que gravitam n'uma esphera inferior. Ali estão reunidos os grandes *hoteis*, os grandes *magasins*, os primeiros ourives, as modistas de maior nomeada, os estancos que possuem charutos inacessiveis ao commun da humanidade.

Ás sete horas da noite, a claridade alegre dos *hoteis* parece descer até illuminar interiormente o

estomago de todos aquelles que jantaram mal. Esses taes devem vêr bem, a essa luz cruel, o magro jantar que estão digerindo, a sua açorda com azeite, os seus carapaus e o seu decilitro, e sentir por ventura no estomago, como a picada d'uma agulha, o acume das ironias percuentes que as janellas do *hotel* parece despedirem lá de cima com as suas flechas luminosas.

A *grisette* esfomeada, esqueletica, tendo por horizonte uma enfermaria do hospital de S. José, e por familia a sua mãe e o seu gato, sente o coração retalhado pelas garras de um estranho abutre quando pára deante da *montre* do Mourão ou dos irmãos Leitões, porque todos esses objectos de ouro, em que as pedras preciosas reluzem com um brilho felino, teem para ella phrases pungentes, ironias amargas, espinhos que parece penetrarem-lhe na carne, agudos como bicos de alfinetes, ardentes como gottas de metal em fusão.

Depois, quando passa por ella, no seu passinho curto, gingado, provocante uma *cocotte* que parece quebrar pela cintura dentro das compressas do seu collete, mostrando um pé bem calçado, um sapato de laço, uma meia de seda, deixando atraz de si uma nuvem de essencia de violeta, a *grisette* faminta que a vê dirigir-se para S. Carlos, para a Trindade ou para o Gymnasio, e que se lembra de que vae encontrar em casa a mãe rabujenta, o

gato casmurro, e um punhado de favas para a ceia, que de repente se recorda de que ainda vae acabar um *bico de obra* para ter que jantar no dia seguinte, a pobre *grisette* sente um grande desalento, um profundo desanimo, e começa a philosophar comsigo: Que ha de deixar de passar pelo Chiado, onde ninguem lhe larga *piadinhas* brégeiras, porque as guardam para as mulheres bem vestidas, para as mulheres bem feitas, e porque o vel-as passar a incommoda, a molesta, e lhe faz pensar vagamente no fundo do Tejo...

Então essa pobre *grisette* resolverá subir ao bairro alto pela calçada do Carmo, para evitar o Chiado, e porque, passando pelo quartel da guarda municipal, os soldados de que ordinariamente ha sempre um grupo, áquella hora, encostados á grade de ferro da rua da Condessa, lhe dirão ao menos alguma coisa, uma graçola qualquer, pois que perante os soldados da guarda—ainda bem!—todas as mulheres são eguaes.

Mas—diacho!—se no theatro da Trindade ha espectaculo, se os candelabros estão accêsesos, se as janellas estão illuminadas, ainda ali, no largo do Carmo, parece persegui-l-a o espetro do Chiado, porque áquella hora, as mulheres do Chiado, de grandes chapeus de pluma preta, pó de arroz nas faces, capas brancas ou encarnadas e luvas de seis botões, começam a entrar no balcão, arrastando

as cadeiras com força, para que se dê pela sua chegada, e deixando-se cair depois nos *fauteuils* com desdem, parecendo não ver nada e vendo tudo, vendo principalmente que são vistas...

E a *grisette* fugida do Chiado bem sabe que no balcão da Trindade cada logar custa uma tolice e sete tostões, e ella, que tem a consciencia de ter feito tolices, nunca recebeu sete tostões de ninguem a não ser da modista para quem trabalha...

Ella amaldiçôa o Chiado.

## XXII

### Camões e Lisboa

A naturalidade de Luiz de Camões não é ponto nitidamente averiguado ainda. É certo que o licenciado Manuel Correia o dá como nascido e criado em Lisboa, mas eu peço licença para pôr em duvida a auctoridade de Manuel Correia, o qual, não obstante haver-se inculcado como amigo de Camões, teve a ingenuidade de dizer no commento á est. CLV do canto x: «*Para servir-vos braço.* Isto diz porque foi muito tempo soldado na India. *E dizem pessoas de credito que o conheceram,* das quaes inda hoje vivem muitas, que foi homem de espirito, e que em todas as occasiões de guerra, que se achou, deu de si muito boa conta.» Para que se reporta Manuel Correia ao testimonho de estranhos, se em nome da sua mesma auctoridade podia fallar? As linhas citadas deixam no meu

espirito a suspeita de que Manuel Correia quiz vangloriar-se de privar com Luiz de Camões, sem todavia o conhecer de perto.

O registo da Casa da India, achado por Faria e Sousa, não prova senão que os paes do poeta residiam em Lisboa, á Mouraria, no tempo em que elle, tendo 25 annos de idade, se alistou para ir servir no Oriente. Quanto ao nascimento de Camões, nada adeanta o achado.

Não obstante a declaração de Manuel Correia, Alemquer, Santarem e Coimbra disputaram a Lisboa a naturalidade de Camões. Pelo que toca a Alemquer, merece o caso attenção especial.

O terceiro avô do poeta, Vasco Pires de Camões, foi alcaide-mór em Alemquer. Nas circumvisinhanças d'esta villa, ainda no seculo passado uma quinta conservava o nome de Camões.

Na est. LXI do canto III dos *Lusiadas* ha uma commemoração que ress umbra saudade, e denuncia exacto conhecimento das localidades a que se refere:

Obidos, Alemquer, por onde soa  
O tom das frescas aguas entre as pedras,  
Que murmurando lava, e Torres Vedras.

Na sua *Memoria* sobre Alemquer, escreve o sr. Guilherme João Carlos Henriques, da casa da Carnota: «O que é innegavel é que o poeta consa-

grava um grande affecto a esta terra. O nascer em qualquer sitio pode ser filho do acaso. Uma viagem, um negocio, qualquer das peripecias da vida, pode fazer com que o homem veja pela primeira vez a luz do dia, n'uma terra bem longe do seu solar. Mas a naturalidade do sentimento, o amor a uma terra, resultado das horas felizes que lá temos passado, e de todas as recordações sympathicas de que a vida está cercada, essa depende do sentimento individual e é essa a naturalidade que podêmor affoitamente reclamar para Luiz de Camões. Esse rio,

..... onde soa  
 •O tom das frescas aguas entre as pedras,  
 •Que murmurando lava....

Eu, n'este ponto, vou ainda alem do author da *Memoria* sobre Alemquer. Eu quero que, de facto, o poeta lá nascesse.<sup>1</sup>

O soneto C dizia assim:

<sup>1</sup> No *Almanach Camões* para 1881, o sr. Pinheiro Chagas escreveu: «Esta ultima terra (Alemquer) tem um grande numero de partidarios, entre os quaes acabo de vêr, com grande surpresa minha, o sr. Alberto Pimentel, que estudou alias com muita consciencia a vida e as obras do poeta.»

Pois que o nosso amigo Pinheiro Chagas nos perdôe, mas ainda damos á nossa caturrice as honras de segunda edição.

No mundo poucos annos e cansados  
 Vivi, cheios de vil miseria e dura:  
 Foi-me tão cedo a luz do dia escura,  
 Que não vi cinco lustros acabados.

Corri terras e mares apartados  
 Buscando á vida algum remedio ou cura:  
 Mas aquillo que, emsím, não dá ventura  
 Não o dão os trabalhos arriscados.

*Greou-me Portugal na verde e cara  
 Patria minha Alemquer; mas, ar corruto,  
 Que n'este meu terreno vaso tinha,*

Me fez manjar de peixes em ti, bruto  
 Mar, que bates a Abassia fera e avara,  
*Tão longe da ditosa patria minha.*

Faria e Sousa, commentando este soneto, desata a chamar nomes feios a todos quantos escriptores o interpretáram como relativo a Camões, e allusivo á sua naturalidade. Mas os argumentos de que Faria e Sousa se serve são de cabo d'esquadra.

*Primeiro.*—Que no soneto se falla em poucos annos, vinte e cinco apenas, e que o poeta *continuamente se queixa de viver muitos*. Hoje chamar-se-ia a isto uma *calinada*. O poeta não podia queixar-se senão da idade que tinha, não podia decerto queixar-se aos vinte e cinco annos de ter... mais de vinte e cinco.

*Segundo.*—Que o poeta não morreu no mar da

Arabia, mas em Lisboa, e que *se o poeta escreveu este soneto á sua morte, depois de morto o escreveu.* Não merece replica.

Havendo dito que este soneto é claro como uma *girandula ou mil arandelas de luzes*, acaba por dizer que nunca poude entender a quem se referisse; se não se tratasse de uma doença, *ar corrupto do terreno vaso*, declara Faria e Sousa que poderia ser allusivo a Ruy Dias, que Affonso de Albuquerque mandou matar por ter seduzido uma escrava (Vide *Lus.*, canto x, est. 45 e seg.)

Francamente, todos os epithetos que Faria e Sousa desembésta, podem ajustar-me. Quanto mais leio o soneto C, mais me capacito de que elle se refere ao próprio poeta. Como se vê do registo da Casa da India, quando Camões se alistou em 1550 tinha vinte e cinco annos de idade, isto é, *cinco lustros*. Só embarcou, porem, em março de 1553, quando teria 27 annos ou pouco mais. Chegado ao seu destino, embarcou por ordem do governador na armada que devia cruzar no mar das Indias, chegando até

Aonde um braço d'alto mar reparte  
A *Abassia* da *Arabica* asperesa.

De quanto ali padeceu de corpo e alma, ha larga noticia em toda a canção x:

Aqui me achei gastando uns tristes dias,  
 Tristes, forçados, maus e solitarios,  
 De trabalho, de dôr e d'ira cheios:  
 Não tendo tão sómente por contrarios  
 Á vida, o sol ardente, as aguas frias,  
 Os ares grossos, fervidos e feios,  
 Mas os meus pensamentos...

Ahi, só com a lembrança da mulher amada se  
 achava *seguro e forte*

Contra o rosto feroz da *fera morte*.

Nada repugna acreditar que por effeito de doença corporal e desalento de espirito compozesse ahi o soneto C na hypothese de morte proxima, como se escrevesse o proprio epitaphio, á similhança do que outros poetas fizeram. Sómente, como devesse morrer no mar, e o seu cadaver *ser manjar de peixes*, não deu á composição a genuina feição de epitaphio.

Resta só fixar a attenção sobre os ultimos dois versos do primeiro quarteto:

Foi-me tão cedo a luz do dia escura,  
 Que não vi cinco lustros acabados.

É preciso observar que Luiz de Camões vae recordando a sua vida passada até ao primeiro terceto, e não achamos natural que no primeiro

quarteto nos dêsse noticia da sua morte para depois continuar a fazer a historia dos trabalhos e soffrimentos da sua existencia. Alem do que, o poeta falla de uma luz que empallideceu, *foi-me tão cedo a luz do dia escura*, quando ainda não tinha completado vinte e cinco annos. Se alludisse á morte, uzaria de uma expressão mais firme e decisiva, como quando no cant. III dos *Lusiadas*, est. 21.<sup>a</sup> escreve: «*Acabe-se esta luz ali comigo.*»

Ora Luiz de Camões, que nascera no fim do anno de 1524 ou durante o de 1525, como se prova pelo registo da Casa da India, devia ter embarcado para Ceuta em 1547. Por lá demorou dois annos:

Nenhum remedio a meus danos  
 Vejo por alguma via,  
 Senão vendo aquelle dia  
 Que ha de ser fim de *dous annos*.

Foi em Ceuta ou em caminho de Ceuta que cegou n'um combate, como se deprehende da canção XI. Tinha então cinco lustros *não acabados*. Os dois ultimos versos do primeiro quarteto do soneto C parecem-nos pois uma referencia á cegueira do olho direito, referencia que naturalmente ocorre quando está recordando os trabalhos passados.

Tal é a nossa humilde opinião francamente exposta.

Nada obstante o que deixamos referido, é certo que Luiz de Camões tinha uma grande predilecção por Lisboa, a terra onde havia passado parte da mocidade. Lisboa havia sido o theatro das suas aventuras amorosas. Na India lembrava com viva saudade *as falsidades de um rostinho de tauzia de uma dama lisbonense, que chia como um pucarinho novo com agua*. Da Africa escrevia a um amigo dizendo-lhe:

Gabaes esta vida cá  
E desgabaes-me Lisboa,  
Eu dera esta vida boa  
A troco d'ess'outra má.

Partindo para a India, e sem embargo das saudades que levaria de Catharina de Athayde, não deixa de enviar um ultimo adeus ás damas de Lisboa:

Eu me aparto de vós, nymphas do Tejo,  
Quando menos temia esta partida.

Ás nymphas do Tejo, ás tágides, se dirige por muitas vezes:

Moradoras gentis e delicadas  
Do claro e aureo Tejo...

A elas pede a inspiração, a nota épica, quando se propõe cantar os altos feitos dos portuguezes:

E vós, Tagides minhas, pois creado  
 Tendes em mim um novo engenho ardente,  
 Se sempre em verso humilde celebrado  
 Foi de mim vosso rio alegremente:  
 Dae-me agora um som alto, e sublimado,  
 Um estylo grandiloquo, etc.

No canto VII dos *Luziadas*, ás nymphas do Tejo  
 requer (est. 78 e seguintes) que o ajudem na ta-  
 refa que se impoz, e se queixa do desamor d'aquel-  
 les que, pelos haver cantado, o deviam honrar com  
*capellas de louro*.

Lisboa é para Camões a mais bella das cidades:

E tu, nobre Lisboa, que no mundo  
 Facilmente das outras és princesa...

É tambem a mais illustre:

E já no porto da *inclyta Ulyssea*,  
 C'um alvoroço nobre, e c'um desejo  
 (Onde o licor mistura, e branca areia  
 Co'o salgado Neptuno o doce Tejo).

Alem de bella e illustre, Lisboa é uma cidade  
 valorosa:

Que cidade tão forte por ventura  
 Haverá que resista, se Lisboa  
 Não pode resistir...?

A origem de Lisboa não é esquecida nos *Luziadas*:

Ulysses é, o que faz a santa casa  
 Á deusa, que lhe dá lingua facunda;  
 Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,  
 Cá na Europa Lisboa ingente funda.

As allusões ao Tejo são numerosíssimas, e sempre saudosas:

Brandas aguas do Tejo que, passando  
 Por estes verdes campos que regais.

(*Soneto 108.*)

Em um batel que com doce meneio  
 O aurifero Tejo dividia...

(*Soneto 309.*)

Formoso Tejo meu quão diferente  
 Te vejo e vi...

(*Soneto 333.*)

Nos largos campos do famoso Tejo

(*Egloga XI.*)

Que veja e saiba o mundo que do Tejo  
 O licor de Aganippe corre, e mana.

(*Luz., cant. III, estancia 3.<sup>a</sup>*)

Do Tejo logra as aguas abundantes

(*Luz., Canto IV, est. 23.<sup>a</sup>*)

..... campos abundosos  
 Do rico Tejo.....

(*Luz., Canto VII, est. 70.<sup>a</sup>*)

Da serra de Cintra ha saudosas recordações nos  
*Luziadas*:

Já a vista pouco e pouco se desterra  
D'aquelles patrios montes, que ficavam:  
Ficava o caro Tejo, e a fresca serra  
De Cintra, e n'ella os olhos se alongavam.

(*Cant. V, estancia 3.<sup>a</sup>*)

Cintra, onde as Naiades escondidas  
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço,  
Onde Amor as enreda brandamente,  
Nas aguas accendendo fogo ardente.

(*Cant. III, estancia 61.<sup>a</sup>*)

Do que deixamos dito parece deprehender-se  
que se Alemquer seria a terra natal do poeta, Lis-  
boa era a cidade querida da sua saudade e do seu  
coração, aquella que dava á sua lyra um nobre  
enthusiasmo e a elle um justo orgulho de haver  
nascido portuguez.

## XXIII

### Os Lusiadas

Camões é o Alexandre Magno da penna. Elle completa pela palavra humana, pelo encanto da poesia, pela grandeza da epopea, a obra que o filho de Filipe da Macedonia havia emprehendido pela espada. Attrae o Oriente ao Occidente, conquista a Asia para a Europa, fallando á imaginação. Os portuguezes, diz pouco mais ou menos Edgar Quinet, figuram por um momento na historia, e esse momento de esplendor é justamente dado por um só poeta, por um só livro. Este poeta é Camões, este livro são os *Luziadas*. Quinet tem razão. Camões faz vibrar a corda do entusiasmo engrandecendo as façanhas do espirito descobridor portuguez. O mar, poetisado por elle, perde os seus horrores tradicionaes, lendarios. Volve-se no caminho aventuroso da Aurora, na estrada aquosa, cheia de incidentes romanticos, que con-

duz ás regiões do sol e do oiro. Dobrar o Cabo da Boa Esperança, depois de publicada a epopéa de Camões, é uma tentação gloriosa. O perigo fica compensado pela grandeza do commettimento. Essa passagem difficultável representa mais que nunca a lucta do homem com a natureza, personificada no fero gigante Adamastor. A esplendida narração de Camões, n'esse episodio do poema, dá ao leitor a justa comprehensão da sua missão sobre a terra. «Com o mundo, escreveu Michelet, começou uma guerra que deve acabar com o mundo, e não antes; a do homem contra a natureza, do espirito contra a materia, da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra causa mais do que a narração d'esta interminavel lucta.» Dada a demonstração de que uma nação comprehendera que podia dominar todo o mundo, resolvendo-se a conquistar o palmo a palmo, por mar ou por terra, por mar vencendo as syrtes e os monstros, por terra os indigenas e as feras, essa nação devia forçosamente attingir um momento de esplendor na historia geral do mundo, entre as mais avantajadas nações. Esse momento attingiram-n'o os portuguezes; é precisamente aquelle a que Edgar Quinet se refere. Quem o proporcionou foi Camões. O instrumento de que se serviu para a aquisição d'essa grande conquista moral foi a palavra humana,—a epopéa.

Nos *Luziadas*, o mar tenebroso, que no tempo do infante D. Henrique os marinheiros portuguezes temiam como a mysteriosa voragem, horrissados com a terrivel legenda que punha em duvida o regresso para aquelles que passassem o cabo de *Nam*; o mar, que, n'essa mesma época, só foi explorado ao longo da costa occidental da Africa, á força de estimulos de dinheiro e mercês com que o solitario de Sagres espicaçava a coragem dos seus navegadores; o mar, rasgado esse negro véu que era como que o panno de bocca de um theatro desconhecido, apparece nos *Luziadas* em toda a vastidão do seu tablado, ladeado por bastidores em que a flora e a fauna do oriente punham a mais formosa ornamentaçao dos seus productos, transforma-se no theatro de acção dos portuguezes, no palco enorme onde um povo valoroso e sabio representára o gigantesco drama das suas aventuras maritimas.

As bellas ilhas deleitosas, como a dos *Namorados* ou dos *Amores*, porventura a de Zanzibar <sup>1</sup>, distendem-se como n'um largo quadro traçado pela mão de um pintor immortal:

<sup>1</sup> Quando este artigo foi publicado pela primeira vez, ainda não tinha sido dada a lume *A flora dos Luziadas*, do sr. conde de Ficalho, em que a opinião de José Gomes Monteiro sobre a *Ilha dos Amores* é refutada.

N'um valle ameno, que os outeiros fende  
 Vinham as claras aguas ajuntar-se,  
 Onde uma mesa fazem, que se estende  
 Tão bella, quanto pôde imaginar-se:  
 Arvoredo gentil sobre ella pende,  
 Como que prompto está para affeitar-se,  
 Vendo-se no crystal resplandecente,  
 Que em si o está pintando propriamente.

Mil arvores estão ao ceu subindo  
 Com pomos odoriferos e bellos:  
 A laranjeira tem no fructo lindo  
 A côr, que tinha Daphne nos cabellos.

.....

O mundo inteiro fica assombrado ao lêr a noticia  
 pittoresca d'estas formosas terras até ahi ignoradas. Quem as descortinou, porém? Os portuguezes. Quem as reproduziu na tela da epopéa? Um portuguez: Camões. Portanto, espontaneamente brota no coração do mundo todo um grande sentimento de admiração, um profundo culto respeitoso por esse povo excepcional que para cantar navegadores tão audaciosos teve um poeta condigno, e porventura ainda maior que elles. Portugal occupa desde esse momento o primeiro plano na historia dos povos civilisados. É a sua apotheose, devida á epopéa. A imaginação européa deixa-se arrastar por essa fascinação oriental, que Luiz de Camões sabe pôr em acção, a velha Europa estende os braços para a Asia, na direcção que o poeta

lhe indica, e desde esse momento a Persia, a India, a China, deixam de ter mysterios para nós, uma sciencia nova vae germinar, é o orientalismo; a obra de Alexandre Magno, a obra da espada, completa-se pela obra da penna, a obra de Camões.

Eis aqui seguramente a razão por que o poema dos *Luziadas* se consubstancia inteiramente com a nossa nacionalidade. Por elle entramos na historia, com elle estamos na historia. Foi o poderoso vehiculo da nossa gloria, a affirmação esplendida da nossa existencia autonoma. Quem viaja *pelos mares nunca d'antes navegados* não é apenas Vasco da Gama e os seus companheiros. Vasco, no poema, é simplesmente um pretexto. Na opinião do poeta, elle tem ainda que agradecer ás musas o ocupar na epopéa um logar de honra (Est. XCIX, canto v). Quem *passa ainda alem da Taprobana*, quem faz de Portugal o *alto imperio que o sol*

...logo em nascendo vê primeiro,  
Vê-o tambem no meio do hemispherio,  
E quando desce o deixa derradeiro

é a grande alma portugueza, o espirito nacional na sua collectividade forte e audaciosa, é a nação inteira, com as suas *armas* e os seus *barões em perigos e guerras exforçados*. Esta corrente domi-

nadora que nos impellia para o oceano, como para o privativo theatro assignalado á nossa gloria, é anterior a Vasco da Gama e posterior a elle. Começa a fazer-se sentir na dynastia affonsina, anuncia-se durante os reinados de D. Diniz e de D. Affonso IV, accentua-se fortemente no tempo do infante D. Henrique, engrossa torrencialmente de D. João II a D. Manuel, e prosegue na sua marcha caudalosa arrastando comsigo o proprio Camões, que percorre todo o esteiro traçado pelas náus de Vasco da Gama, que vae ainda mais longe, que passa o estreito de Malaca, entra no mar da China, chega até Macau.

Camões navega, portanto, toda essa grande faxa dos mares do sul, passa do Atlantico para o oceano Indico, do oceano Indico para o mar da China, vê por seus proprios olhos, sente e soffre na sua propria alma, não é Thetys que mostra ao Gama, do alto de um monte, a esphera celeste, e a terrestre; é Luiz de Camões quem propriamente está ensinando a geographia do ceu e da terra. Tendo observado pessoalmente, agrupa n'uma synthese brilhante todos esses elementos astronomicos e geographicos colhidos n'uma longa observação e n'um longo estudo. Por detraz do nome de Vasco da Gama está o proprio poeta, á sua alma, o seu espirito. Portanto se a nossa nacionalidade se identifica substancialmente com a epopéa dos *Luziadas*,

a alma do poeta identifica-se com ambas. Constituem uma trindade indissoluvel, fundem-se n'uma existencia e n'uma gloria só. Linhas luminosas unem estes tres pontos materialmente distincts, Portugal, os *Luziadas*, Camões, e formam o triangulo esplendoroso que circumscreve toda a nossa grandesa nacional. Certo é que os *Luziadas* comprehendem a nossa vida passada, nas suas mais caracteristicas manifestações, a guerra, o amor, o mar, mas nem por isso essa brilhante epopéa deixa de abranger tambem o presente, não só pelos laços indestructiveis que prendem o dia de hoje ao dia de hontem na successão dos tempos, mas principalmente porque um livro d'essa grandesa é como uma forte arvore secular que abriga na sua sombra protectora as gerações subsequentes áquelle que a vira nascer.

Sempre que tem sido preciso appellar para o sentimento nacional, despertar a alma portugueza para feitos nobilitadores, é aos *Luziadas* e ao nome de Camões que se tem ido procurar o estímulo, a coragem. Em 1656, no cerco de Columbo, os soldados portuguezes combatiam cantando em côro os *Luziadas*. Em 1803, escreviam-se dois versos da epopéa camoniana nas bandeiras de alguns regimentos que se haviam assinalado em commettimentos militares. Agora mesmo, n'este momento, é ainda na memoria de Camões que o

espirito portuguez parece haver-se inspirado para se unificar n'uma vaga aspiração de gloria, e bastou a evocação de uma só data, a do fallecimento do poeta, para readquirirmos a consciencia da nossa superioridade moral e attingirmos a comprehensão do valor litterario e politico da epopéa de Camões, durante trezentos annos esquecida pela maior parte da populaçao portugueza.

Taes me parecem ser os vastos limites da concepção dos *Luziadas*. N'esta synthese está por certo o grande valor da epopéa. Na execução, como obra de arte, não é isenta de defeitos. Mas o sol, que tem manchas no disco, assombra principalmente pela função que desempenha no universo. Assim os *Luziadas*, com relação á sociedade portugueza.

## XXIV

### O Alviella

#### I

Mezes antes d'elle chegar

Finalmente, chegará a occasião de Lisboa poder realizar o seu ideal das noites calmosas do estio.

Porque o ideal de Lisboa, sob este ponto de vista e de calor, não era, ha muitos annos, como se pode imaginar: Ter o Alviella ao pé da porta, perfeitamente installado no seu alveo artificial, rolando uma corrente abundante e crystallina por entre duas alas de salgueiros, que possam offerecer uma sombra cheia de consolações refrigerantes e de mysterios amorosos.

Não era; e se o fosse, comprehendia-se.

O Alviella será para nós, que vivemos n'uma cidade terrivelmente arida, onde no mez de julho, ao meio dia, a praça do Rocio tem o aspecto e o

clima do Sahará, onde uma gotta d'agua é disputada por um grupo de Tantalo de chapeu alto e dez réis em punho; onde uma alluvião de ventarolas de pataco, ao alcance de todas as classes, invade as *montres* das lojas de commercio; onde a sallada de alface é devorada, como refrigerio, com uma soffreguidão de grillo; onde a vadiagem das ruas se atira sequiosa á limonada de cavallinho como gato a bofes; onde o maior prazer, a suprema delicia da burguezia encalmada é ir domingar ao campo, sob uma arvore rachitica, n'um terreno esbroadado em que as piteiras amarellecem:—n'esta fornalha abrazadora como a Africa, o Alviella será para nós, diziamos, um oasis deleitoso, a Providencia feita rio por obra e graça da Companhia das Aguas, um Pinto Coelho liquidificado, um Adriano Machado longamente aquoso, e tambem uma verdadeira *ilha de Venus*, uma paragem cheia de frescura e prazer, com *nymphas sopeiras* sentadas na relva, e burguezes de calças de ganga, —a côr que tinha Daphne nos cabellos; e um pavilhão chinez, engrinaldado de murta e rosmaninho, com garrafas de grozelha e gazoza, estando perfilados ao balcão os herdeiros da Amelia Pincha.

Que este fosse o ideial estivo do indigena lisbonense, comprehendia-se.

Desde o momento em que a maior galanteria que se pode fazer a uma dama, em julho ou agosto,

é enviar-lhe uma bilha cheia de agua da Sabuga, vinda de Cintra antes de nascer o sol, com uma certa despeza de transporte, comprehende-se que os namorados, os galantes, os Adonis almejam pela chegada d'um rio onde poderão ir dessedentar as bellas, sem despeza para elles. Porque, logo que o Alviella chegue, os amorosos marcarão de vespера o *rendez-vous*, com auctorisação das futuras sogras: «Ámanhã, logo que nascer o sol, vamos beber ao Alviella.» E irão todos, em alegre rancho, as creanças da casa correndo adeante, atirando arcos, dando saltos e gritos, e chegando lá, todo o *filé* estará em beberem por um copinho de borracha, bebendo da mesma agua primeiro *ella*, depois *elle*, e a sogra e a pequenada por uma caneca de loiça das Caldas, voltando as costas para os dois...

Mas, não, senhores, o ideial era outro, muito menos bucolico, muito menos refrigerante, muito menos sensato.

O indigena, chegando o verão, só tinha um thema e uma teima: queria que a entrada no Passeio Publico, ás noites, fosse livre, gratuita.

\*

\* \* \*

De dia, o indigena tinha uma opinião a respeito

das grades do Passeio: deviam conservar-se, porque, deitando-se abaixo, os cavallos, os cães, os gatos estragariam as flores, tozariam a relva, fariam d'aquelle retiro, pacifco como um cemiterio, um logar tumultuoso, onde a vida do cidadão podia correr perigo...

E de mais a mais, diziam, seria converter aquelle local, onde familias honestas habitam, n'um valhacouto de bregeirices, n'um refugio de aventurasinhas baratas e escandalosas.

Sempre havia alguem que replicasse citando os exemplos da Patriarchal Queimada, de S. Pedro de Alcantara... mas o supremo argumento do indigena, no verão, de dia, era este: As grades devem estar de pé.

De noite, o indigena tinha, na estação referida, a seguinte opinião: As grades deviam ser arrancadas.

Porque, entre o indigena e o interior do Passeio, onde madame Amann ou outra qualquer pessoa armava ratoeiras mais ou menos attrahentes á curiosidade publica, uma espessa muralha da China interpunha-se, feita de grades de ferro, solidas e fortes, e pequenas moedas de tostão, prateadas e lusidias.

Lá dentro, no ultimo verão, madame Amann exhibia os seus tyrolezes, as suas festas chinezas, o seu decantado Calospintecromogreme; d'entre

a côma do arvoredo *bouquets* de foguetes desabrochavam, espalhando no ar pétalas de luz; a titilação sonora das fanfarras tantalisava a burgueiza que, como um impaciente leão enjaulado, enfiava o nariz por entre as grades, para aspirar o perfume do pômo prohibido.

Por muito tempo, ignorou-se cá fóra, e cuido que lá dentro tambem, o que fosse na realidade esse annunciado Calospintecromogreme. Este problema irritava ainda mais o animo do indigena, que sente de vez em quando os seus receios de que lhe impinjam segundo *homem das botas*. Portanto, quando os felizes passavam em grupos na direcção do Passeio, o indigena, no meio do Rocio, gritava contra a camara municipal, e dos seus labios secos de colera esta phrase irrompia como um *de-lenda Cathargo*: As grades do passeio devem ir a terra!

## II

À distancia de 3:355 metros

Faltando apenas 3:355 metros de encanamento para que as obras do Alviella fiquem concluidas, deverá o famigerado rio chegar a Lisboa no futuro mez de agosto, pelo que a assembléa geral da Companhia das Aguas já teve o cuidado de se reunir para accordar no modo de realizar uma recepção solemne.

Segundo nos consta, o programma dos festejos será, pouco mais ou menos, o seguinte:

O préstito sahirá do largo do Pelourinho para o deposito dos Barbadinhos e será composto de grande numero de carruagens, e de tres coches de gala puxados a tres parelhas cada um.

O primeiro será destinado a receber o Alviella, que hade entrar na cidade sobraçando a urna da sua preciosa lympha, e trazendo a cabeça cingida por uma corôa de limos.

O segundo conduzirá o sr. director da Companhia das Aguas, que empunhará um grande copo de crystal de rocha, destinado ás primeiras libações.

Seguir-se-hão alguns escudeiros a cavallo, que embraçarão *contadores* de varios systemas e tamanhos.

Encorporar-se-ha immediatamente o côro allegorico dos chafarizes de Lisboa, que simularão ir render homenagem ao novo potentado aquoso.

Trezentos aguadeiros, de barril ás costas, irão cantando, n'uma grande massa choral, esta conhecida canção popular:

Trezentos gallegos  
Não fazem um homem,

com acompanhamento de gaitas de folles, castanholas e pandeiros.

O terceiro coche de gala é destinado ao rio Tejo, o qual trajará manto azul, e corôa de ouro, segurando com o braço esquerdo uma náu de cortiça e com a mão direita o bastão do almirantado das Indias.

Atraz d'este coche irá, posto sobre quatro rodas, e puxado por seis parelhas de muares, um bote cacilheiro, com a sua vella latina içada.

Formar-lhe-hão cortejo cento e vinte vendedores de limonada de cavallinho, com os respectivos taboleiros ás costas.

As demais carruagens serão occupadas pela imprensa, corporações officiaes, accionistas, e por todos os empregados das Aguas Livres, devidamente uniformisados.

O corpo de bombeiros enviará uma commissão.

Annunciada que seja a chegada do Alviella por uma grande girandola de foguetes, o sr. director da Companhia das Aguas avançará, tendo na mão esquerda uma garganta de cêra, e na direita o já referido copo.

Feito signal de silencio, e depois do Alviella se ter apresentado, o sr. director recitará o seguinte discurso:

--Senhor: A resequida garganta nacional congratula-se com Vossa Aquosidade pelo seu feliz advento á nobre cidade de Ulysses, e a Vossa Aquosidade vem humildemente significar o seu

vivo desejo de poder desde já libar as primicias de tão grato dom. Permitta, pois, Vossa Aquosidade que eu passe a ordenhar o seu ubero seio para dessedentar estas duzentas mil guellas, que estão asperas como lichas, e pedem agua sem sulfato de cal.

—Agua! agua! dirão centenas de vozes.

—Vossa Aquosidade bem os ouve...

O imponente Alviella interromperá o orador para lhe perguntar:

—Elles são muitos?

—É isto que vossa Aquosidade vê.

—Diacho! Não sei se chegarei para tanta gente!...

—Não tem duvida. De todo esse povo que Vossa Aquosidade ahi vê, a maior parte bebe vinho.

—Bem. Pois então vamos lá a isto.

E o facultativo da Companhia das Aguas realizará, com grande delicadeza, a operação da paracentese.

Encher-se-hão doze copos de agua, dois dos quaes serão offerecidos ás auctoridades e pessoas de maior importancia, passando-se de mão em mão, para o povo, os dez restantes.

Far-se-hão decerto, entre o povo, muitos commentarios, taes como este:

—Gosto mais da agua do Carimo.

—Estou mais calhado com o briol do Quintão.

—Não ha pinga como o *roxo* do Mosqueira!

Depois, naturalmente bastante abatido pelo esforço da ejaculação, o Alviella, sentado n'uma grande cadeira de espaldar, receberá os cumprimentos das deputações.

O cortejo regressará finalmente, pela ordem já descripta.

Á noite haverá illuminação na casa da Companhia das Aguas e em todos os chafarizes de Lisboa.

É de suppor que haja grande animação nas ruas.

As conversações versarão provavelmente sobre o assumpto do dia.

Dir-se-ha certamente:

No Rocio, um sujeito, limpando os bigodes: Não ha agua como a do Carmo!

Em qualquer rua:

—Não ha Alviella que chegue aos calcanhares do Chafariz do Rei!

Um velhote, parado no largo do Pelourinho a olhar para as luminarias da Companhia das Aguas:

—O diabo é que me parece que isto ha de trazer doenças... Tamanha quantidade de agua ha de por força humedecer o ar, e depois fervem por ahi bronchites e pneumonias... Ora vereis!...

## III

Correspondencia aberta no Correio Geral por um empregado de confiança

*Carta do rio Tejo ao rio Sado*

Amigo e collega.—Quem havia de dizer que eu ainda estava reservado para este grande vexame —depois de tantos que tenho soffrido! Parece que effectivamente chegará domingo esse insignificante riacho da serra do Patello, o tolo do Alviella, que pode ser muito bom para um banho de tina, mas que não presta para mais nada, por mais que o Pinto Coelho lhe queira puchar as orelhas (*orillas*). Depois de ter prestado tantos serviços ao meu paiz, depois de ter sido de *crystal* e de haver tido *manto azul*, depois de ter lavado tantas gerações e inspirado tantos poetas, depois de haver aguentado regularmente as barcaças no verão e as inundações no inverno, sem faltar ao cumprimento dos meus deveres, depois de ter figurado na historia do meu paiz desde o tempo da sr.<sup>a</sup> Emilia das Neves, vejo-me agora esquecido por um jam-ninguem esganiçado, por um rio de meia tigella, que tem no seu nome a propria condenação, porque *Alviella* é corrupção da palavra arabe *Abaila*, e significa—*cousa minguada, pequena!*

Pois, amigo, é justamente essa *cousa minguada*

que os homens julgaram dever conduzir em triunpho até Lisboa, gastando na condegação 5:000 contos e outros tantos annos! É justamente essa *cousa minguada* que vae ser benzida sete vezes no proximo domingo! benzida como outr'ora o eram as poderosas frotas que das minhas aguas partiram para a Azia, para a Africa, para a America! é justamente essa *cousa minguada* que vae ser solemnemente conduzida a Lisboa como ainda ha mezes o foram a Belem a terceira vertebra do Camões n.<sup>o</sup> 1 e o craneo de um só dos dois Vascos da Gama!

Custa-me a tragar esta affronta, ainda muito mais do que a immundicie que Lisboa despeja todos os dias dentro de mim. Porque emfim eu e a cidade já estamos habituados á immundicie, mas assim como a cidade tem fumaças de gloriosa, tambem eu devo ter ufania dos meus antigos creditos. Demais a mais estou ainda muito bem conservado, a agua de que eu faço uso não é circassiana, aguento um couraçado e de vez em quando brinco com elle, recebo distinctamente as esquadras estrangeiras, e proporciono ainda varios devaneios romanticos, todos os domingos, de bordo do vapor *Aurora*, a dez tostões por cabeça. Isto acho eu que são serviços! O unico sustentaculo do credito nacional sou eu. Tudo entre nós está desacreditado, porque tudo tem ido a peior, desde a divida

fluctuante até á saude publica. Os jornaes extrangeiros erram os nomes dos ministros, chamam Burros Comes ao Barros Gomes, mas acertam com o meu nome, sabem-n'o, respeitam-n'o.

Que importa tudo isso? Quem vive é o Alviella! Elle é que faz figura, para elle é que são todas as honras e todos os foguetes, para um rio que não tem vergonha de criar barbos! Desculpa-me, amigo, esta grande adrianice que te tenho pregado, mas eu precisava desabafar, eu precisava abrir a torneira á torrente da indignação, e escolhi-te, por seres proximo visinho e digno collega, para meu confidente e para meu prior.

Teu do coração, *Tejo*.

*Carta do rio Sado ao rio Tejo*

Venerando amigo.—Acompanho-te na tua grande dôr e na tua justa indignação.

Mas, coragem! sê forte! Deves ter a consciencia da tua agua e da tua força. De mais a mais podes vingar-te, se quizeres. No verão atira ainda maior fedor para as ventas de Lisboa, e deixa. No inverno inunda-a, de modo que elles tenham lá de aguentar outra vez os beneficios para os inundados. Arromba o *Vasco da Gama* logo que elle chegue de Tanger, escangalha as fragatas do Simões Carneiro, e deixa-te cair em peso sobre os

campos de Vallada, de modo que o ministro Saraiva tenha de mandar a toda a pressa um vapor carregado de bolachas e de galochas.

Tu tens por ti o passado, tens effectivamente um nome ainda mais antigo que o do Carlos Bento, és muito mais imponente do que o medalheiro do Avila, muito mais extenso do que o Nazareth, muito mais conhecido no estrangeiro do que o Braamcamp.

Lisboa, se não fosses tu, não seria conhecida no mundo. Tu és o seu formoso perystillo aberto sobre o mar; tu és o seu grandioso portico de crystal. Por isso, meu amigo, tu terás sempre o teu nome e a tua gloria, e se dispões de paciencia para esperar pela hora da vingança, se não queres principiar já a tirar a desforra, espera pela primeira estiagem e ficarás vingado. A primeira hora de sêde para Lisboa será a primeira hora de vingança para ti.

Quanto ás festas de recepção do tal saloio de Patello, não me parece que sejam de fazer crescer agua na bocca. Bençam para ali, bençam para acolá, bençam ao canal, bençam ao reservatorio, bençam ás machinas (o Alviella é uma especie de João das machinas dos rios) e lá de quando em quando um foguetito. O *lunch* explica-se: é para atrair gente. Tira tudo isto, e que fica? Agua com certeza que não. De mais a mais imagina que

as machinas empérram como ás vezes succede nas magicas. Que grande *fiasco!* Chama-se o Mendonça Cortez, que é entendido no assumpto; elle observa-as, mexe-lhes e acaba por declarar que está partida a mola principal. Ó ceus! resta só então o *lunch*, e todo o mundo se voltará para o *champagne* que será n'esse momento o mais copioso líquido dos Barbadinhos.

Aqui tens, velho e respeitavel amigo, o que eu penso a este respeito. Crê na sincera amisade d'este humilde collega que, por cima do Espichel, te estende a mão, e sauda.

*Rio Sado.*

## XXV

### Os congressos de Lisboa

Escrevam os senhores estas tres palavras pelo modo seguinte:

#### **Congressos**

#### **Jantares**

#### **Dyspepsias**

juntem-n'as por meio de linhas rectas, e terão traçado os limites geometricos da vida lisbonense n'estes ultimos dias do mez de setembro de 1880.

Com quanto nos sintamos muito honrados com a visita de tão illustres sabios estrangeiros, com as luzes do seu entendimento e a fina amabilidade do seu trato, somos todavia obrigados a confessar que os dois congressos ultimamente reunidos em Lisboa vieram por certo exercer uma nefasta influencia sobre a viscera digestiva da nação.

E, em que nos pese, somos obrigados a formular os seguintes terriveis axiomas:

*A sciencia arruina-se pelo estomago.*

*O futuro da mesma sciencia será, dentro de um breve periodo de tempo, a dyspepsia.*

*O garfo não tardará a ser um instrumento completamente inutil nas mãos d'um sabio.*

Actualmente, em Lisboa, e justamente por amor da sciencia, janta-se de mais. Litteratos que possuam um estomago verdadeiramente diamantino, começam a sentir-se dyspepticos, e ámanhã serão fatalmente obrigados a sentar-se á sua banca tendo deante de si um tinteiro,—e um frasco de phosphato de ferro do doutor Leras.

Ha já muitos dias que os escriptores publicos de Lisboa não fazem senão fallar em francez e comer em francez, como se pode ver dos jornaes e dos menus.

Desde a ultima semana, e a pretexto dos congressos, tem havido os seguintes serviços culinarios:

Um *lunch* em Otta;

Um almoço no *Restaurant Club*;

Jantar no Paço d'Ajuda;

Jantar offerecido pela municipalidade de Lisboa na sala do risco do arsenal de marinha;

Ceia no baile da côrte em Cascaes.

Banquete offerecido pela Academia Real das Sciencias.

Pensamentos confusos tumultuam por força no cerebro dos membros do congresso:

Dolichocéphalos com *petits bouchées à la Joinville*; brachycéphalos *trufés*; propriedade litteraria à la *Romaine*; anthropoides *au citron*; *filet de bœuf à la Darwin*, etc.

O respeitavel sr. Quatrefages chega a enganar-se citando o dr. Véron em vez de Lamarch ou Broca, e o sr. Henri Martin, o mais agradavel velho que temos visto, troca ás vezes Geoffroy Saint-Hilaire por Brillat Savarin, e vice versa.

Por toda a parte este formidavel grito de guerra resôa:

*A l'anthropologie e allons dîner.*

E os medicos da capital esfregam as mãos de contentes, vendo n'um horisonte não muito distante uma fileira de pallidos sabios dyspepticos, promettendo sciencia a quem lhes der saude.

A ultima festa gastronomica dada em honra dos congressistas nossos hospedes, foi o banquete oferecido pela cidade de Lisboa.

A sala do risco do arsenal de marinha achava-se esplendidamente adornada, produzindo um effeito verdadeiramente suprehendente. Os convidados, comquanto estivessem a vêr navios para qualquer lado que se voltassem, discursaram bem e jantaram melhor.

Pela primeira vez, n'essa noite, tivemos occasião de vêr os mais notaveis membros dos congressos, e francamente confessamos que, de todas

as physionomias... masculinas, aquella que mais agradavelmente nos impressionou foi a do sr. Henri Martin, uma boa cara de velho, parecendo muito estes sympatheticos velhos portuguezes, de face córada e alegre, que encontramos ás vezes, de inverno, sentados n'um passeio publico, tomando sol, com a sua bengala de cana encostada aos joelhos.

Entre os nossos apontamentos, relativos a este bello banquete, que faz honra á municipalidade de Lisboa, encontramos a indicação de tres assuntos que, com effeito, desejamos tratar.

Queremos fallar, primeiro que tudo, da boa impressão que nos causou, n'esse banquete eminentemente nacional, o facto de encontrarmos a seguinte phrase no *menu* e o seguinte prato na mesa :

*Potage National (Canja).*

Visto que os srs. congressistas teem querido apreciar o fundo dos nossos costumes, como ainda hontem referia o *Diario de Noticias*, acertadamente andou a municipalidade de Lisboa, fazendo servir a ss. ex.<sup>as</sup> o fundo inalteravel dos nossos jantares portuguezes, a sôpa nacional, vulgô canja.

E é muito para louvar o espirito patriotico de alguns dos nossos escriptores publicos, que, tendo tomado *potage printainier á la royale*, não se dispensaram com tudo de mostrar um grande amor

respeitoso pela sôpa nacional, aceitando um prato de canja.

O segundo dos nossos apontamentos diz respeito á *salade russe*, uma salada monumentalmente indigesta, que nos suscitou a seguinte observação: que se os nihilistas quizessem realizar definitivamente o seu ideal sanguinario, poderiam ter-se limitado, ha muito tempo, a fazer servir ao seu imperador, tres vezes por dia, um prato de salada russa.

Finalmente, o terceiro apontamento recorda-nos o desastre oratorio do sr. Barros Gomes, sob o duplo ponto de vista da fórmula e do assumpto.

Um brinde á Allemanha, no meio dc tão numerosa sociedade de francezes, é altamente inconveniente, sobretudo quando feito pelo ministro de um soberano que ainda na vespera tinha recebido uma grande prova de consideração por parte do almirante da esquadra franceza.

De mais a mais, o sr. Barros Gomes engasgou-se por tal modo, perdendo a côr e o *aplomb*, que só poderam arrancal-o a esse enorme *fiasco* dois guinchos salvadores da charanga da guarda municipal, a qual parecia repetir por meio dos seus instrumentos de metal este grito de guerra, este hallali gastronomico:

*À l'anthropologie e allons dîner.*

## XXVI

### Jacques Offenbach

Meu bom, meu adoravel Offenbach, a noticia da tua morte entristeceu-me profundamente, porque não é decerto sem uma grande dôr sincera que a gente vê partir para sempre aquelle que portantas vezes, e por tantas horas, encheu de alegria, de risos, de vagas scintillações a nossa alma.

Nada mais espessamente triste do que a vida. Por toda a parte, a cada passo que se dá, os desgostos renascem, os espinhos surgem. Pois bem. Todo aquelle que procura, pondo em accão as aptidões naturaes do seu espirito, fazer-nos esquecer de que estamos no mundo principalmente para soffrer, todo aquelle que nos consegue distrair no dia 25 de maio ou no dia 25 de novembro, todo aquelle, enfim, que procura desbastar com o seu

talento a dura realidade da vida, como um pedreiro que, de picão em punho, se atira a um toro de granito para o adelgaçar, é um benemerito, um amigo, um protector, e justamente n'esse caso estava o bom, o delicioso Offenbach!

Quando elle nasceu, reinava no mundo civilisado a opera que chora, a musica que exprime os grandes dramas da existencia, e que deixa o nosso espirito orvalhado de lagrimas, como um aguaceiro d'inverno. À medida que foi conhecendo o mundo, o bom Offenbach aborrecia-se de ver que no theatro as almas dos espectadores tinham de conservar-se por algumas horas de chapeu de chuva aberto, por causa dos chuveiros de pranto que os *maestros* despejavam sobre os instrumentos da orchestra e a sensibilidade humana. Um dia, o bom Offenbach resolveu construir por si só uma barricada enorme contra essa terrivel invasão da musica lacrimosa, dos suspiros musicaes, da choradeira lyrical. N'esse dia inventou a opera que ri, e fazendo-a cantar em França, foi como se atirasse um raio de sol por cima de toda a Europa. A partir d'esse momento, os violinos tiveram accessos de hilaridade, as flautas assobiaram alegremente como bandos de melros, e os instrumentos de metal fizeram enormes pandigas de instrumentação, surriadas estrondosas como as das crianças em liberdade. E todavia o que elle tinha feito era bem facil, n'isso estava

talvez a razão por que muitos o desdenhavam, n'isso e na historia do ôvo de Colombo; tudo quanto elle havia feito consistia unicamente n'isto: aproveitára uma coisa antiga, o riso, para fazer uma coisa nova, a opereta.

\*

\* \* \*

A estas horas, nos *bosques felizes* dos *Campos Elyseos*, duas almas passeiarão alegremente, de braço dado, rindo como dois bons patuscos que vão para a immortalidade como quem vem de um pic-nic, sem sombra de remorso, tendo, pelo contrario, a consciencia de ter feito bem a muita gente: esses dois espiritos, tão alegres e tão despre-ocupados, chamaram-se n'este mundo Paulo de Kock e Jacques Offenbach.

A grande litteratura e a grande arte despresa-vam-n'os, mas a sua memoria será eterna, porque a necessidade de rir é uma das mais imperiosas a que a natureza humana está sujeita, e elles, mesmo depois de mortos, farão rir.

\*

\* \* \*

Que grande, que bella alma a d'este encantador *maestrino* que a morte acaba de arrebatar!

Entrou no mundo soffrendo, mas soffrendo do modo mais cruel que se pôde soffrer: tendo fome. Já o *Jornal da Noite* relembrhou um caso triste da sua vida, o caso de um dia que Offenbach passaria sem comer, se alguem o não chamasse no *boulevard dos Italianos* para lhe dizer:

—Perdão, é ao sr. Offenbach que tenho a honra de fallar?

—Sim, senhor! Que deseja?

—Aqui tem vinte francos.

—Vinte francos! para que? para quem?

—Vinte francos que devo a seu irmão e que lhe rogo a fineza de lhe enviar, pedindo ao mesmo tempo que me desculpe esta ousadia.

Offenbach inclinou-se, apertou-lhe a mão e o homem affastou-se.

Dez minutos depois estava sentado a uma meza do *Café Inglez*, em *tete-á-tete* com uma perdiz estufada e uma garrafa de *Saint-Julien*.

Pois a bella alma tudo esqueceu, esqueceu quanto tinha soffrido ella propria, e o objecto da maior parte da sua vida foi — divertir os outros!

\*  
\*      \*

O seu tumulo não terá a feição melancolica que geralmente caracterisa os tumulos.

Hão de rodeial-o com as suas risadas sonoras e frescas as creanças, as loiras creanças a quem elle offerecia um banquete dominical e que muitas vezes se lhe punham a cavalleiro nos hombros enquanto elle compunha ao piano; as moscas, as proprias moscas, tão importunas para todas as outras pessoas, passarão zumbindo alegremente por sobre a sua lousa, em attenção a elle lhes haver consagrado uma das mais bellas onomatopeas do *Orpheu nos infernos*; e as vogaes do alphabeto irão pé ante pé, por entre os cyprestes, provocal-o a que resuscite vozeando gaiatamente, como na *Grã-Duqueza de Gerolstein*: A, E, I, O, U.

\* \* \*

Firme nos principios que dominaram a maior parte da sua vida, desde 1845 para cá, o seu ultimo alento, em vez de ser exhalado n'um suspiro stertoroso, foi exhalado n'uma opereta alegre, *Os contos de Hoffmann*, que se acha em ensaios de apuro na Opera Comica.

Attendendo a tudo isto, meu adoravel Offenbach, eu não mandarei resar uma missa por tua alma nos Martyres ou no Loreto, e ainda menos irei ouvil-a de luvas pretas e physionomia mais ou menos acangalhada.

Não. O que eu entendo que devo fazer pela tua memoria é simplesmente isto,—e observa comtudo que a tua memoria me é muito querida: o que eu entendo que devo fazer é ir assistir á *reprise* do *Orpheu nos infernos*, logo que a Josepha de Oliveira melhore, porque estou inteiramente certo de que este alegre Palha, em cujo espirito predomina a nota offenbachiana, não deixará de consagrar á tua memoria uma representação da opereta por onde tu começaste a escalar a mazorrice europea e a muralha chineza da gloria.

## XXVII

### A batata

Vae imaginar de certo o leitor que eu escrevera *A batuta*, e que resolvi abrir no *Diario Illustrado* uma secção relativa a S. Carlos; ou então imaginará talvez que eu escrevi *A batota*, e que vou dar regularmente uma chronica do jogo de Monaco e de algumas casas da *baixa*, onde é costume passar a noite *a velar á banca*.

Não, senhor. D'esta vez não houve erro typographic; eu escrevi precisamente *A batata*, e é d'ella que vou tratar.

Bem sei que a batata é um assumpto reles e pelintra, como dizem os srs. *realistas*, e que é costume contrapôr, por ironia, a todos os assumptos grandes e elevados. Quando se quer desfetejar um actor, pelo modo mais humilhante de que ha memoria, atira-se-lhe com batatas á cara. Em

se dizendo a qualquer pessoa—*batatas*—quer-se significar com esta simples palavra que os seus argumentos não são dignos de resposta attenciosa. Finalmente, no prologo da *Dama das Camelias*, escripto por Julio Janin, este grande folhetinista francez, para mostrar a indole inquieta da conversação do seu paiz, diz o seguinte: «Conversava-se de tudo, da arte dramatica e de *batatas fritas*...»

Pois não obstante a degradação do assumpto, é justamente da batata que eu vou fallar. E porque? Porque o *Diario de Noticias*, de 18 de novembro, que eu guardei na gaveta dos meus papeis, dizia o seguinte, que suscitou algumas duvidas no meu espirito, de ordinario profundamente propenso a acreditar no verbo inspirado d'esse oraculo sublime da rua dos Calafates (n.º 110):

«Vae levantar-se em Plymouth uma estatua a sir Drake que introduziu a batata na Europa.»

Diabo! sir Drake! pensei eu. Mas de todos os grandes homens que teem por pedestal uma batata, o maior foi com certeza Antonio Parmentier. E a levantar-se na Europa uma estatua ao grande apostolo da batata,—porque a batata tambem teve apostolos—devia ser erigida em honra d'esse homem que não pôz duvida alguma em cavar batatas, convencido de que estava praticando um enorme serviço em proveito da humanidade.

Entremos, sem mais delongas, na biographia da batata.

Onde nasceu ella, a batata? Na America, no Perú, d'onde veio para a Italia no principio do seculo XVI.

Os agronomos italianos receberam de braços abertos esse feio legume peruviano, que todavia principiou desde logo a dar excellentes resultados applicado ao sustento do gado; e o papa Innocencio VIII determinou, por um breve, que os terrenos incultos do dominio de S. Pedro fossem destinados á cultura da batata. Aqui temos, pois, a batata tomando uma feição eminentemente catholica, e é precisamente um pontifice quem se propõe atirar com ella á face da Europa agricola.

Em menos de dez annos, de 1506 a 1516, a cultura da batata, destinada por então unicamente para alimento dos gados, invadiu o archipelago britannico, e foram justamente os inglezes que, durante a guerra da Flandres, ensinaram á Belgica e á França o modo pratico de cultivar a batata.

Mas, com a bréca! por mais que se dissesse que a batata era um excellente alimento para o homem, o preconceito popular respondia a isto que ella causava a lepra, que era muito boa principalmente para os porcos, mas que seria altamente ridiculo um téte-à-téte saloio em que dois namorados cam-

ponezes comessem batatas, como se fossem morangos ou cerejas.

N'este momento, que era o preciso, appareceu o Messias da batata: Antonio Parmentier.

Perante a academia de Besançon sustentou elle, com um denodo verdadeiramente apostolico, a these de que a batata deveria, como substancia alimenticia, attenuar as calamidades da carestia, converter-se n'um poderoso auxiliar do trigo para oppôr barreira a uma nova invasão das fomes que na edade média flagellaram a Europa.

E juntando os actos ás palavras, Parmentier offereceu aos seus amigos um jantar em que todos os pratos eram obrigados a *purée* de batata, e todos os licôres espremidos do seio do já então celebre tuberculo americano.

Parmentier foi por essa occasião extraordinariamente cumprimentado. O proprio sr. de Voltaire o felicitou—por causa da batata. Os jornaes burlescos, a caricatura atacaram-n'o. Elle continuou a rir-se, e a comer batatas. Organisaram-se dois partidos. Um gritava: *Viva a batata!* e apanhava indigestões d'ella. O outro proclamava *Morra a batata!* e dava-lhe pontapés. O proprio rei Luiz XVI inscreveu-se no partido dos tuberculianos, sem pensar, o triste! que tempo viria em que o esperava a peior das batatas conhecidas n'este mundo, —a revolução.

No dia em que se festejava o santo do nome do rei, Parmentier colhe um ramo de flôres de batata, e corre a Versailles a offerecer-o ao rei.

De um excellente livro de Amédée de Bast aproveitaremos o dialogo d'essa celebre entrevista do Messias da batata, e do seu real partidario:

—Senhor, diz Parmentier, venho offerecer-vos um ramo digno de vós: ou eu me engano, ou nenhum dos que esta noite vos forem offerecidos, agradará tanto a vossa magestade como este. D'aqui por deante, senhor, é impossivel a fome. A batata pôde substituir todos os cereaes; e um decimo do territorio susceptivel de cultura em França, semeado de batatas, bastará para sustentar, durante dois annos, o duplo da populaçao actual do reino. A batata é pão feito.

—Senhor Parmentier, respondeu Luiz XVI, homens como vós não são recompensados com dinheiro: ha uma moeda mais digna do seu coração. Dai-me a vossa mão, e beijae a da rainha.

Parmentier beijou, com efeito, a mão de Maria Antonietta, e depositou n'ella... uma batata.

Na meza real foram n'esse dia servidas batatas, e a rainha apareceu no baile da côrte, á noite, toucada de flôres de batata. Os cortezãos de Versailles abataram-se tambem, e chegaram a comprar uma d'aquellas flores por dez luizes.

A monarchia caiu, mas Antonio Parmentier so-

breviveu-lhe, com a sua obra. Porque foi que a Revolução o respeitou? Porque elle ensinou o mundo a comer batatas. Não tinha feito mais nada, e isso bastava. Mondidier, terra da sua naturalidade, levantou uma estatua em honra *do Christovam Colombo da batata*, diz Amédée de Bast, de um modo pittoresco. Com efeito, se Colombo explorou a America, Parmentier explorou a batata, e se a America dá de comer, a batata serve para ser comida.

Portanto, sejam quaes fôr os serviços de Drake, não é elle realmente o grande fanatico da batata. Pôde ter sido o introductor d'ella em Inglaterra, mas não foi com certesa o seu Messias, o seu apostolo, o seu philosopho, o seu Colombo. Parmentier foi tudo isso. Em vista do que, e com perdão do *Diario de Noticias*, eu proponho que o collega abra desde já uma subscricção para levantar-se no largo de S. Roque, em frente da redacção do *Diario Popular*, um monumento a Parmentier, simulhando uma grande batata de marmore, com esta simples inscripção:

**Ao Salvador das Batatas**

Perguntarão talvez por que prefiro eu o largo de S. Roque? Por me lembrar da batata Minhava, a maior de Lisboa, e por uma certa analogia entre Parmentier e o redactor politico do *Popular*, verdadeiro salvador da Granja e das batatas.

## XXVIII

### Como se entra agora na camara dos pares

Como se sabe, foi approvado, depois de breves considerações, o regulamento da camara dos pares.

A este respeito, explicava hontem o *Diario de Noticias*:

«Se á maioria da commissão dos poderes parecer que existem motivos ou fundadas razões para duvidar do direito que assiste ao requerente para tomar assento na camara, ou ácerca da sua aptidão legal para exercer as funcções de par, diz o citado regulamento, convidará o requerente para comparecer na sessão da commissão que lhe fôr designada, a fim de dar explicações que julgar oportunas, ou lhe forem exigidas. O requerente poderá ser acompanhado por um advogado.»

A nosso vêr, isto resume-se no seguinte:

A commissão dos poderes duvida, por exemplo, de que o candidato ao pariato saiba instrucção primaria, e quer examinal-o nas respectivas disciplinas.

Portanto, convida o candidato a comparecer n'um dos gabinetes da camara, concedendo-lhe a faculdade de se fazer acompanhar do seu advogado... para responder por elle, exactamente como os interpretes dos exames que se fazem no estrangeiro.

O que se passará então pode adivinhar-se sem grande dificuldade.

O presidente da commissão ao candidato:

—Esteja sereno; não se atrapalhe. (*Depois de ter tocado a campainha, ao continuo:* Traga tres copos d'agua, dois para o sr. advogado, que tem que fallar mais, e um para o sr. candidato.) Ora vamos lá, com tranquillidade. Queira evocar as suas recordações. V. ex.<sup>a</sup> sabe o que é substantivo?

O candidato, depois d'escarrar,—para ganhar tempo, a fim de espreitar para a *Grammatica* de Bento José de Oliveira, que tem aberta sobre os joelhos, debaixo da meza:

—Chama-se substantivo a palavra que exprime uma substancia real, como *Alexandre, sol, terra*, etc., ou um conceito e entidade abstracta como *honra, virtude, firmeza*.

Um dos examinadores, que tambem estudou pela

mesma cartilha, quer dizer, pela mesma grammatica, abana affirmativamente a cabeça.

O presidente, mastigando em secco:

—Perdão. Eu cá não sei assim, e não me contento com essa definição. Substantivo é a palavra com que se dão a conhecer as pessoas e as coisas.

Objecção do advogado que está habituado á *rabulice* da Boa-Hora, mas que está já muito esquecido da grammatica:

—N'esse caso, as mascaras não são substantivos.

O presidente, carregando o sobrolho:

—Porque?

—Porque essas difficilmente se dão a conhecer.

O presidente, muito intrigado:

—O sr. advogado não podia usar da palavra. Queira calar-se e sentar-se. (*Voltando-se para o candidato*). A minha definição é muito mais clara. Por exemplo: Vossa excellencia o que é?

—Eu sou capitalista...

—Ora adeus!

—Sou, sim senhor. Aqui está a certidão do teor da minha inscripção na matriz predial e a do pagamento da mesma contribuição relativa aos ultimos tres annos. Vv. ex.<sup>as</sup> podem examinar estes documentos.

O presidente:

—Perdão. Não era isso. Nós bem sabemos como

essas coisas se arranjam. V. ex.<sup>a</sup> tem substancia ou não tem substancia?

—Já tive mais.

—Pois bem, ainda tem alguma, e n'esse caso o que é?

—N'esse caso, o que posso dizer a v. ex.<sup>a</sup> é que vou estando velho, e que não estou para estas massadas. Por certa gente que vejo cá n'esta camara, pensei que a entrada não era tão difficult...

O presidente, com gravidade:

—Perdão. Vossa excellencia não pôde discutir os factos consummados. O que está feito, está feito. E é por nos conhecermos, que nós agora queremos difficultar a coisa. Mas, no caso de que estavamos tratando, o que v. ex.<sup>a</sup> é,—é um substantivo.

O candidato, com resignação:

—Serei tudo quanto vossas excellencias quizerem. Mas pergunto eu: Para que servem cá os substantivos?

O presidente, com franqueza;

—Não servem para nada; é por isso mesmo que se perguntam. Mas para cumprir o regulamento, ainda tenho que fazer-lhe duas perguntas.

O candidato suspira.

O presidente, com amabilidade:

—A lei previu o caso dos senhores candidatos suspirarem, e por isso lhes concedeu a faculdade de trazerem o seu advogado. Pôde, portanto, res-

ponder o sr. doutor á pergunta que vou fazer ao sr. candidato:

—Quantas especies ha de substantivo?

O advogado entalado:

—Eu direi a vossas excellencias, muito altos e muito dignos pares do reino. As tradições d'esta casa, se as compararmos ás da outra camara, são ouro ao pé de chumbo. E quando digo *ouro*, não me quero por modo algum referir ao capital. Não, senhores jurados, refiro-me á intelligencia, á illus- tração e á maduresa.

Todos os examinadores meneiam affirmativa- mente a cabeça.

—As perguntas que vossas excellencias aqui são obrigados a fazer aos senhores candidatos, estão muito abaixo dos merecimentos dos dignos pares que interrogam. Mas em todo o caso, cum- pra-se a lei, que todos devemos respeitar, e eu respeito mais que todos. Os substantivos dividem-se em duas especies, uns grandes e outros pequenos: exemplo dos pequenos: *só, bom, etc.*, exemplo dos grandes: *misericordiosíssimamente, etc.*

Os examinadores:

—O senhor candidato respondeu muito bem, e está plenamente approvado.

Troca de abraços e de apertos de mão.

Á porta das côrtes:

O advogado:

—Seis libras por todo este trabalho olhe que é muito pouco. Isso dá qualquer causa. Olhe que estou a soar!

O candidato:

—Pois pegue lá mais dez tostões, e cale-se.

## XXIX

### O Pataco

No verão de 1880, a imprensa do paiz anuncio que as moedas de cobre e bronze iam ser reduzidas a um cunho de menor dimensão e espessura.

Com efeito, a proposta foi apresentada na sessão de 1881 á camara electiva, sendo encarregado da defeza do projecto, cujo maximo valor era um pataco, o sr. deputado Laranjo, que, depois do seu discurso sobre a Zambezia, descera como orador parlamentar na cotação progressista. A defeza do projecto não valeu mais de dez réis.

Logo que o terrivel grito de *morte ao pataco* circulou no paiz, senti o coração alanceado de profunda saudade, acabando por ceder á tentação de enviar um sentido adeus a esse antigo conhe-

cido cuja bruta dureza a convivencia tornava suave: o pataco.

Elle foi por muito tempo como que a representação material da grande alma portugueza—forte e dura. Não quer isto dizer que a nacionalidade portugueza valesse apenas um pataco, mas o que é certo é que Portugal era especialmente conhecido por ser a patria de Camões e dos patacos.

Ninguem se orgulhava de ter muitas libras ou muitas peças, mas havia um grande respeito nacional por todo aquelle que *tivesse muitos patacos*.

Uma vez vimos n'uma egreja d'aldeia um quadro do inferno, pintado por um artista obscuro. Os grandes castigos d'alem da campa estavam representados com uma tortura horrivel. Um diabo, de faces atijoladas pelo fogo infernal, mettia uma pá de candentes patacos pela bocca de um agiota.

Que grande philosophia n'aquelle quadro! e como n'elle palpitava, de um modo nitido e expressivo, o espirito nacional portuguez!

Vendo-o, adivinhava a gente quantas lagrimas a miseria havia chorado aos pés do terrivel agiota para que elle, por um milagre de usura, as convertesse em patacos; e ao mesmo passo comprehendia toda a profundesa da justiça divina, que mandára atulhar de patacos ardentes as fauces escancaradas da agiotagem sedenta d'elles.

Por que não preferira o obscuro pintor as libras

sterlinas aos patacos? Porque soubera calcular o effeito do quadro. Porque era portuguez e pintava para portuguezes: porque queria ser comprehendido por elles. As libras sterlinas são universaes, e se o pintor as tivesse preferido, qualquer portuguez não se sentiria tão fortemente impressionado na presença da tela. Um pintor, querendo ser comprehendido, desejando *fazer effeito*, não pode deixar de attender ao meio para que pinta. Para um russo, um inferno de fogo seria uma delicia; para um africano, um inferno de frio seria igualmente delicioso.

Para um agiota portuguez, o suppicio de libras a arder mettidas pela bocca dentro seria de um effeito menos forte, porque esse suppicio tinha um caracter universal; mas desde o momento que o agiota portuguez viu os patacos, ficou comprehendendo que tudo aquillo era com elle, exclusivamente com elle, propriamente com elle.

Parando em frente d'esse quadro horrivel, pareceu-nos que tinhamos resolvido uma grave questão scientifica. Onde é o inferno? Os grandes theologos discutem a este respeito, todavia a alguns doutores da egreja queria parecer que seria no centro da terra. Mas, em vista d'esse quadro, e graças á revelação dos patacos, o inferno não pode deixar de ser em Portugal... para os portuguezes.

Como todas as coisas d'este mundo, o pataco

tinha defeitos e virtudes: era, alem de uma moeda corrente, uma arma de combate. Dupla vantagem. Um sujeito qualquer podia ser assassinado a patacos, isto é, pataqueado. Para quem tinha de se defender seria incommodo trazer no bolso um pedregulho, mas preenchia o mesmo fim, e outros, trazendo um pataco.

O epilogo da historia do pataco escreveu-o, sem dar por isso, esse portuguez que ha tempos recolheu ao reino trazendo toda a sua fortuna em patacos. Na alfandega quizeram embargar-lhos, e os jornaes ocuparam-se largamente do caso. Pois esse tal portuguez exprimiu de um modo honrosissimo a gratidão nacional por uma moeda que por longos annos circulou nas mãos dos portuguezes, pondo n'ellas o valor de quarenta reis, uma arma defensiva, e algumas nodoas de verdete.

Uma das razões pelas quaes lamentamos o extermínio do pataco, é o facto de o encararmos como um dos elementos de reacção contra a casmurrice nacional. Desde o momento que um traidor qualquer se lembrou de falsear o pataco, desde o momento que apareceu na circulação o *macanjo*, a estupidez saloia precisou de abrir os olhos, a boa fé burgueza teve que ficar de atalaya, e os srs. marçanos tiveram que espevitar o intellecto,—para verificarem se tinham deante de si um pataco falso ou um pataco verdadeiro.

O pataco estava sendo, portanto, um dynamometro de cobre para experimentar a força intellectual de cada um.

O governo progressista queria exterminal-o. Embora. Mas ninguem poderá obstar a que eu, cheio de saudade, lhe diga d'aqui, a elle, que foi pesado: a terra te seja leve.

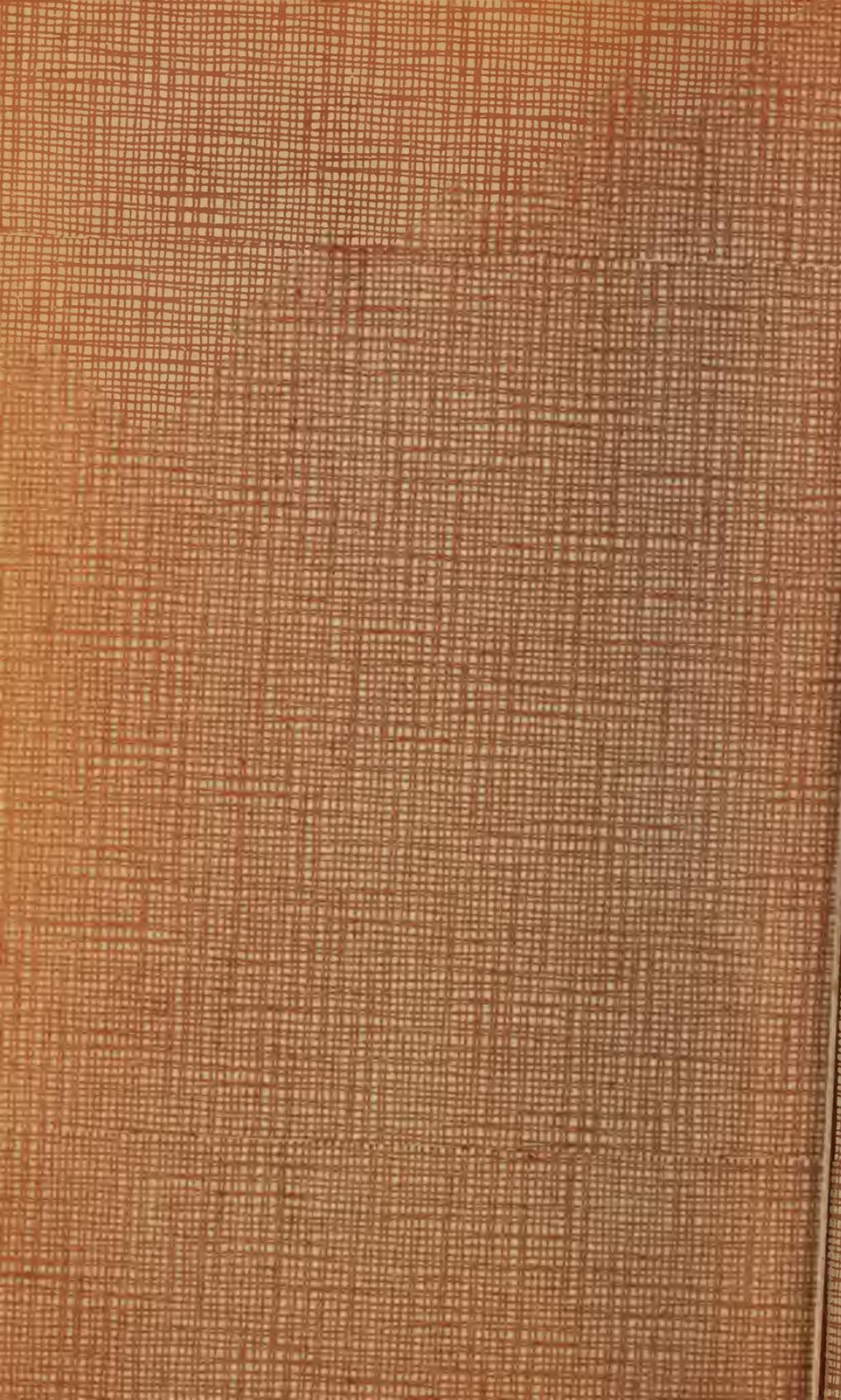
F I M

# INDICE

---

CAP.	PAG.
Prefacio.....	7
I—Concerto matutino.....	17
II—O Jacaré do sr. Marianno de Carvalho.....	25
III—A lenda de D. Mario Annes.....	33
IV—Contrastes.....	41
V—Ensaio geral parlamentar.....	47
VI—Carta ao ex. <sup>mo</sup> sr. Barros Gomes.....	62
VII—Durante a noite.....	68
VIII—Um processo celebre.....	82
IX—A ovelha moribunda.....	88
X—Villegiatures.....	97
XI—Arte de ser lisboeta.....	142
XII—A glandula pineal.....	151
XIII—O discurso da corôa segundo a melhor interpretação.....	159
XIV—A questão dos coroneis.....	169
XV—Os inglezes da esquadra.....	172
XVI—A tribuna parlamentar.....	179
XVI (repetido por engano)—O carnaval.....	185
XVII—Uma hora antes.....	207
XVIII—Lucto do partido miguelista.....	214
XIX—O tio Praxedes perdeu.....	221
XX—O annel de D. Leonor Telles.....	230
XXI—O Chiado.....	240
XXII—Camões e Lisboa.....	251
XXIII—Os Luziadas.....	262
XXIV—O Alviella.....	270
XXV—Os congressos de Lisboa.....	284
XXVI—Jacques Offenbach.....	289
XXVII—A batata.....	295
XXVIII—Como se entra agora na camara dos pares.....	301
XXIX—O pataco.....	307





PQ  
9261  
P46  
02

Pimentel, Alberto  
O que anda no ar

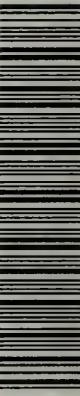
PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 05 09 010 3